



REVISTA
Pergaminho

Volume 3 | Número 1
Jan-Jun | 2023



ISSN: 2764-3522



**ACADEMIA ITAPECURUENSE
DE CIÊNCIAS, LETRAS E ARTES**



REVISTA
Pergaminho

Volume 3 | Número 1 | Jan-Jun | 2023

Itapecuru Mirim - MA

AICLA

2023



Revista Pergaminho

Editor Chefe

Francisco Inaldo Lima Lisboa

Editores adjuntos

Maria da Assenção Lopes Pessoa

Maurel Mamede Selares

Conselho Editorial

Adney Teles (M.e)

Brenno Bezerra de Araújo Pedrosa (Esp.)

Claudiene Diniz da Silva (Dra.)

Francisco Inaldo Lima Lisboa (M.e)

Gabriela de Santana Oliveira (M.a)

José Eduardo Bandeira de Melo Marques
Ferreira (M.e)

Itaan de Jesus Pastor Santos (Dr.)

Jucey Santos de Santana (Esp.)

Laura Virgínia Tinoco Farias (M.a)

Maria da Assenção Lopes Pessoa (Esp.)

Maurel Mamede Selares (M.e)

Nicodemos Bezerra (Esp.)

Tiago de Oliveira Ferreira (Esp.)

Revisão de texto

Francisco Inaldo Lima Lisboa

Projeto Gráfico e Diagramação

Luís Cláudio de Melo Brito Rocha

Academia Itapecuruense de Ciências, Letras e Artes (AICLA)

DIRETORIA ATUAL

Presidente

Francisco Inaldo Lima Lisboa

Vice-presidente

Brenno Bezerra de Araújo Pedrosa

1º Secretário

Ailson Lopes Costa

2º Secretário

Werby Almeida Diniz – Beto Diniz

1º Tesoureiro

Leonete Barros Amorim Barbosa

2º Tesoureiro

Edvan Caldas Soares

Conselho Fiscal

Jucey Santos de Santana

Benedito Bogéa Buzar

Maria da Assenção Lopes Pessoa

Nicodemos Bezerra

Josemar Sousa Lima

Raimundo Nonato Lopes Junior

Academia Itapecuruense de Ciências, Letras e Artes (AICLA)

Rua Paulo Bogéa, s/nº - Centro - Itapecuru Mirim / Maranhão

E-mail: casademarianaluz@gmail.com

Revista Pergaminho [recurso eletrônico]. / Academia Itapecuruense de Ciências,
Letras e Artes, v. 3, n. 1, 2023 __. Itapecuru, MA: AICLA, 2023.

v. 3, n. 1, 104 p.

Semestral

ISSN: 2764-3522 (eletrônica)

ARK: <https://n2t.net/ark:/35231/pergaminho.v3n1>

1. Pesquisa científica - Periódicos. 2. Ciências. 3. Letras. 4. Artes. I. Academia
Itapecuruense de Ciências, Letras e Artes. II. Título.

CDU 001.891(812.1)

SUMÁRIO

ARTIGOS

As crianças e a educação infantil pelo olhar pedagógico de Laura Rosa

José Ribamar Neres Costa9

Os tempos em sua mansa ordem conforme esperas e sofrências:

testemunho e leitura em Terra Sonâmbula de Mia Couto

Marcelo Franz25

Independência (1822 - 1823) e a participação das parentelas no Maranhão

Mateus da Conceição Santos.....37

Semelhanças e diferenças nas personagens Vanju e Lourença em Cais da Sagração de Josué Montello

Alberto Pereira Martins Júnior e Samira Diorama da Fonseca45

As tecnologias digitais na escola: utilizando o Kahoot como recurso didático

Marco Antonio da Silva de Souza57

PowerPoint: recurso presente nas salas de aula remotas e presenciais como ferramenta para o ensino de língua portuguesa

Antonia Raiane de Oliveira Silva73

O impacto do Whatsapp na escrita formal dos alunos do ensino médio: um estudo de caso

Elandia Albuquerque85

POEMAS

Luís Augusto Cassas

Sete Chacras.....95

O autor e sua obra100

EDITORIAL

Caros leitores, a Revista Eletrônica Pergaminho traz uma proposta de divulgação de assuntos literários, artísticos e científicos relevantes, objetivando a difusão do saber e a proliferação de conhecimentos. Incentivando o gosto pela leitura para os que iniciam este importante deleite, assim como para a apreciação daqueles que já têm a leitura como hábito cotidiano.

A nossa Revista possui um espaço amplamente democrático e contínuo de recepção de trabalhos, assim como oportunidades ecléticas de publicação de artigos em muitas áreas do saber. Abrindo a oportunidade para escritores que se iniciam na tarefa de lapidar as palavras, e, também, para os que possuem experiência na nossa escrita.

Nesta edição a Revista continua cumprindo a sua missão de trazer assuntos importantes para a nossa atualidade, com artigos que certamente atrairão os leitores dos mais diversos gostos. Além de presentear nossos leitores com um belíssimo poema para concluir de forma artística mais um exemplar da Pergaminho.

No introito desta publicação, em texto de autoria de Neres Costa, temos uma análise do livro-conferência “As crianças”, escrito pela poetisa, contista e educadora maranhense Laura Rosa. Obra que apresenta aspectos relevantes acerca da família e dos processos de ensino e aprendizagem no Brasil e no mundo ao longo da história da educação. No artigo há a apresentação da vida e obra da escritora, e um resgate histórico da primeira versão do livro e de uma edição mais recente da obra. Trata-se de um texto de leitura obrigatória aos apaixonados pela Educação.

Na sequência temos também um artigo de grande importância de autoria de Marcelo Franz, o qual versa sobre uma interessante corrente literária denominada Literatura de Testemunho, que é uma face da literatura voltada às memórias relacionadas a traumas ou experiências de sofrimento. A partir deste estilo, o autor faz uma análise da obra *Terra Sonâmbula* (2007), romance escrito por Mia Couto, em que a experiência de testemunho enseja um processo de reumanização, em uma narrativa que constrói um universo ficcional que mantém forte elo com a realidade histórica da guerra civil ocorrida em Moçambique, após a colonização portuguesa.

No terceiro artigo, confeccionado por Mateus da Conceição Santos, é realizada uma curiosa análise da obra de Antônia da Silva Mota, “Família e Fortuna no Maranhão Colônia”, fazendo-se um estudo da influência das relações de parentesco na manutenção da herança, na formação de alianças políticas e a participação de membros das famílias Belfort, Gomes de Sousa e Vieira da Silva no processo de resistência e apoio à independência (1822-1823).

Prosseguindo nas publicações, há um excelente artigo redigido por Alberto Pereira Martins Júnior e Samira Diorama da Fonseca, em que há uma fantástica abordagem das semelhanças e das diferenças existentes entre as personagens Vanju e Lourença no romance *Cais da Sagração*, do escritor Josué Montello, publicado no

ano de 1971, porém atemporal. No artigo há uma reflexão sobre o comportamento da mulher dentro da família patriarcal, assim como algumas situações que ainda existem na nossa sociedade, como a submissão da mulher e a misoginia, situações que são ainda repassadas como herança cultural.

No artigo posterior, o autor Marco Antonio da Silva de Souza trata da influência das tecnologias no Sistema Educacional, fazendo a análise da utilização, como recurso didático, de uma plataforma digital baseada em jogos denominada “Kahoot”. É enfatizada no artigo a importância da utilização, por parte dos profissionais da educação, de novas tendências tecnológicas, como forma de diversificar os métodos de ensino e incrementar o processo de aprendizagem dos alunos, possibilitando a interação de professores e alunos com o mundo digital.

No sexto artigo, Antônia Raiane de Oliveira Silva faz um estudo sobre a influência do processo de utilização do programa *Power Point* na didática metodológica dos docentes em relação ao ensino presencial e remoto de Língua Portuguesa. O estudo foi baseado na proposição de perguntas aplicadas a professores da disciplina Língua Portuguesa da educação básica, atuantes no ensino na cidade de Itapecuru Mirim/MA. Objetivando ratificar a introdução das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) ao ensino da língua, mediante a presença dessas ferramentas no cotidiano dos alunos. É um artigo que expõe de maneira enfática a aplicação da tecnologia no ambiente escolar.

O sétimo artigo traz uma importante reflexão da autora Elandia Albuquerque sobre os impactos ocasionados pelos aplicativos de mensagens na escrita dos alunos do ensino médio. O estudo utiliza pesquisa realizada na escola Centro de Ensino Médio Professor Newton Neves, povoado Leite, município de Itapecuru Mirim, no Maranhão, com uma análise baseada na utilização do aplicativo *WhatsApp* e sua interferência no crescimento dos desvios da escrita formal dos alunos.

Para finalizar com chave de ouro esta edição da Revista Pergaminho, temos uma homenagem ao ilustre poeta maranhense Luís Augusto Casas, que nos brinda com o belíssimo “Poema dos Sete Chacras (A Semana da Criação)”. E, parafraseando o poeta, podemos “concluir que estamos satisfeitos. E dizemos: Good!”

Com todos estes escritos de sublimes qualidades, desejamos uma ótima leitura aos apreciadores da Revista Pergaminho, que têm agora mais uma obra de inestimável valor e de uso “sem moderação”.

Até a próxima e boa leitura!

Maurel Mamede Selares

Mestre em Direito pela Universidade Católica de Brasília,
Membro da AICLA e do Conselho Editorial da Revista Pergaminho



Publicado em: 12.02.2024

AS CRIANÇAS E A EDUCAÇÃO INFANTIL PELO OLHAR PEDAGÓGICO DE LAURA ROSA

José Ribamar Neres Costa

Secretaria de Estado da Educação do Estado do Maranhão

São Luís-MA, Brasil

E-mail: joseneres.letras@gmail.com

RESUMO

Este artigo tem dois objetivos principais: a) fazer um resgate histórico de uma obra pouco conhecida, mas que apresenta aspectos relevantes acerca da família e dos processos de ensino e aprendizagem no Brasil e no mundo ao longo da história da educação; b) proceder uma análise comparativa com relação a seu conteúdo e suas implicações na atualidade. O estudo é de natureza qualitativa e está centrado em pesquisa bibliográfica, a partir do método crítico-comparativo entre textos. Os principais teóricos utilizados como suporte ao estudo foram Ariès (2022), Priore (2021), Martorell (2014), Boyd e Bee (2011) e Alves e Araújo (2011), além do *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Ao final da pesquisa, chegou-se a algumas considerações, como, por exemplo: há diferenças explícitas entre os sistemas educacionais adotados em épocas e culturas diferentes; em algumas de suas ideias, Laura Rosa demonstrava estar além de seu tempo, porém, em outros casos, suas concepções educacionais podem ser revistas e contestadas.

Palavras-chave: Educação Infantil; História da Educação; Família.

CHILDREN AND CHILD EDUCATION THROUGH THE LOOK LAURA ROSA PEDAGOGICAL

ABSTRACT

This article has two main objectives: a) to make a historical rescue of a little-known work, but which presents relevant aspects about the family and the teaching and learning processes in Brazil and in the world throughout the history of education; b) carry out a comparative analysis with regard to its content and its current implications. The study is of a qualitative nature and is centered on bibliographical research, based on the critical-comparative method between texts. The main theorists used to support the study were Ariès (2022), Priore (2021), Martorell (2014), Boyd and Bee (2011) and Alves and Araújo (2011), in addition to the Child and Adolescent Statute. At the end of the research, some considerations were reached, such as: there



are explicit differences between the educational systems adopted in different times and cultures; in some of her ideas, Laura Rosa proved to be ahead of her time, however, in other cases, her educational conceptions can be revised and contested.

Keywords: *Child education; History of education; Family.*

1. INTRODUÇÃO

O interesse social pela educação e pelo desenvolvimento físico, emocional e intelectual da criança é algo relativamente novo na história da humanidade, Ariès (2022, p. 71) comenta que: “até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. É difícil crer que essa ausência se devesse à incompetência ou à falta de habilidade. É mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo”.

A temática é tão complexa que até mesmo a percepção do que vem a ser infância e uma possível conceituação sobre o que é ser criança possivelmente não poderiam ser aplicadas a todas as culturas, a todas as épocas e, tampouco, a todas as classes sociais. No entanto, como há uma necessidade de formular conceitos e de delimitar faixas etárias, o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 2015) considera como criança o indivíduo de até 12 anos e adolescente quem estiver no espaço compreendido entre os 12 e 18 anos.

No entanto, apenas o critério etário pode não ser suficiente em uma sociedade que tem que conviver com disparidades econômicas, culturais e com diferentes sistemas de oportunidades. Embora, como demonstram Boyd e Bee (2011) e Martorell (2014), exista uma espécie de previsibilidade nas etapas de desenvolvimento dos seres humanos, os processos educacionais e as perspectivas podem variar de acordo com o contexto cultural no qual a criança esteja inserida, como pode ser visto nas diversas exposições históricas demonstradas por Piletti e Piletti (2011) e nas diversas metodologias que podem ser aplicadas no processo de ensino e aprendizagem, como apresentam Suhr (2012) e Corrêa (1967), ou até mesmo com relação à época ou ao regime político no qual foi educada uma criança, como pode ser visto em Priore (2021).

Embora o contato entre crianças e adultos seja algo inevitável e ocorra desde os primórdios da humanidade, trazendo consigo toda uma gama de transmissão de conhecimentos e despertando a necessidade de aprimoramento dos processos de ensino e de aprendizagem, é comum considerar-se que foi apenas a partir dos anos finais da década de 1940, com os estudos de Philippe Ariès, que a noção sobre o que vem ser a criança dentro de um contexto histórico começou a ser sistematizada e estudada com maior rigor científico.

No entanto, ainda no início do século XX, mais exatamente no final de 1909, era publicado no Brasil um estudo relacionado tanto com uma segmentação histó-

rica e cultural dos variados modelos e métodos de educação existentes no mundo ao longo dos tempos, quanto com uma preocupação com os rumos da educação naquele cenário histórico. Trata-se do livro-conferência *As crianças*, escrito pela poetisa, contista e educadora maranhense Laura Rosa e que é objeto principal de investigação neste artigo.

O estudo está dividido em três partes que interagem entre si e que se completam. No primeiro momento, há uma breve apresentação sobre a vida e a obra de Laura Rosa; a seguir, é feito um resgate do percurso histórico desde a apresentação da primeira versão do texto em um evento ocorrido na Biblioteca Pública do Maranhão, em 1909, até a mais recente edição conhecida, com apresentação sumária das diferenças entre as duas edições da obra; finalmente, são estudadas as duas partes do livro em tela, com o cotejamento de trechos que possam chamar a atenção e levantar questionamento acerca das ideias defendidas pela professora Laura Rosa.

O presente artigo deixa margens para outros estudos e outros levantamentos tanto acerca da obra analisada quanto da temática abordada ou mesmo sobre a autora do texto. A relevância social e cultural está, principalmente, no fato de demonstrar que há pesquisas sobre a educação brasileira que ainda não foram estudadas de modo mais aprofundado e, também, servir como ponto de comparação entre as percepções sobre a criança do Brasil no intervalo de aproximadamente um século.

2. METODOLOGIA

Este artigo apresenta uma abordagem qualitativa, ou seja, que não necessita de comprovação estatística dos dados obtidos, de acordo com Jesus (2006), e que está centrado em pesquisa bibliográfica “realizada a partir de fontes secundárias (...), de material já publicado, como livros, revistas e artigos científicos (JESUS, 2006, p. 80). Os dados foram obtidos a partir de leituras críticas e comparativas.

Para que fossem atingidos os objetivos propostos, foram seguidas as diretrizes indicadas por Severino (2002), que consistem em, após determinada situação problema, proceder ao levantamento bibliográfico a partir da leitura e fichamento de livros, artigos de jornais e demais fontes de pesquisa física e virtuais, para somente depois desses passos proceder à elaboração do texto, com sua respectiva correção estilística e gramatical, para finalmente formatá-lo de acordo com as normas estabelecidas pelo Centro Universitário Internacional Uninter.

3. LAURA ROSA: UM BREVE ESBOÇO BIOBIBLIOGRÁFICO

Filha da senhora Cecília da Conceição Rosa com um pai que não reconheceu a criança e cuja identidade não foi revelada, Laura Rosa foi uma professora, contista, jornalista e poetisa maranhense nascida em São Luís do Maranhão, em 1º de outubro de 1884 e que faleceu na cidade de Caxias (MA), aos noventa e dois anos, no dia ca-

torze de outubro de 1976. Apesar de muito haver contribuído para o desenvolvimento intelectual de seu estado, atualmente a escritora é mais lembrada por haver sido a primeira mulher a ingressar no quadro de sócios efetivos da Academia Maranhense de Letras, instituição para a qual foi eleita para a cadeira 26, em 03 de abril de 1943, e foi empossada duas semanas depois, mais precisamente em 17 de abril, sendo recepcionada pelo jornalista e escritor José Nascimento Moraes.

Apesar de haver sido elogiada por Lobo (2022, p. 114), ainda no início do século XX, “pela simplicidade cantante e doce de seus versos” e de ser “considerada, por muitos, a nossa melhor poetisa antes do modernismo”, conforme comenta Ramos (1993, p. 25), a obra literária de Laura Rosa acabou eclipsada pelo tempo. Seu livro de contos *Promessas* encontra-se desaparecido e seu volume de poemas intitulado *Castelos no ar* permanece inédito. A escritora, cuja atividade intelectual foi bastante “intensa até a década de 1940, [mas] que após esse período só foi localizada a poesia *Esqueleto de Folha* publicada em 1954 na Revista da Academia Maranhense de Letras” (MOTTA, 2016, p. 81), e que ficou conhecida em sua terra pelo pseudônimo de Violeta do Campo, raramente tem sido revisitada em trabalhos tanto no âmbito da Literatura quanto nos estudos relacionados à Educação.

Laura Rosa exerceu a profissão de professora durante um longo período e demonstrou sem conhecimento didático-pedagógico tanto em São Luís quanto em Caxias. Segundo Motta (2016, p. 81):

Sua educação formal ocorreu na Escola Normal do Maranhão, diplomando-se em 12 de janeiro de 1910, como professora normalista. Após seis dias foi nomeada para a Escola Mista do 2º distrito, na cidade de Caxias - MA. Permanecendo ali por quatro anos e, posteriormente transferida para São Luís, até a aposentadoria em 1944.

O ponto mais destacado das atividades intelectuais de Laura Rosa possivelmente foi o relativo a seu trabalho com as letras. A poesia de Laura Rosa traz uma aura do estilo simbolista, “são versos impregnados de sons, de cores, alguns na estética difundida no Brasil por Cruz e Sousa” (RAMOS, 1993, p. 26). Depois de décadas de quase total esquecimento, os poemas de Laura Rosa foram coligidos pela professora Diomar das Graças Motta e publicados, em 2016, pela Academia Maranhense de Letras sob o título de *Poesias Reunidas de Laura Rosa*. No ano seguinte, a mesma pesquisadora trouxe à luz novamente, em forma de livro, a conferência *As crianças*, que é objeto do presente estudo.

AS CRIANÇAS: A TRAJETÓRIA DE UM LIVRO

No número de estreia do Jornal *Correio da Tarde*, no dia 1º de dezembro de 1909, logo na primeira página é possível encontrar a seguinte chamada: “A poetisa Laura Rosa fará no sábado próximo, no salão da Biblioteca Pública uma conferência literária, dissertando sobre o tema *As Crianças*” (CORREIO DA TARDE, 01.12.1090, p.

1). Por se tratar de uma jovem intelectual que até então era mais conhecida por seus versos publicados em jornais e revistas do que por sua atuação no campo da educação, o redator da nota jornalística foi provavelmente induzido a presumir que ela falaria sobre um tema literário em sua conferência programada para o dia 4 daquele último mês do ano de 1909. Tal engano foi, porém, corrigido na edição que circulou no dia do evento, com o seguinte teor: “A poetisa Laura Rosa, conforme dissemos já, fará hoje, na Biblioteca Pública, uma conferência dissertando sobre as crianças” (CORREIO DA TARDE, 04.12.1090, p. 1).

O pronunciamento da jovem professora Laura Rosa aparentemente foi um sucesso, conforme foi noticiado na edição de 5 de dezembro, que traz a seguinte notícia:

Conforme foi noticiado, dissertou, no Salão da Biblioteca Pública, sobre “As Crianças”, a inteligente poetisa Laura Rosa. Foi grande a concorrência, e a conferencista, que discorreu pelo espaço de hora e meia, foi muito cumprimentada pelo êxito brilhante que alcançou. à conferência assistiu o Exm^o. sr. governador do Estado. Na próxima quinta-feira, o nosso confrade Luiz Carvalho falará sobre As Pessoas (CORREIO DA TARDE, 05.12.1090, p. 1).

Tratava-se o evento, além de parte das comemorações pela passagem do 130^o aniversário da Biblioteca do Estado, da continuidade de um projeto chamado Universidade Popular Maranhense, que tinha como objetivo levar às pessoas interessadas conhecimentos acadêmicos a partir de palestras proferidas por personalidades da cultura local. Nas diretrizes da programação havia a proposta de apresentar debates “sobre interessantes assuntos, ao alcance de todos e despidos das bordaduras da retórica e da eloquência da tribuna”, conforme explica artigo publicado no *Correio da tarde*, em 03 de dezembro de 1909.

Proferida a palestra, o texto foi transformado em um pequeno livro que foi publicado ainda em 1909 e posteriormente distribuído a algumas pessoas e instituições, como pode ser visto a partir de uma notícia publicada no ano seguinte, comentando que: Recebemos um exemplar do folheto contendo o resumo da conferência realizada no salão da Biblioteca Pública, a 4 de dezembro do ano findo, a propósito d’As Crianças, pela talentosa poetisa Laura Rosa. Agradecemos a gentil oferta (CORREIO DA TARDE, 14.02.1910).

Esse opúsculo, que foi publicado pela Imprensa Oficial, é composto por apenas 38 páginas, pode hoje ser encontrado no acervo físico da Biblioteca Pública Benedito Leite e tem em sua folha de rosto a indicação de que o texto é uma reprodução da “conferência realizada no salão da Biblioteca Pública, a 4 de dezembro de 1909 (ROSA, 1909, p. 02). Esse material foi posteriormente digitalizado e atualmente pode ser consultado e/ou baixado a partir de links¹ disponíveis no Acervo digital de Obras Raras da já citada instituição cultural.

1 O livro pode ser consultado em: http://casas.cultura.ma.gov.br/portal/sgc/modulos/sgc_bpbl/acervo_digital/arg_ad/201408272236271409189787_74541409189787_7454.pdf.

Depois de décadas sem ser estudada em profundidade, mas sendo constantemente citada por causa do pioneirismo de haver sido a primeira mulher eleita para a Academia Maranhense de Letras, a educadora e poetisa maranhense voltou a ter sua atuação pedagógica novamente discutida ao fazer parte do *corpus* de estudo da professora Diomar das Graças Motta, que, no ano de 2000, defendeu, na Universidade Federal Fluminense, a tese intitulada *Mulheres professoras na política educacional do Maranhão*.

Mesmo sendo homenageada em um artigo escrito pela também poetisa e acadêmica Laura Amélia Damous, por ocasião do centenário da Academia Maranhense de Letras, em 2008, e sendo incluída, em 2014, em uma exposição que reuniu 13 mulheres relevantes para o cenário histórico e cultural do Maranhão, o nome e a obra de Laura Rosa ainda careciam de maior divulgação. Observando esse vazio com relação aos estudos sobre a autora de “Esqueleto de folha”, a professora Diomar Motta recolheu em revistas e jornais os poemas esparsos da poetisa e publicou, em 2016, o livro *Poesia Reunida de Laura Rosa*, pela editora da Academia Maranhense de Letras.

No ano seguinte, em 2017, foi a vez de chegar novamente a público uma edição de *As Crianças*, também organizada por Diomar Motta. Nessa nova edição, composta por 53 páginas, além da atualização ortográfica, de um breve estudo explicativo e de um glossário, foi feita uma divisão mais clara com relação às duas partes da obra, com uma esquematização mais precisa das civilizações que são estudadas no primeiro momento da conferência. Tudo isso com a tentativa de modificar o mínimo possível o texto e as ideias originais. Contudo, o livro teve uma tiragem pequena, sendo atualmente encontrado apenas em acervos particulares e em algumas bibliotecas, voltando à condição primária de raridade bibliográfica.

5. AS CRIANÇAS NO OLHAR PEDAGÓGICO DE LAURA ROSA

Apesar de ser uma obra curta, por questões didáticas, a autora decidiu estruturar seu discurso em dois momentos complementares, mas que podem ser lidos de modo independente. Ela principiou fazendo uma abordagem histórica e depois passou para questões mais práticas, conforme pode ser visto nos tópicos a seguir.

5.1 PRIMEIRA PARTE: UM PASSEIO PELA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

A conferência proferida por Laura Rosa no salão principal da Biblioteca Pública do Maranhão, em 04 de dezembro de 1909, quando a escritora contava com apenas 25 anos de idade, foi esquematizada em três partes. No primeiro momento, de modo bastante rápido e sintético, a autora, após citar os nomes de alguns intelectuais que também já discursaram naquele recinto, como é o caso de Antônio Lobo, Domingos Barbosa e Fran Paxeco. Recorda também que há mais ou menos dois meses ela ainda frequentava os “bancos escolares, ouvindo da minha carteira de estudante, as preleções de meus professores, que à força do tempo, da prática e das investigações

se irão acomodando no meu cérebro” (ROSA, 2017, p. 11). Essa fala remete à informação de que, possivelmente, essa conferência foi a primeira atividade pública após a conclusão de seu curso, que deve ter ocorrido no mês de outubro do ano corrente.

O público presente era formado basicamente “por mestres, discípulos e senhoras mães de família”, conforme explica Motta (2017, p. 07), e as falas foram divididas em dois blocos harmônicos, a saber, “traços históricos da educação antiga e a criança no lar” (ROSA, 2017, p. 11).

Ato contínuo, a conferencista teceu elogiosos comentários a Raimundo Almir Nina Rodrigues (1862-1906), “médico e pedagogista maranhense e um dos mais devotados obreiros do progresso da Atenas Brasileira, desgraçadamente ceifado há pouco pela morte, em pleno vigor de trabalho e de vida” (LOBO, 2022, p. 07) que fora mentor de toda uma geração de intelectuais no Maranhão e que foi constantemente citado ao longo do discurso.

Porém, antes de adentrar diretamente no foco dos estudos relativos a como as crianças foram tratadas ao longo da história da humanidade, a jovem professora advertiu à plateia que “muita gente confunde a *educação* com a instrução” (ROSA, 2017, p. 13), passando então a defender a tese, com base nos ensinamentos recebidos do professor Almir Nina e nas leituras das obras de filósofos e educadores como Platão, Aristóteles, Sêneca, Comenius e Rousseau para os quais a instrução é algo adquirido no convívio com a instituição escolar e a educação é algo oriundo do seio familiar e do convívio com o meio no qual as crianças estivessem inseridas, chamando a atenção para a teoria aristotélica que defende a noção de que “a educação é um processo que abraça todos os períodos da formação humana” (ROSA, 2017, p. 16).

Depois de citar casos de natureza anedótica e que carecem de comprovações científicas, Laura Rosa passou a descrever, de modo bastante sintético, dada a natureza do evento, como foram vistas e educadas as crianças ao longo do tempo em diferentes culturas, deixando claro, porém, que “não me ocuparei da educação moderna porque seria falar, então, uma noite inteira” (ROSA, 2017, p. 17).

O primeiro local explorado na palestra foi a China, país onde, no olhar de Laura Rosa, “tanto na família, porém, quanto na escola, como na sociedade, a educação é exterior, superficial e oprimida. Pode-se concluir, portanto, que a educação de hoje ali, geralmente falando, é a mesma de outras eras longínquas” (ROSA, 2017, p. 19-20). Os preceitos educacionais defendidos por Confúcio são assim sintetizados pela pesquisadora maranhense:

Desde os tempos mais remotos até agora, só têm aparecido na China dois reformadores da educação familiar, escolar e social:

Lao-tsée e Cong-tsée. O primeiro foi um espírito de liberdade, de progresso e de ideias novas; não foi, porém, atendido.

O segundo celebrizou-se sob o nome de Confúcio, teve, segundo a tradição, mais de três mil discípulos, triunfou sobre suas ideias de prática, moralidade e utilidade, baseada na autoridade do Estado e da família, como sobre o interesse individual (ROSA, 2017, p. 19).

Essa observação dialoga com os estudos de Piletti e Pilleti (2013) que, utilizando-se de referências e de dados mais atualizados e aprofundados sobre a educação na China, comentam ter sido Confúcio:

o mais célebre filósofo chinês. Viveu em um tempo de caos e corrupção na China antiga. Sua filosofia priorizava a ética nas relações pessoais e políticas. Valorizava a família, principalmente o respeito aos pais. Criou um sistema de moral bem de acordo com a maneira de ser do povo chinês. Tal sistema valorizava a tradição, o culto aos mortos, o ensino da virtude e o altruísmo. E a melhor maneira de transmitir esse ensinamento era, segundo ele, o bom exemplo (PILETTI e PILETTI, 2013, p. 16).

Ainda com relação à educação no Oriente, a conferencista passou então a estudar a educação entre os hindus. Sempre associando as questões educacionais aos fatores sociais, econômicos e políticos, ela destacava que:

Esse povo caracteriza-se, ainda hoje, pelo espírito de casta, pelo socialismo e pelo panteísmo, se bem que, em alguma coisa já, um tanto modificado para mais hodierno. (...) Só era dado aos padres e aos brâmanes a aprendizagem da lógica, da retórica e da matemática, quanto a instrução superior. (...) Quanto à instrução primária, ou era ministrada na família, a par da sonambulesca e absurda educação, ou ao ar livre, à sombra das árvores, ou pelos brâmanes, sob tendas, em caso de tempo carrancudo (ROSA, 2017, p. 21-22).

Essas mesmas observações podem ser encontradas, com outras palavras no livro *História da Educação*, escrito cerca de um século depois da conferência proferida pela jovem professora na Biblioteca do Pública, conforme pode ser visto nos fragmentos abaixo:

A primeira característica da educação na Índia é a de ser uma educação de castas. Todo indivíduo nasce e permanece numa das castas. As castas hindus são quatro: os brâmanes ou sacerdotes, os xátrias ou guerreiros, os vaixás ou classe industrial, e os sudras ou classe servil. (...) A instrução se restringe às três castas superiores. (...) Geralmente a escola funcionava ao ar livre, à sombra de uma árvore. Em caso de mau tempo, transferia-se para uma área coberta (PILETTI e PILETTI, 2013, p. 21).

A educação entre os fenícios é vista em poucas linhas, atentando para o fato de que, nessa cultura, era papel das mães a transmissão dos feitos heroicos dos antepassados, principalmente com relação à vida no mar e que, na própria casa, as crianças eram ensinadas “a jogar armas, a ler, a calcular e a escrever. Aos 12 anos começavam a cortar ousadamente as ondas bravias do mar encapelados, senhores dos seus barcos e da sua coragem” (ROSA, 2017, p. 23).

Os israelitas, vistos como “um povo sem pátria, sem governo, sem chefe” (ROSA, 2017, p. 25), cuja educação “consistia em moralizar o lar pela palavra e pelos

exemplos para que a criança aprendesse vendo, ouvindo, observando e imitando” (ROSA, 2017, p. 25), são apresentados primeiramente em seus aspectos segregacionistas nos quais havia uma clara divisão entre o que homens e mulheres deveriam estudar, sendo que as crianças, de modo geral deveriam aprender as leis de Jeová e as virtudes humanas, mas, tendo em vista o mundo prático, “a menina aprendia a cozer, tecer, cantar e... fazer bife. o menino, a ler e escrever. Nada de liberdade de ação” (ROSA, 2017, p. 25).

A autora reconheceu em sua fala que a partir da segunda metade do século XIX, Israel passou por um processo de evolução em seus aspectos educacionais com a criação de pelo menos uma escola em cada cidade e a divisão de 25 alunos para cada professor. No entanto, algumas tradições ainda eram preservadas como, por exemplo, o fato de que a educação moral devia ser ministrada em casa “pelos parentes mais velhos e respeitáveis; o mestre-escola devia ser casado, também avançado em idade e considerado experiente na vida (ROSA, 2017, p. 26).

Entre os persas, a escritora destaca a rigidez com que eram tratados e punidos os infantes, que eram educados com base no medo inspirado pelos adultos, principalmente pelos pais. Nessa cultura, a criança:

Devia obediência absoluta aos pais e aquele que recusasse três vezes a obedecê-los era digno de morte. Quanto aos mestres, deviam ser ainda mais respeitados que os pais, atendendo que esses tinham por missão iluminar-lhes o espírito (ROSA, 2017, p. 27).

A leitura do texto deixa claro que a autora não comungava das ideias defendidas pelo filósofo Xenofonte, consideradas por ela como algo muito poético e pouco prático.

Para finalizar a primeira parte de sua conferência, a professora Laura Rosa estudou a educação na Grécia, mais precisamente em duas das cidades mais conhecidas e divulgadas: Esparta e Atenas, lembrando que:

Enquanto Atenas cultivava o espírito, Esparta cultivava o físico. Aquela preparava oradores, filósofos, cientistas, sábios eminentes, esta última disciplinava fortes e vigorosos soldados, lutadores, de musculatura de ferro e peitos amplos desenvolvidos pela ginástica, instituída pelo célebre Licurgo.

Enquanto Atenas espalhava as teorias científicas, suas letras cultivadas e brilhantes, seus maravilhosos trabalhos de arte; espalhavam os espartanos suas conquistas por terra e mar, seus gloriosos feitos bélicos (ROSA, 2017, p. 31).

Aproveitando o ensejo, a conferencista destacou também o fato de que a palavra pedagogia tem origem grega e teceu um breve histórico das origens dessa área do conhecimento humano.

Chamava-se pedagogo o aio que costumava levar as crianças às escolas, e com elas lá ficava vigiando-as e ouvindo as lições. À força de irem todos os dias ali, acabavam osaios por aprender e, finalmente, passavam a preceptores das crianças. E a essa aprendizagem deram o nome de Pedagogia (ROSA, 2017, p. 31).

O papel dos pais gregos na formação física e intelectual dos filhos era delimitado. Do nascimento até os catorze anos, eram as mães atenienses incumbidas de ensinar às crianças “a dança, a comédia, a música, a tragédia e a poesia” (ROSA, 2017, p. 32). A partir, porém do décimo quarto ano de vida as crianças recebiam lições de “epopeia, ginástica, matemática, geografia, filosofia e retórica de seus genitores do sexo masculino (ROSA, 2017, p. 32). Em Esparta, no entanto, as mães ensinavam ginástica e canto aos filhos até os sete anos de idade, a partir daí, os filhos eram entregues à educação paterna. Porém, “por considerar corruptora a influência do mais velhos”, Piletti e Piletti (2013, p. 29) lembram que o filósofo grego Platão recomendava que as crianças fossem separadas dos pais e encaminhadas para o campo, onde receberiam uma educação predominantemente voltada para os aspectos físicos.

Com a análise da educação na Grécia, Laura Rosa encerrou a primeira parte de seu estudo, passando, então para o segundo momento, que tratava das questões práticas na educação das crianças, conforme será visto a seguir.

5.2 SEGUNDA PARTE: EDUCAÇÃO NA PRÁTICA FAMILIAR

A segunda parte da conferência proferida por Laura Rosa é dedicada aos aspectos práticos da educação da criança dentro da casa materna. De modo bastante lírico, a professora maranhense inicia seu texto defendendo a ideia de que “a criança é o símbolo da alegria e da inocência, a flor perfumada e casta que desabrocha no seio maternal (ROSA, 2017, p. 35).

A Lei nº 8.069, de 13 de abril de 1990, conhecida como *Estatuto da Criança e do Adolescente*, estabelece que deve ser considerada “criança, para efeito desta lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescentes aquelas entre doze e dezoito anos de idade” (BRASIL, 2015, p. 9). Porém, no início do século XX, Laura Rosa, com base nos critérios da época, utilizou a seguinte divisão para estabelecer os limites etários que foram abordados em sua conferência e, ao mesmo tempo, para situar as pessoas presentes no recinto no dia do evento e seus possíveis leitores, pois, conforme já foi dito, no mesmo ano o texto lido foi publicado em livro:

Eis porque a vida humana também é dividida em períodos: 1º antes do nascimento; 2º do nascimento aos 3 anos; (são estes os verdadeiros períodos da puericultura), 3º dos 3 anos aos 7. (E este o primeiro período pedagógico, o período pré-escolar e o da meninice), 4º dos 7 aos 14; período da adolescência, também escolar e pedagógico; 5º dos 14 aos 20 anos (é o período da juventude; e daí para diante a educação é toda de prática e de experiências até à morte) (ROSA, 2017, p. 17).

A primeira fase a ser escrutinada é aquela que vai do nascimento aos três anos de idade. Ela chamou logo a atenção para um aspecto cultural do Brasil com o qual ela não concordava: a presença da ama de leite nos lares brasileiros.

Esse hábito de “faltando leite à mãe alugava-se uma ama de leite negra (isso no caso das famílias de posse e já no início do século XX)” (PRIORE, 2021, p. 88), que

segundo Freyre (2000, p. 413) era comum em Portugal e “transmitira-se ao Brasil o costume das mães ricas não amamentarem os filhos, confiando-os ao peito de sa-loia ou escravas”, era visto por Laura Rosa como algo absurdo, principalmente por nem sempre ser possível averiguar-se a procedência e o estado de saúde dessas amas de leite. Embora Freyre (2000), décadas depois viesse a explicar a necessidade dessa prestação de serviço em muitos casos pela debilidade física das mães, a educadora maranhense disse textualmente que:

Chamar amas-de-leite é o pior dos erros! Que perigo, minhas senhoras, que falta! Em tempo algum lembrem-se disso! Uma ama-de-leite... quem será essa mulher? Quem sabe? Condutora, talvez, da tuberculose ou da tísica, da linfa-tite ou de outras moléstias hereditárias ou transmissíveis (ROSA, 2017, p. 36).

Essa observação de Laura Rosa, se vista de maneira descontextualizada, pode parecer preconceituosa, porém o interesse da educadora não recai na condição social das amas de leite, mas sim na proteção à saúde do recém-nascido. Ela inclusive chega a admitir situações nas quais uma ama de leite deveria ser acionada, pois “as próprias mães devem cortar logo a amamentação se presentirem em si alguma moléstia má, contagiosa ou transmissível a minar-lhe o organismo” (ROSA, 2017, p. 37), ou seja, somente na impossibilidade de amamentar o próprio filho que a mulher deveria recorrer ao leite de outras mulheres. Para ela, “compete à mamãe alimentar-se escrupulosamente lembrando-se, constantemente, que daquilo que ingerir irá uma parte no seu leite para o pequeno (ROSA, 2017, p. 35).

Os temores de Laura Rosa eram oriundos possivelmente do conhecimento da alta taxa de mortalidade infantil, cujas causas eram variadas, perpassando pelo:

abuso de comidas fortes, o vestuário impróprio, o *aleitamento mercenário das amas de leite atingidas por sífilis, boubas e escrófulas*, a falta de tratamento médico quando das moléstias, os vermes, a ‘umidade das casas’, o mau tratamento do cordão umbilical, entre outras que estão presentes até hoje” (Priore, 2021, p. 92 – grifo nosso).

Outro detalhe para o qual a jovem professora chamou bastante a atenção foi o fato de as mães oferecerem “pipos de borracha aos pequerruchos, mas pipos sem outra coisa a chupar senão ar” (ROSA, 2017, p.36). Segundo ela, os pipos (que também recebem o nome de chupetas em diversas partes do Brasil), causam dois malefícios para as crianças. Por um lado, podem tornar as crianças “birrentas, gulosas, choronas e simplesmente enjoadas, não contando as outras manhas, que muito naturalmente, toda a criança adquire”, (ROSA, 2017, p.36), podendo trazer também consequências físicas, pois “o ar absorvido vai encher de gases desnecessários o organismo” (ROSA, 2017, p.36), podendo levar a criança a sentir dores abdominais.

Mesmo passado mais de um século após a conferência realizada na Biblioteca Pública do Maranhão, ainda há dúvidas quanto a efetividade ou não de oferecer chupeta para as crianças como modo de distrair e de evitar o choro. Sobre isso, Boyd

e Bee (2011, p. 124) comentam que “a maioria dos bebês para de chorar quando os tomamos nos braços, abraçamos e falamos ou cantamos para eles. Dar uma chupeta para o bebê sugar também costuma ajudar”, porém não deixam de advertir sobre alguns problemas que podem advir da sucção desse artefato, recomendando que “caso a criança ainda esteja sugando o polegar ou usando chupeta, o dentista recomenda que esse hábito seja abandonado o mais breve possível” (BOYD e BEE, 2011, 214). Essa recomendação encontra ressonância em Martorell (2014, p. 173), que adverte para o fato de que “o uso prolongado de chupeta pode causar problemas dentários”.

O cuidado com a higiene física, com a limpeza do ambiente e com o vestuário das crianças foi outra preocupação de Laura Rosa durante seu pronunciamento. Ela afirmou textualmente que “todo o cuidado na roupinha dos pequeninos é pouco; sempre lavada e escaldada, sempre passada a ferro para que sejam mortos os micróbios que lhes possam vir, sempre perfumada, sutilmente, para que reúna o útil ao agradável (ROSA, 2017, p. 39) e acrescentou que o leito da criança “deve ser fofo, macio e renovado a cada instante, sem um ponto duro ou úmido” (ROSA, 2017, p. 38).

Além de recomendar a constante higienização das roupas e demais peças do enxoval da criança, a autora chamou a atenção para o acúmulo de objetos que possam acumular resíduos, evitando-se, assim “aglomerações de trastes, de roupas, de bibelôs e de quinquilharias. É preciso que o ar circule sem embaraços e que não haja cama para o pó que vier de fora” (ROSA, 2017, p. 40).

Algumas atitudes bastante recorrentes na educação familiar à época da conferência e que provavelmente eram compartilhadas entre mães e pais foram severamente criticadas por Laura Rosa, como por exemplo: “obrigarem as crianças a suste-rem-se de pé mal tenham completado um mês de nascida” (ROSA, 2017, p. 41) e, provavelmente para induzir a criança ao sono, “dar vinho com água às criancinhas recém-nascidas” (ROSA, 2017, p. 41). Ela não admitia tais práticas e recomendou que elas não fossem replicadas.

Em uma época em que os castigos físicos em crianças, tanto nos lares quanto nas escolas, eram considerados aceitáveis, como pode ser visto em Corrêa (1967) e em Alves e Araújo (2011), Laura Rosa defendia ideia diametralmente oposta, por exemplo, à que é exposta pelo senhor Olavo, tio de Cazuza, para quem:

criança merece sempre uma bordoadada, disse com seu vozeirão. O professor nunca é injusto. Às vezes pensamos que ele castigou demais. É engano. Quando o castigo é demais nesta falta, serve para suprir o que foi insuficiente ou nenhum naquela outra. Bordoada nunca faz mal à criança (CORRÊA, 1967, P. 64, grifos nossos).

Porém, no olhar pedagógico da conferencista, “Pancada não educa, desbria” (ROSA, 2017, p. 43), ou seja, o ato de bater nas crianças só serve para minar-lhe o orgulho, e não para ensinar algo. Ela preferia o diálogo à violência. por isso recomendava:

“repreendi a criança com brandura, contrariai-a nos casos mais exigentes, contai-lhe história de bons meninos, mas... castigos corporais, nunca (ROSA, 2017, p. 43).

A visão pedagógica de Laura Rosa com relação aos castigos físicos destoa daquilo que pode ser verificado em textos ficcionais e em relatos de época que demonstram que a punição e o castigo físico faziam parte de estrutura tanto da escola quanto dos lares onde as crianças eram educadas, conforme demonstram Alves e Araújo (2011). Sobre aspecto da educação brasileira, Freyre (2000, p. 472) destaca que “nos antigos colégios (...) houve verdadeira volúpia em humilhar a criança; em dar bolo em menino”.

Por se tratar de um assunto bastante polêmico, que segundo Ariès (2021), vem sendo discutido desde a Idade Média, estudiosos de diversas linhas de pensamento se dividem com relação à necessidade ou não de impor castigos físicos às crianças. Martorell (2014) explica que há casos em que

castigos, tais como isolamento ou negação de privilégios, às vezes são necessários. As crianças não podem ter permissão para sair correndo no meio da rua ou bater em outra criança. Às vezes, a criança é propositalmente desafiadora. Nessas situações, o castigo, se consistente, imediato e claramente vinculado à ofensa, pode ser eficaz. Ele é mais eficaz quando acompanhado por uma explicação simples da transgressão e um comportamento alternativo que deve ser apresentado em seu lugar (MARTORELL, 2014, p. 210).

Por outro lado, há outros pesquisadores da educação que concordam com as ideias defendidas por Laura Rosa no início do século XX e defendem a ideia de que “crianças vítimas de castigos corporais e maus-tratos passam a sofrer de transtornos de conduta” (ALVES e ARAÚJO, 2011, p. 67).

Importante notar que no *Estatuto da Criança e do Adolescente*, em seu Artigo 18-A, impede que a educação seja utilizada como pretexto para a imposição de castigos físicos aos educandos menores de idade, independentemente do grau de relacionamento entre os atores educacionais, conforme pode ser visto a seguir:

A criança e o adolescente têm o direito de ser educados e cuidados sem o uso de castigo físico ou de tratamento cruel ou degradante, como formas de correção, disciplina, educação ou qualquer outro pretexto, pelos pais, pelos integrantes da família ampliada, pelos responsáveis, pelos agentes públicos executores de medidas socioeducativas ou por qualquer pessoa encarregada de cuidar deles, tratá-los, educá-los ou protegê-los (BRASIL, 2015, p. 14).

Encaminhando-se para o final de sua conferência, Laura Rosa, após dizer que, “aos sete anos, a criança deve tomar os livros e caminhar para a escola, onde o mestre lhe vai iluminar sua inteligência” (ROSA, 2017 p. 44), o que remete tanto à idade que àquela época era necessária para o ingresso da criança na vida escolar, quanto a seu posicionamento com relação à chamada visão tradicionalista da educação, que vê a escola como instituição que tem como objetivo “preparar os alunos por meio da assimilação dos conteúdos para assumirem sua posição na sociedade”, conforme explica Suhr (2012, p. 84), sendo a exposição oral o principal recurso utilizado pelo docente,

que esperava “dos alunos apenas a repetição do que foi transmitido pelo professor ou descrito no material didático” (SUHR, 2012, p. 84).

Outro ponto que exige um pouco mais de atenção na fala da pedagoga maranhense é o que faz referência à divisão delimitada de obrigações entre mães e pais na educação dos filhos. Ela defendia a tese de que, aos quatorze anos:

eis a idade em que os pais entram em ação, se se trata de um menino; mas se for de menina... Fora! só entrarão em cena quando houver namoro grosso ou cheiro de casamento; *compete à genitora educá-la, mas dar-lhe uma educação elevada e superior instrução* (ROSA, 2017, p. 44, grifos nossos).

Trata-se evidentemente de uma visão ideológica da época compartilhada pela autora e já estudada por ela ao referir-se à educação ateniense. A defesa de uma educação na qual o genitor do sexo masculino não pudesse contribuir para a educação das filhas e que a responsabilidade recaísse unicamente sobre a mãe da adolescente iria inclusive, se tal informação fosse analisada sob uma perspectiva da atualidade, de encontro ao que preceitua o Artigo 4 do *Estatuto da Criança e do Adolescente*, como pode ser visto abaixo:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 2015, p. 10).

Para finalizar sua participação, retomou o tom poético do princípio de sua fala e disse que “uma casa sem crianças... Que tristeza, falta-lhe a vida; é como um grande viveiro vazio, como um grande deserto!” (ROSA, 2017, p. 44), e, a seguir, declamou, em francês, o poema “*Lorsque l'enfant paraît*”², do poeta e prosador francês Victor Hugo, seguido de uma tradução para o português realizada pela própria conferencista.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro *As crianças*, escrito pela professora e poetisa maranhense Laura Rosa, nasceu de uma conferência proferida pela autora em dezembro de 1909. Apesar de trazer em suas páginas informações importantes acerca da história da educação e de cuidados práticos com relação papel da família da formação das crianças no início do século XX, a obra é relativamente desconhecida até mesmo para quem é estudioso do assunto, haja vista não ser comentada nem mesmo citada nos compêndios que tratam sobre educação.

O livro, cuja edição mais recente é de 2017, está dividido em duas partes: na primeira, Laura Rosa fez um passeio por curiosidades sobre as formas de ensinar as crianças em diversas culturas e civilizações. A seguir, deixando a erudição em segundo plano, a pesquisadora, dirigindo-se principalmente às mães, narra algumas efemé-

2 *Lorsque l'enfant paraît* – Quando a criança aparece, em tradução de Laura Rosa.

des e dá conselhos práticos sobre aleitamento materno, higiene, relacionamentos familiares, uso de acessório para acalmar as crianças e castigos físicos, entre outros.

Apesar de se tratar de uma obra datada, pois foi produzida com o intuito de fornecer informação para pessoas do início do século XX, e de trazer algumas exemplificações que atualmente podem ser consideradas como anedóticas, a leitura do livro não pode ser considerada totalmente obsoleta, contendo, inclusive, muitas ideias que são discutidas em pleno século XXI.

REFERÊNCIAS

ALVES, Laura Maria Silva Araújo; ARAÚJO, Sílvia Maria Araújo. Castigos corporais e disciplinamento na escola. In: CASTRO, César Augusto; CURY, Cláudia Engler. **Objetos, práticas e sujeitos escolares no Norte e Nordeste**. São Luís: Edufma/UFPB/Café & Lápis, 2011.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 3ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2022.

BOYD Denise; BEE, Helen. **A criança em crescimento**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

BRASIL, República Federativa do. **ECA – Estatuto da criança e do adolescente**. São Paulo: Eureka, 2015.

CORRÊA, Viriato. **Cazuza**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

DIARIO DA TARDE. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DOCREADER/docreader.aspx?BIB=388459>. Acesso em: 26.06.2022.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande & senzala**. 39ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

LOBO, Antônio. **Os novos atenienses**. 5ª ed. São Luís: AML/Eduema, 2022.

MARTORELLI, Gabriela. **O desenvolvimento da Criança: do nascimento à adolescência**. Porto Alegre: AMGH, 2014.

MOTTA, Diomar das Graças (org.) **Poesia Reunida de Laura Rosa**. São Luís: Edições AML, 2016.

PILETTI, Claudino; PILETTI, Nelson. **História da educação: de Confúcio a Paulo Freire**. São Paulo: Contexto, 2013.

PRIORE, Mary Del. O cotidiano da criança livre no Brasil entre a Colônia e o Império. In: PRIORE, Mary Del. **História das crianças no Brasil**. 7ª ed. São Paulo: Contexto. p. 84-106.

RAMOS, Clóvis. **As aves que aqui gorjeiam – Vozes femininas na poesia maranhense**. São Luís: SIOGE, 1993.

RODRIGUES, Auro de Jesus. **Metodologia científica**. São Paulo: Arvecamp, 2006.

ROSA, Laura. **As crianças**. Imprensa oficial: São Luís, 1909.

ROSA, Laura. **As crianças**. São Luís: Edufma, 2017. (org. de Diomar das Graças Motta).

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 22^a ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2002.

SUHR, Inge Ranate Fröse. **Teorias do conhecimento pedagógico**. Curitiba: Intersaberes, 2012.



Publicado em: 12.02.2024

OS TEMPOS EM SUA MANSA ORDEM CONFORME ESPERAS E SOFRÊNCIAS: TESTEMUNHO E LEITURA EM TERRA SONÂMBULA DE MIA COUTO

Marcelo Franz

Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba-PR, Brasil

E-mail: mfranz4390@gmail.com

RESUMO

Observa-se atualmente um aumento no interesse pela literatura de testemunho por parte dos estudos literários. Essa corrente literária, de acordo com SELIGMANN SILVA (2003), mais do que um gênero em si, é uma face da literatura, geralmente voltada à caracterização de memórias relacionadas a algum trauma ou experiências de sofrimento. Em geral, trata-se da ficcionalização amparada na leitura de uma circunstância histórica, valendo-se do simbólico como forma (e força) de expressão que, embora voltada ao factual, mantém-se livre da prisão do verossímil trivial. Um exemplo dessa situação ocorre no romance *Terra Sonâmbula* (2007) de Mia Couto, no qual o centro do enredo é o contato do protagonista Muidinga com os escritos de Kindzu, achados nos escombros de uma guerra que destruiu o país onde vive. A relação afetiva que o garoto mantém com aqueles cadernos – que contam, de modo simbólico, da sua resistência - leva Muidinga a superar a monotonia e a morbidez do ambiente de devastação causada pela guerra. A sua capacidade leitora lhe possibilita visitar outras realidades além do sofrimento e dos desafios que é obrigado a enfrentar. A partir destes apontamentos, pretende-se observar e refletir acerca do efeito dos escritos de testemunho sobre quem os lê a ponto de as memórias neles presentes interferirem na sua construção identitária individual.

Palavras-chave: Testemunho, Leitura, Humanização.

TIMES IN ITS MANSA ORDER ACCORDING TO EXPECTATIONS AND SUFFERENCES: TESTIMONY AND READING IN TERRA SONÂMBULA BY MIA COUTO

ABSTRACT

There is currently an increase in the interest in testimonial literature on the part of literary studies. This literary current, according to SELIGMANN SILVA (2003), more than a genre in itself, is a facet of literature, generally aimed at characterizing memories related to some trauma or experiences of suffering. In general, it is about fictio-

nalization supported by the reading of a historical circumstance, using the symbolic as a form (and force) of expression that, although focused on the factual, remains free from the prison of trivial plausibility. An example of this situation occurs in the novel *Terra Sonâmbula* (2007) by Mia Couto, in which the center of the plot is the protagonist Muidinga's contact with the writings of Kindzu, found in the rubble of a war that tore apart the country where he lives. The affective relationship that the boy maintains with those notebooks – which tell, in a symbolic way, of his resistance – leads Muidinga to overcome the monotony and morbidity of the environment of devastation caused by the war. His reading ability allows him to visit other realities besides the suffering and challenges he is forced to face. From these notes, it is intended to observe and reflect on the effect of the testimonial writings on those who read them to the point that the memories present in them interfere in their individual identity construction.

Keywords: Testimony; Reading; Humanization.

1. INTRODUÇÃO: MIA COUTO, NARRATIVA, MEMÓRIA E HISTÓRIA

As narrativas de Mia Couto são riquíssimas em imagens que propõem o diálogo entre o real e os universos oníricos, já que ele não se satisfaz em representar o real em sua máxima proximidade, embora a ele retorne – de modo crítico - pela via do simbólico. Deve-se esclarecer que a opção pelo fantástico certamente não é arbitrária. Mesmo com a referência constante a figuras mitológicas em algumas de suas narrativas, a compreensão do histórico, do social e do político está sempre no horizonte de suas criações. Também está sempre presente na composição de seus textos a influência da tradição oral. Contudo, Nelson Pestana esclarece que “ninguém em Moçambique fala da maneira como escreve Mia Couto, e esse é apenas um dos pontos que revelam sua inovação linguística” (RIOS, 2005, p. 26). Depreende-se deste modo que, embora a influência da oralidade não caracterize a escrita de Couto em sua totalidade, ela o favorece como estímulo de criação e experimentação da linguagem.

Analisaremos a obra *Terra Sonâmbula* (2007), narrativa que constrói um universo ficcional que mantém forte elo com a realidade histórica por se remeter aos problemas surgidos pela guerra civil em seu país, após a colonização portuguesa. O tema de nossa análise é a ocorrência, no romance, de uma experiência de testemunho, associada a uma leitura do testemunhado que enseja um processo de reumanização. Faz-se necessária uma incursão pelo debate teórico desses temas a fim de, com eles, subsidiarmos nossa análise do romance de Couto.

2. TESTEMUNHO, LEITURA E REUMANIZAÇÃO

Em épocas caracterizadas pela ocorrência de barbáries e catástrofes como o século XX, é natural que venham à tona relatos de experiências traumáticas e que estes se constituam, pela transfiguração ficcional, como tema, contexto ou cenário

de obras literárias. No plano pessoal, recordações traumáticas são um peso árduo na memória das vítimas e sobreviventes e, ainda que a superação do trauma não se conquiste com facilidade, a narração da dor (ou da desumanização) vivenciada é um recurso que pode servir de apoio às vítimas.

A representação literária destas experiências se constitui como testemunho, denúncia e processamento dos traumas vividos. A produção artística de experiências testemunhadas atraiu bastante interesse em pesquisas da década de 1970 em diante, mas o debate a esse respeito ainda está em curso. Consideramos de fundamental relevância esclarecer alguns pontos relacionados ao assunto valendo-nos do estudo *Testemunho da Shoah e literatura*, de Márcio Seligmann-Silva nas reflexões que serão aqui apresentadas. Primeiramente, o estudioso considera que a literatura de testemunho esteja mais para uma face da literatura do que para um gênero, já que ela emerge em épocas de catástrofes e a essas se reporta. Além disso, do ponto de vista conceitual, o que a define é a complexidade do seu compromisso com o real, uma vez que nela se representam traumas vivenciados factualmente e que são representados por meio de uma “escritura”. O nó dessa questão reside, segundo Seligmann-Silva, na relação entre trauma e linguagem. Em leitura de chave freudiana, o autor sustenta que o trauma – base da experiência testemunhal tornada literatura – é justamente aquilo que resiste à representação. Em consequência disso, o modo como o real (doloroso) é alcançado pela linguagem é sempre um desafio nesses relatos (SELIGMANN-SILVA, s.d. p. 11).

Seligmann-Silva propõe um questionamento acerca dos limites da fala e da experiência. Constata que além de a descrição ser sempre parcial, ela nunca dará conta de representar a experiência do sobrevivente. Mesmo que os recursos estéticos, artísticos e literários favoreçam a representação, as sensações enfrentadas pela vítima não serão vivenciadas por mais ninguém, já que “A língua sempre apaga o singular e coloca o geral no seu lugar: ela é a perda a priori” (SELIGMANN-SILVA, s.d. p. 2).

Dentre as inúmeras reações presentes no ato de compartilhar traumas pessoais destacam-se duas: o ato de revivenciar e o desabafo. Estas reações podem existir interdependentes. Isto porque é provável que a decisão de reviver experiências perturbadoras tenha algum motivo significativo e na maior parte das situações seja a intenção do desabafo. Dentre as razões que justificariam a necessidade de manifestar memórias traumáticas, Seligmann-Silva menciona: 1) o impulso para se livrar da carga pesada da memória do mal vivenciado; 2) a dívida de memória para com os que morreram; 3) o ato de denúncia; 4) o legado para as gerações futuras; 5) o gesto humanitário na medida em que o testemunho serviria como uma memória do mal.

Pode-se dizer que o testemunhal, em diferentes graus, perpassa toda a literatura há tempos. Mas o conceito de literatura de testemunho – e todo o problema que

1 O estudo citado encontra-se disponível no site: http://diversitas.fflch.usp.br/files/active/0/aula_8.pdf. Não há indicação de data da sua publicação. Nosso acesso a ele aconteceu no dia 12/09/2015.

ele comporta – chegou até as criações atuais através da leitura (ou releitura, no sentido de ressignificação) que os autores atuais e de outras partes do mundo têm feito de narrativas de autores europeus prisioneiros nos campos de concentração nazistas, autores como Primo Levi, Jorge Semprum, Paul Celan, Imre Kertesz etc. Trata-se de uma criação artística cujas condições especiais em que se dá é marcada, em todos os casos, pela urgência de contar para viver e, ao mesmo tempo, viver para contar. A literatura surgida nessas condições é, de saída, abalada por um trauma e pelo questionamento subjacente a cada ato testemunhal quanto às suas possibilidades expressivas uma vez que as testemunhas vivenciam dramaticamente a limitação do discurso que represente o absurdo da situação que as vitima. A pergunta pressuposta na atitude narrativa assumida por esses condenados é: Será que tal situação caberia em palavras normais? Por outro lado, calar implicaria esquecer, e o esquecimento seria a vitória da morte. Não a morte pessoal de cada um (já que essa é inadiável e, por isso, tolerável), mas a morte como projeto de estado, a morte como afronta à dignidade humana (SELIGMANN-SILVA, 2003).

O fato é que traumas de guerra, nem sempre podem ser testemunhados. No famoso ensaio *O narrador*, Walter Benjamin constata que os sobreviventes de guerra retornavam privados da arte de narrar: “No final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável.” (BENJAMIN, 2012). Nesse sentido, deve-se considerar que testemunhos de guerra são fruto de um percurso memorialístico delicado, e quando transcritos na linguagem literária, vão além do mero exercício de relatar. A recordação insere a vítima novamente nos cenários de sofrimento. Além disso, nota-se nesse testemunho a complexidade dos limites entre memórias coletivas e individuais. Esse processo sempre sofrerá interferência das sensações sofridas pelo narrador e isto influenciará nas tomadas de decisões no momento de desenvolver a narrativa. De acordo do Sarlo:

O testemunho (...) é composto daquilo que um sujeito permite ou pode lembrar, daquilo que ele esquece, cala intencionalmente, modifica, inventa, transfere de um tom ou gênero a outro, daquilo que seus instrumentos culturais lhe permitem captar do passado, que suas ideias atuais lhe indicam que deve ser enfatizado em função de uma ação política ou moral no presente, daquilo que ele utiliza como dispositivo retórico para argumentar, atacar ou defender-se, daquilo que conhece por experiência e pelos meios de comunicação, e que se confunde, depois de um tempo, com sua experiência (SARLO, 2007, p. 58-59).

Deve-se atentar para o fato de que relatos testemunhais são parte de uma experiência de comunicação, o que pressupõe, na realização do testemunho, uma intencionalidade diante do eventual receptor. Frequentemente o objetivo de relatos assim é o de repercutir, por meio do discurso, a intensidade da experiência traumática a fim de, por meio do impacto causado, alertar a recepção a fim de que se evite repetir no futuro a condição (social, política, cultural) que propiciou o trauma em

quem o testemunha ou ao grupo de que ele faz parte. Na base dessa lógica está a certeza de que a leitura pode ser vista como recurso de construção pessoal do leitor, sendo a descrição do trauma uma potência reumanizadora. Através do ato de ler o indivíduo assume a condição de construir-se individualmente relacionando-se com a voz do outro, podendo estabelecer forte identificação. Afinal, segundo Antonio Candido: “A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (CANDIDO, 2004, p. 180).

Para pensar nas relações entre memória e leitura é pertinente esclarecermos a origem do termo “ler”. Em sua origem latina, o verbo *legere* em sua primeira acepção, indicava o ato de colher. As civilizações arcaicas europeias assumiam uma posição de sacralidade diante do ato de colher, pois através dele é que assumiam condições de sobrevivência. Neste mesmo sentido é possível se deduzir sua relação com a memória já que num dado momento era um dom divino de poucos privilegiados e era através destes que os feitos históricos e os ensinamentos ancestrais eram transmitidos. É a partir do surgimento da escrita que se inicia o processo de dessacralização da memória, outrora visto como dom que cabia a poucos, para tornar-se técnica, algo possível de ser ensinado e adquirido por meio de exercícios. Com isso, não são somente os privilegiados pelo dom divino que alcançam essas memórias, pois o acesso poderia se dar através da escrita, pela ação da leitura.

Pensando na estrita relação que o ato de ler e a memória, Jouve (2002) postula que ler é uma atividade plural, um processo que põe em jogo cinco dimensões: a neurofisiológica, a cognitiva, a afetiva, a argumentativa, e a simbólica. Por motivos de espaço, não haverá condições de observarmos todas de modo detalhado, então atentaremos para a afetiva. Aqueles que se identificam com a leitura literária costumam se relacionar com esse exercício de modo bastante intenso. Ler é uma operação de percepção, de identificação e de memorização de signos (JOUVE, 2012, p.17), uma atividade complexa de interpretação capaz de provocar diversos tipos de emoções a quem se dá a tal experiência. Reações deste tipo se estabelecem devido ao envolvimento entre leitor e texto com grandes possibilidades de manifestações de reações que vão além do estímulo cognitivo, mas que também se aproximam do contato afetivo. Para Jouve (2002, p.19).

O charme da leitura provém em grande parte das emoções que ela suscita. Se a recepção do texto recorre às capacidades reflexivas do leitor, influi igualmente – talvez, sobretudo – sobre sua afetividade. As emoções estão de fato na base do princípio de identificação, motor essencial da leitura de ficção. É porque elas provocam em nós admiração, piedade, riso ou simpatia que as personagens romanescas despertam nosso interesse (JOUVE, 2002, p.19).

Nesse sentido, os que já experimentaram essa sensação prazerosa de relacionar-se afetivamente com o texto, certamente já não cogitam a possibilidade de ficar muito tempo sem aventurar-se no mundo das narrativas. O sentido construído atra-

vés deste processo tende a se estabelecer no contexto em que o leitor se enquadra, logo, o contexto é um fator de estímulo que movimenta as reações do leitor. “Toda leitura interage com a cultura e os esquemas dominantes de um meio e de uma época. A leitura afirma sua dimensão simbólica agindo nos modelos do imaginário coletivo que os recuse que os aceite” (JOUVE, 2002, p. 22).

Nos últimos anos, os estudos literários têm atentado para o processo de recepção do que é lido. Algumas das conclusões recentes consideram que o leitor é parte fundamental para a formação do sentido do texto. O fenômeno da pluralidade de interpretações permitidas pelos textos literários deixa aberta esta liberdade para que o indivíduo seja parte fundamental nas tomadas de decisões no momento da leitura.

Em contextos de trauma como os que abordamos neste artigo, ter possibilidade de relacionar-se afetivamente com o texto lido torna-se um refúgio ante a árdua realidade vivenciada. Isto é representado em *Terra Sonâmbula* e mais a frente observaremos isso mais atentamente.

Embora componham áreas de interesse independentes, os estudos da ficção de testemunho têm se ligado aos estudos pós-coloniais já que, em muitos casos, a condição de colonizado é vivenciada como fator do trauma relatado ficcionalmente. A independência de países Africanos, como Moçambique, trouxe não só liberdade das garras de um colonizador, mas também a busca por liberdade de pensamento, e da essência da africanidade. O que se tinha antes era um país retratado por europeus, com a sua forma de ver o povo de maneira exótica e primitiva. Após 1975, o que se vê é o início da busca pelo que é ser realmente e essencialmente africano.

Essa busca por uma essência que já havia se perdido leva ao resgate de crenças que permeavam a sociedade moçambicana antes da colonização. Nesse sentido, além de a escrita se estabelecer como processamento de manifestações traumáticas por meio dos relatos testemunhais, ela também contribui para que comunidades colonizadas tenham, por fim, condições de manifestar seus costumes e de seus modos de relacionar-se com o meio social e de denunciar as injustiças enfrentadas pelo processo colonizador ou os traumas das guerras de descolonização.

Um dos maiores representantes da literatura pós-colonial africana é o autor Mia Couto. Aprofundaremos a seguir alguns aspectos ligados ao testemunhal em *Terra Sonâmbula*.

3. VIVENDO OS TESTEMUNHOS:

LEITURA E MEMÓRIA EM TERRA SONÂMBULA

Em *Terra Sonâmbula* notamos a forte relação de memórias testemunhais e leitura. Mia Couto constrói uma trama composta de duas histórias simultâneas ambientadas no trágico cenário de morticínio e sofrimento ocasionado pela guerra ci-

vil moçambicana. A narrativa inicial se até à contínua fuga de dois sobreviventes, um velho, Tuahir, e uma criança, Muidinga, em fuga da barbárie ocasionada pela guerra. Estão em constante busca pelos pais do menino e, se possível, também por um resquício de humanidade. Ante a destruição que os rodeia e acompanha, Tuahir disputou o pequeno Muidinga com a morte, saindo vitorioso da disputa. Descreve que isso aconteceu em um momento em que encontrou alguns corpos de crianças e percebeu que em uma delas, ainda restava um suspiro de vida, e assim acabou resgatando o pequeno e a partir daí dedicou-se à sua recuperação tendo de “ensinar todos os inícios: andar, falar, pensar” (COUTO, 2007, p. 10). Aos poucos Muidinga se recuperou, tornando-se seu companheiro de fuga.

A outra narrativa, inserida na primeira, é a registrada em alguns cadernos (espécie de diários) encontrados pelos fugitivos. Em seu percurso de evasão, Muidinga e Tuahir se deparam com um cadáver que, pelos sinais observados, havia acabado de ser assassinado. Junto a ele está uma mala, para a qual muito rapidamente eles se dirigem. O velho, ansioso por encontrar algo que dê uma trégua em sua fome, não dá a mínima importância para os cadernos encontrados pelo menino. Este, entretanto, desde que toma posse dos papéis, vivencia uma profunda comoção.

Uma das mais interessantes propostas do romance de Mia Couto é a de compartilhar uma narrativa entre leitor empírico e personagem. Isto porque, os textos presentes nos cadernos são descritos (e lidos) exatamente do mesmo modo, pelos dois personagens, e, também, pelo leitor da obra. A princípio, o acesso aos cadernos aciona em Muidinga a capacidade de ler, algo esquecido até o momento de encontrá-los. Mas o fato de não saber ler não priva Tuahir de também se envolver com os escritos, já que Muidinga realiza as leituras em voz alta permitindo que o velho também se insira no universo lido. Ao longo da narrativa sugere-se que esse ato os aproxima e os retira momentaneamente da realidade sofrida de morticínio ocasionada pela guerra.

Kindzu, o autor dos diários, se assemelha aos outros dois personagens por sua necessidade de distanciar-se da realidade violenta que enfrenta. Decide tornar-se um naparama, figura que se caracteriza como “defensor das populações moçambicanas injustiçadas, independente de sua etnia, raça ou região” (ROCHA, 2006, p. 62). Seu itinerário é descrito em seu diário. A conservação de suas experiências, preservadas pelo recurso da escrita, possibilita a permanência de sua memória mesmo após sua morte. O relato inicia com a seguinte passagem:

Quero pôr os tempos, em sua mansa ordem, conforme esperas e sofrências. Mas as lembranças desobedecem, entre a vontade de serem nada e o gosto de me roubarem do presente. Acendo a estória, me apago a mim. No fim destes escritos, serei de novo uma sombra sem voz (COUTO, 2007, p. 15).

Percebe-se o conflito psicológico enfrentado pelo personagem, se sentindo no dever de registrar todo o ocorrido e para isso se obriga a reviver momentos abalados pela violência. Tal postura inequivocamente enquadra sua criação textual na pro-

posta do testemunhal. Suas lembranças são involuntárias e ele já não assume controle sobre elas. Seu presente se constitui apenas de sombra, pois sua luminosidade foi extinta pela guerra. Mas o que verdadeiramente se passou, em sua consistência factual, ficou ao largo do que foi redigido. O universo imaginário explorado pelo jovem memorialista dá testemunho, com sua força simbólica, de um esforço de sobrevivência e redenção. O viver para contar alia-se ao contar para viver.

A morte de Kindzu não ocasiona a sua extinção, pois os escritos o constituíram como existência e permitiram que Muidinga e Tuahir o conhecessem e nele se reconhecessem. Estimulados pela fruição da leitura, os dois leitores se transferem, ainda que temporariamente, de seu universo para o dos escritos. Tuahir afirma que ouvir as histórias lidas por Muidinga, reduz a sua solidão naquele ambiente. A passagem abaixo permite-nos perceber o valor afetivo que os cadernos adquirem mesmo para o sujeito impossibilitado de ler:

O velho pede então que o miúdo dê voz aos cadernos. Dividissem aquele encanto como sempre repartiram a comida. *Ainda bem você sabe ler*, comenta o velho. Não fossem as leituras eles estariam condenados a solidão. Seus devaneios caminhavam pelas letrinhas daqueles escritos.

- Me lê, miúdo. Vai lendo enquanto e faço um serviço (COUTO, 2007, p. 47).

É possível depreender ao longo do relato de Kindzu as atrocidades resultantes da guerra, em especial a fragilidade enfrentada pelas “minorias” no jogo de poder que se estabelece no contexto do caos. Mulheres e imigrantes figuram dentre algumas das vítimas. Segundo seus relatos, Kindzu seguia à procura daquele que pode vir a torná-lo um naparama e em sua trajetória percorreu diversas comunidades, cada qual com seus embates. No seguinte fragmento, presente nos diários de Kindzu, descreve-se o território em que ele se depara, indicando o as “conquistas” da guerra civil:

O que testemunhei naquela povoação foram coisas sem hábito neste mundo. Gentes imensas se concentravam na praia como se fossem destroços trazidos pelas ondas. A verdade era outra: tinham vindo do interior, das terras onde os matadores tinham proclamado seu reino. Consoantes as pobres gentes fugiam também os bandidos vinham em seu rasto como hienas perseguindo agonizantes gazelas. E agora aqueles deslocados se campeavam por ali sem terra para produzirem a mínima comida. Deviam viver há vários dias, presenciadas as trouxas e fogueiras espalhadas em múltiplas desordens (COUTO, 2007, p. 55).

A viagem de Kindzu é revivida por Muidinga e Tuahir através da leitura dos cadernos, ao mesmo tempo em que o leitor empírico da obra é convidado a percorrer esse mesmo caminho. Nesse sentido é conveniente recorrer às observações a respeito da relação leitor e obra. Que relações estabelecem Muidinga e Tuahir com a leitura dos cadernos? A princípio, *Terra Sonâmbula* pode ser entendida, em sua essência, como uma narrativa que ficcionaliza de modo complexo um ato leitor, o que o situa numa tradição bastante antiga da literatura ocidental. A propósito, a tematização do ler configura uma das mais presentes na criação ficcional da língua portuguesa. De

acordo com Marisa Lajolo e Regina Zilberman, em *A formação da leitura no Brasil* (1996), a ficcionalização do leitor é extremamente importante para se pensar sobre uma história social da escrita. Nas palavras das autoras, tematizar a leitura é dar “lugar privilegiado para o tecimento desta história não só por representá-la ou questioná-la, mas, principalmente, por tecê-la a partir da linguagem em que se criam tais leitores de papel e tinta” (LAJOLO, e ZILBERMAN, 1996, p. 52).

Um modo clássico de representação literária do leitor é aquele em que se procede a ficcionalização, no enredo do romance, de um ato de leitura, sendo o personagem protagonista caracterizado, entre outras coisas, mas com grande destaque, como alguém que lê e tem sua vida marcada por isso. A série das obras que se deram a isso é longa e, em alguns casos, como no do *Dom Quixote*, de Cervantes, oferecem, a partir da ficção, importantes contribuições para se pensar sobre o papel da leitura na vida individual, uma vez que se representam cenas de leitura – e suas consequências - para que o leitor identifique no texto uma situação que pode se reproduzir na sua experiência:

As concepções modernas se voltam à indagação de como o leitor age na composição do sentido da obra e como esta “reage” - ampliando seu sentido em variadas condições históricas – aos modos como é lida. À figura do leitor visto como mero desvendador se sobrepõe a do “sujeito-leitor”, inserido no processo histórico de construção de sentidos, criando-os à luz das suas relações com o mundo e, por vezes, tornando mais complexas essas relações com o mundo e, por vezes, tornando mais complexas essas relações a partir do que lê e do processo criativo a que se dá enquanto lê. (FRANZ, 2012, p. 42).

Quando observamos a relação dos personagens leitores Muindinga e Tuahir com o que leem e seu profundo envolvimento com os cadernos, à luz das observações citadas acima, podemos compreender a identificação e a projeção das vidas dos dois personagens na do autor dos textos lidos. Isto porque a realidade apresentada – e recriada linguisticamente - nos escritos não está distante da do mundo externo. Essa percepção de proximidade faz com que Muindinga pressuponha estar muito próximo dos eventos e situações descritos no texto lido. Ele, que está em busca de seus pais, acaba cogitando ser Juanito, irmão de Kindzu, referido nos textos deste e que, segundo seu testemunho, teria desaparecido devido a uma ordem imposta ao pai de Kindzu, pois ele deveria escolher um dos filhos para sobreviver ao extermínio que vitimaria o autor do diário. Isso mostra que, mais do que captar os sentidos do texto lido, o personagem leitor os reconstrói a partir da sua experiência.

Esta cogitação é, junto com outras, uma reação de criação de sentido para o texto lido estimulada por ele. Em consonância com as novas concepções do ato leitor, notamos que o modo como o livro de Mia Couto aborda a atitude de Muindinga entende esse ato como de transformação recíproca, isto é: o leitor se deixa transformar pelo que lê ao mesmo tempo em que age transformando o texto a que tem acesso. As percepções de leitura de Muindinga são ocasionadas pelas suas experiências

personais, influenciadas pelo desejo de que determinados eventos aconteçam. Se é verdade que o leitor jamais poderá ser o mesmo após a experiência da leitura, igualmente, pela atribuição de um sentido radicado em sua vivência pessoal, esse leitor faz com que o texto lido jamais volte a ser o mesmo após lê-lo.

O indivíduo em cada evento de sua vida é resultado das vozes que por ele passaram influenciando na composição de suas crenças, formação de opinião e tomadas de decisões. Esta multiplicidade de diálogos nunca é estática nem tão pouco definitiva. Isto condiciona o indivíduo a um estado de transformação. Nesse sentido:

É impossível ler uma obra literária como única no mundo, sem que faça, sabendo disso ou não, relações com suas experiências de vida e de leitura. Em suma não há composição textual pelo autor sem que se ative uma rede de memórias do já criado (que é relido). Não há produção de sentido pela recepção se que se ative uma rede de memórias do lido (que é criado). (FRANZ, 2012, p. 42-43)

Nota-se, por fim, que o romance de Mia Couto transfigura e funde variadas experiências memorialísticas e de leitura. Do ponto de vista de Kindzu, a escrita, vista como expansão de uma urgência de vida em meio ao horror da morte, é um meio de reprocessar a memória, perpetuando, com a força do texto uma vivência que cumpre não esquecer. O que ele escreve revela sua “leitura” do mundo que lhe é possível ver. Trata-se de uma escrita agônica e de resistência, um clamor dirigido a um eventual – ainda que incerto – leitor a fim de alertá-lo sobre a desumanização e o perigo de ela se repetir. Por outro lado, a memória dos leitores desse testemunho (Muidinga e Tauhir), é acionada (e, também, instigada, provocada) pelo ato leitor. O profundo mergulho no que é lido faz com que esses leitores não só se informem sobre a realidade testemunhada pelo autor do texto lido, mas se reconheçam (projetando-se) nele e redimensionem a sua visão do humano, da história e da própria linguagem.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter **Magia e Técnica, Arte e Política - Obras Escolhidas** - Vol. I. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 8ª Ed. 2012.

CANDIDO, Antonio. “O direito à literatura”. In: *Vários Escritos*. Rio de Janeiro: Duas Cidades, 2004.

COUTO, Mia. **Terra sonâmbula**. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

FRANZ, Marcelo. *Memória vivida, memória lida: a ficção memorialística e a interferência da leitura*. In THIEL, Janice C. (et al.). **Prismas: visões da leitura na contemporaneidade – estudos literários e da linguagem**. Curitiba, Editora Champagnat, 2012.

JOUBE, Vincent. **A leitura**. Trad. Brigitte Hervot. São Paulo: UNESP, 2002.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.

RIOS, Peron Pereira Santos Machado. **A Viagem Infinita :Um Estudo de Terra Sonâmbula**. Disponível em: http://www.repositorio.ufpe.br/jspui/bitstream/123456789/7993/1/arquivo8445_1.pdf. Acesso em: 10 out 2015.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **História, Memória, Literatura. O testemunho na era das catástrofes**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

SELLIGMAN-SILVA, Marcio. **Testemunho da Shoah e literatura**. Disponível em: http://diversitas.fflch.usp.br/files/active/0/aula_8.pdf. Acesso em: 12 set. 2015.





Publicado em: 12.02.2024

INDEPENDÊNCIA (1822 – 1823) E A PARTICIPAÇÃO DAS PARENTELAS NO MARANHÃO

Mateus da Conceição Santos

Universidade Federal do Maranhão, São Luís, Brasil

E-mail: conceicaomateus91@gmail.com

RESUMO

Este artigo é baseado na obra de Antônia da Silva Mota “Família e Fortuna no Maranhão Colônia”, tem como proposta analisar as relações de parentesco na manutenção da herança, na formação de alianças políticas e a participação de membros da parentela Belfort, Gomes de Sousa e Vieira da Silva no processo de resistência e apoio a independência (1822-1823), bem como relacionar os motivos da resistência a adesão ao regime de D. Pedro I, principalmente na capitania do Norte.

Palavras-chave: Parentela; Lideranças e conflitos; Economia; Independência.

INDEPENDENCE (1822 – 1823) AND THE PARTICIPATION OF RELATIVES IN MARANHÃO

ABSTRACT

This article is based on the work of Antônia da Silva Mota “Family and Fortuna in Maranhão Colony”, has as its purpose to analyze the relationship in the maintenance of the inheritance, the formation of political alliances and the participation of family members Belfort - Gomes de Sousa – Vieira da Silva in the process of resistance and support to independence (1822 – 1823), as well as to relate the reasons of resistance to adherence to the regime of D. Pedro I, mainly in the captaincy of the North.

Keywords: Parentage; Leadership and conflict; Economy; Independence.

1. INTRODUÇÃO

A parentela e a política sempre tiveram relações íntimas na formação das cidades, já que todo o desenvolvimento econômico se baseava no domínio pertencente às chamadas famílias principais, e a formação do Maranhão não foi diferente. O poder político esteve atrelado ao domínio de algumas famílias, sendo vistas como uma estratégia ideológica no jogo do poder. Nesse contexto, a família e o Estado atuam de forma semelhante, assumindo conceitos próximos, trabalhando basicamente em

um único benefício. Desta maneira, pode-se entender que já havia uma mentalidade composta de princípios, que apenas continuava a ser executada ao decorrer dos séculos, pois os mesmos mecanismos eram observados nas demais cidades colonizadas. Visando estabelecer uma permanente descendência de parentesco, as famílias consideradas de mesmo nível social, usavam o casamento endogâmico para estabelecer uma linhagem elitizada. A partir dessa visão, faz-se necessário refletir às palavras de Tanya Brandão sobre casamentos consanguíneos:

[...] que o casamento de pessoas ligadas por laços de parentesco muito próximos funcionaram como fórmula de conservação do patrimônio familiar. Exemplos típicos são os casos de tios-esposos que administravam a herança de suas esposas e os de primos-cônjuges cujos filhos recebiam por morte dos pais, as terras antes pertencentes aos avós comuns. Os casamentos entre parentes, além de preservar a base econômica, davam coesão política às famílias. Pelo sistema de parentesco bilinear, assegurou-se a todos os membros *status* e acesso aos bens materiais (BRANDÃO, 1995, p.282-4 APUD MOTA, 2006, p. 134).

Além do processo de casamentos endogâmicos, era também utilizado o método que se baseava na conservação do nome da família, estabelecendo assim uma linhagem de nomes que trazia o nome de antecedentes familiares e que proporcionava muito benefício nas questões de herança para aceitação social. Seguindo esse contexto, é notório identificar que essas relações de nomes homônimos eram estabelecidas apenas para o sexo masculino, já que eram considerados os chefes de família. O período era caracterizado pela regência do paternalismo, ou seja, o chefe da família que continha a autoridade da família, dessa forma deveriam acompanhar de perto a educação dos jovens e nortear seus caminhos familiares. O papel do chefe da família era fundamental para que filhos, sobrinhos e afilhados pudessem ter um casamento vantajoso e que pudesse fortalecer a família, evitando conflitos familiares, dessa forma essa prática fundamentava-se no autoritarismo, que utilizava os bens ou a herança para punir ou favorecer os membros do grupo familiar.

Na proporção que se fala de parentela no Maranhão, é importante destacar a linhagem do irlandês Lourenço Belfort, já que ele é uma figura de bastante prestígio que faz referência no campo econômico e que expandiu sua família em uma proporção extensa, a qual obteve um lugar nas chamadas famílias principais. Esse processo de sociabilidade se divide em dois momentos marcantes: a construção do seu espaço na região e quando a família ganha reconhecimento como uma das famílias principais. O reconhecimento adquirido também é visto por outras famílias como uma oportunidade de união, que visava à adesão de postos na máquina administrativa, como é o caso do coronel Aires Carneiro, que conseguiu empréstimos e ocupou postos de destaque na hierarquia militar, ganhando reconhecimento como nobre de antiga linhagem. Dessa forma, percebe-se que o processo de parentesco serviu também como uma maneira de favorecer e ingressar de modo permanente nas famílias que tinham prestígios e grande poder político, estabelecendo-se até um conceito entrelaçado, a do casamento oportuno, que se caracterizou pelas oportunidades de ganho.

2. DISPUTAS PELA LIDERANÇA DA PARENTELA

O texto trata de conflitos ocorridos na disputa da liderança da parentela Belfort. Após o falecimento do irlandês Lourenço Belfort o qual comandou e ampliou o poder da família Belfort exercendo altas funções, como militar, foi Capitão chegando ao posto de mestre de Campo, nomeado no dia 22 de agosto de 1768, em São Luís, foi proprietário da mais antiga casa comercial. Entre várias realizações e projetos executados também por este, pode-se citar a fundação de uma importante Fazenda adotando a igreja e cemitério na margem esquerdo do Itapecuru como prova o seu requerimento de 07 de setembro de 1769.

Com sua morte a família Belfort passou a ser liderada por Antônio Belfort, o qual foi nomeado administrador dos bens, tornando-se um importante Líder, pois além de outras funções ocupou o cargo de vereador em São Luís. Antônio Belfort manteve os procedimentos de seu pai, solicitando incansavelmente terras às autoridades, ampliando dessa forma cada vez mais as propriedades herdadas do pai. No final do século XVIII a família tinha crescido por meio de uniões, portanto o direcionamento da família extensa era compartilhado entre João Belfort e Antônio Belfort, este responsável pelas iniciativas políticas, enquanto João Belfort cuidava dos empreendimentos produtivos da família, mas apesar do esforço deles, não chegaram a alcançar junto a coroa Lusitana as honrarias dadas ao pai.

“As mulheres da família Belfort, em especial as viúvas, exerceram importante papel no meio social local” (MOTA, 2006, p. 139). Francisca Maria Belfort, por exemplo, era considerada como uma espécie de bancária, pois ela tinha vários devedores que haviam contraído com ela quantias consideráveis, entre estes estão seus parentes e “grandes proprietários rurais, como o comendador Honório José Teixeira e o Capitão Joaquim Francisco Launé” (MOTA, 2006, p. 139), conseguindo, desta maneira, aumentar consideravelmente seu patrimônio deixado pelo seu pai, marido e com ajuda de seus filhos e genros. Francisca Maria Belfort morreu em 1816, deixando grande patrimônio em dívidas a receber, pois ela financiava muita gente incluindo fazendeiros, também emprestava capital aos parentes, compadres e amigos.

O Coronel de Milícia, Marcelino Nunes Moreira, genro de Dona Madalena Belfort, também foi uma referência nessa geração como está em Registro, como um homem de boa conduta, confiável, este era testamentário de praticamente todos os parentes de sua mulher, Dona Isabel Maria Freire. No início do século XIX, esse grupo de elite teve outra liderança, o filho de Rosa Maria Belfort e Bernardino de Castro Pereira, chamado Lourenço de Castro Belfort. Devido ao seu nome e por ter sido proprietário rural, muitas vezes era confundido com seu avô Lourenço Belfort (MOTA, 2006, p. 140), assim como seu avô, teve uma boa liderança, assumindo de forma coerente um papel decisivo na movimentação política que culminou na adesão da capitania ao Império do Brasil.

Poucos foram os conflitos no extenso grupo familiar, conflitos maiores aconteceram quando Antônio Belfort foi preso pelo cunhado, Aires Carneiro Homem Souto Maior, comandante do Regimento de Milícia do Itapecuru, pois ele mandou prender vários governantes alegando que estes estavam faltando nas obrigações inclusive Antônio Belfort. Por conta da prisão de Antônio Belfort, Aires Carneiro foi criticado e ridicularizado publicamente. Aires Carneiro dirigiu um requerimento ao então Governador Fernando Pereira Leite de Foios, nesse requerimento era pedido que fosse resolvida a partilha de bens deixados pelo falecido Lourenço Belfort. É importante ressaltar que após dez anos da morte de Lourenço Belfort conflitos e discordâncias aconteciam entre Aires Carneiro e Antônio por conta da herança, pois Aires queria que Antônio Belfort fizesse logo a partilha dos bens deixados por Lourenço Belfort. Enfim, fica evidente que os desentendimentos familiares das elites que contribuíram com o governo do Maranhão aconteceram pela ambição, o desejo de posse, de poder comandar os bens deixados pelos familiares.

3. PODER LOCAL E OS INTERESSES DAS PARENTELAS MARANHENSES

As famílias Belfort, Gomes de Sousa e Vieira da Silva foram muito bem beneficiadas por vários cargos e funções de destaque na segunda metade do século XVIII, essa proeza se deu pela estratégia de casamentos entre os filhos das famílias mais influentes do local, faziam de gosto dessa unificação de poder, ficando mais fácil o controle do governo garantindo a hegemonia do grupo, ofertando cargos de vereadores, juízes e comandantes militares para seus filhos. Podemos confirmar esses feitos na “narrativa de César Marques sobre o governo de D. Francisco de Melo Manuel Câmara (1806 a 1809) revelando ainda outro registro valioso: as memórias do bacharel Sabino, secretário e crítico feroz de Dom Francisco de Melo Manuel da Câmara”, (MOTA, 2006, p. 149 - 150) sendo extraídos destas informações os reflexos na capitania do Maranhão, fatos daquele momento traumático vivido por Portugal, que ocasionou a transferência da corte para o Estado do Brasil. Podemos registrar também outros momentos que foram escritos, afirmando essas entregas de cargos aos membros das famílias, como diz o cronista Dr. Luís Antônio Vieira da Silva, com exatidão ele afirma que seu pai o Dr. Joaquim Vieira da Silva e Sousa, viveu nesse período tumultuoso ao lado de vários membros das famílias Belfort, Gomes de Sousa, Lamagnère e Vieira da Silva, ocupando vários cargos públicos no período do império brasileiro, esta crônica foi a público em 1862.

A vinda da família imperial e do príncipe regente para o Brasil aconteceu devido a invasão de Portugal pelos franceses em 1807, dificultando mais ainda a administração da colônia pelos conselhos, agravando a autoridade de sua majestade. Nesta mesma época estava como governador do Maranhão, D. Francisco de Melo Manuel Câmara, este sendo favorável a causa francesa e sempre em desacordo ao modo como o Brasil era tratado sem recursos e sem educação, dava ênfase à nação francesa e que não sofreria dano algum se fosse para Lisboa e talvez engrossasse

mais seus bens. O governador não fez questão do fortalecimento da cidade de São Luís como relata Marques:

Ao que parece, o governador dava como certa a derrota portuguesa, pois, segundo relataram seus inimigos, neste momento desguarneceu as fortalezas da cidade de São Luís, justamente quando tinha recebido o aviso do Príncipe Regente “recomendando pôr-se em estado de repelir qualquer ataque hostil e de se acautelarem para evitar surpresas dos franceses, espanhóis e holandeses” (MARQUES, 1970, P. 349 APUD MOTA, 2006, p.151).

Outra pessoa que descreveu sobre o governador D. Francisco de Melo Câmara foi o Visconde de Anadia, o mesmo Dr. Sabino, relatando seu desagrado com a pátria não tendo amor por nada neste Estado e que não era digno do cargo que possuía, demonstrando que estava à cima da lei e quem fosse contra ele seria castigado ou exterminado, talvez o seu isolamento no Brasil. Este não tendo como recorrer a determinações rápidas da coroa resolvia tudo a seu modo, semelhante aos supremos chefes militares. Parece um exagero ao relatar dessa forma do governador sobre suas proezas, mas temos relatos de um dos visitantes à cidade de São Luís, afirmando que: “depressa percebi que São Luís era governada pelo poder mais despótico... o povo temia falar e os homens não sabiam se seriam presos pela mais insignificante expressão” (KOSTER, 2003, P. 241, APUD MOTA, 2006, p.151).

Por conta do autoritarismo do governador, as elites se encontravam sempre em disputas, aumentando mais ainda as rivalidades já existentes, chegando a ter várias denúncias contra o governador D. Francisco de Melo Câmara, titulando sua administração de hostil. “O conflito, que exemplifica as inúmeras divergências entre os funcionários que sua Majestade tinha ordenado e os potentados locais que acabou vitimando o Juiz-de-fora, o Dr. Luiz de Oliveira Figueiredo e Almeida” (MOTA, 2006, p. 155), esses conflitos aconteceram logo após a descoberta que a Câmara retirava salários que não lhe conferiam e recusavam-se a assinar as obrigações que eram remetidas.

Podemos observar a importância destes relatos históricos na dinâmica pela luta e consolidação do poder das famílias elitizadas no Maranhão durante o processo de transição da colônia portuguesa a Reino Unido, na construção da “independência” do Estado do Brasil e posteriormente do Estado do Maranhão. As disputas de poder entre o governador e os funcionários que sua Majestade tinha ordenado para fiscalizar a administração pública eram comuns, e se pode dizer que os abusos da administração eram grandes e todos do grupo tinham participação ativa, que passavam por cima das leis que os Conselhos de sua Majestade elaboravam em Lisboa, servindo apenas de aparência.

4. A “INDEPENDÊNCIA” NO MARANHÃO

Com as guerras napoleônicas (1803-1815) comandadas por Napoleão Bonaparte que tinha a ambição de expandir o território francês e colocar “toda Europa sobre seu poder”, travando batalhas com as grandes potências da época como Ale-

manha e Inglaterra, esta última sua principal rival que também manteve relações diplomáticas e comerciais com Portugal. A Batalha de Trafalgar foi o ápice da hegemonia britânica, porém inconformado com a derrota Napoleão ao conseguir invadir a Alemanha, com o intuito de pressionar a Inglaterra, decreta o Bloqueio Continental, que na prática era a insolação comercial da Inglaterra com qualquer país europeu, Portugal não adere tal decreto por manter relações comerciais e diplomáticas com a “bloqueada” Inglaterra.

Por outro lado, a pressão incidida sobre Portugal pelas alianças napoleônicas leva a corte a buscar um refúgio seguro da repressão e ameaças sofridas. No fim do ano de 1807, com as estruturas já estremecidas, a Família Real foge para a sua colônia na América do Sul, elevando o Estado do Brasil a sede da colônia portuguesa. O que antes era apenas uma colônia, torna-se agora o centro das decisões sobre todas as demais colônias portuguesas e até mesmo Portugal. No entanto, por se tratar de uma fuga, não houve tempo para preparar locais de morada para acolher a Corte Portuguesa, gerando despejos de moradores do Rio de Janeiro para que suas casas fossem ocupadas por oficiais e nobres, o que inicialmente gerou revolta. Obras e benfeitorias são feitas por ordem de D. João VI, como a construção de parques, ruas mais organizadas, imprensa entre outras benfeitorias com o intuito de viabilizar o conforto da corte e sua estadia na nova sede administrativa portuguesa, além de abrir os portos para que outros países pudessem fazer negócios no Brasil.

Outras medidas são destacadas pelo jornalista Chico Castro:

Tomou providências, um ano após a sua chegada, para que houvesse interesse pela educação e literatura brasileiras no ensino público, abrindo vagas para professores. Instalou na Bahia uma loteria para arrecadar fundos em favor da conclusão das obras do teatro da cidade; mandou estabelecer em Pernambuco a cadeira de Cálculo Integral, Mecânica e Hidromecânica e um curso de Matemática para os estudantes de Artilharia e Engenharia da capitania; isentou do pagamento de direitos de entrada em alfândegas brasileiras de matérias-primas a serem manufaturadas em qualquer província e criou, pela primeira vez no país, um curso regular de língua inglesa na Academia Militar do Rio de Janeiro (CASTRO, 2013, p. 33 e 34).

A maior beneficiada neste processo foi à Inglaterra que escoltou a corte portuguesa até o Brasil, assinando posteriormente dois tratados: o Comércio e Navegação e o Aliança e Amizade. Em 1815 com a derrota de Napoleão e a criação do conselho de Viena como critério para a participação ativa de D. João VI. o Brasil deveria tornar-se Reino Unido de Portugal, medida que desagradou parte da elite luso-brasileira, gerando uma série de conflitos. Com o fim das guerras napoleônicas e a elevação do Brasil para reino, ficou evidente que D. João VI não pretendia voltar para Portugal o que suscitou grande descontentamento e pressão por parte dos portugueses que estavam principalmente em Portugal e pelas capitanias do Norte que se viam ameaçadas com tais medidas, desta forma a autoridade da coroa também estava sendo ameaçada, principalmente com a eclosão da revolução do Porto em Portugal.

O poder estabelecido em Lisboa influenciou a administração “do Grão-Pará e Maranhão” com a revolução do Porto em Portugal, formou-se também em Belém do Pará uma junta semelhante a da cidade do Porto, constituída por:

Instituído na capitania do Maranhão um governo provisório, habilidosamente eixado a cargo do último capitão-general Bernardo da Silveira, por sugestão do Senado da Câmara, foi criada uma Junta consultiva, em outubro de 1821, de que fizeram parte como presidente o bispo Nossa Senhora de Nazaré. Como secretário da Junta foi nomeado o brigadeiro Sebastião Gomes da Silva Belfort. [...] Outro membro importante deste colegiado consultivo foi o desembargador João Francisco Leal. Ao final, José João Beckman e o desembargador Joaquim Antônio Vieira Belfort foram eleitos para representar o Maranhão nas Cortes em Lisboa. (MOTA, 2006, p. 159).

Com o processo de independência no Estado do Brasil iniciado, formaram-se grupos pró e contra a separação de Portugal. Nesse cenário, membros da família Belfort, como o coronel José Felix Pereira Belfort de Burgos, mesmo fazendo parte da parentela que liderava a Junta tomou partido a favor da independência, causa esta que se apresentou, “como a corrente mais forte; levando todas as aldeias e vilas da capitania a aderirem à causa brasileira” (MOTA, 2006, p. 159). A “independência” do Brasil foi declarada em 07 de setembro de 1822, o Estado do Maranhão só aderiu oficialmente ao regime de D. Pedro I em 07 de agosto de 1823, quando as lutas que ocorriam no Norte foram sufocadas, parte da adesão deve-se ao fato de que as famílias principais passaram de maneira resoluta a colocarem interesses pessoais acima dos coletivos (expansão e acúmulo de bens pela família) outro fator importante, talvez o principal, foi o envio do mercenário inglês Lorde Cochrane com a missão de sufocar tais batalhas.

Os conflitos ocorridos no Estado do Maranhão tinham como objetivo fundamental as disputas pelo poder local das famílias principais, disputas estas que ocorriam também dentro das próprias famílias como observado acima nas guerras de “independência” e que perduraram até a eclosão da Balaiada. Por outro lado, foram através das alianças que as famílias principais ocuparam posições privilegiadas na política interna e externa, ocupando cargos administrativos e de lideranças tanto militar quando representatividade civil, como ocorrida na Junta formada no Maranhão. Outra observação a ser feita nesse artigo é que as famílias advindas dos pioneiros como o caso da parentela Belfort no final do século XVIII, começam uma construção “enquanto nobreza da terra, agora através do discurso” (Mota, 2006, p. 164).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No percurso traçado para Adesão do Maranhão à Independência do Brasil, observou-se como a relação construída para manter o poder local, seja por meio do casamento endogâmico ou através das alianças políticas, possibilitou que as famílias principais, entre elas as famílias Belfort, Gomes de Sousa e Vieira da Silva mantivessem seus *status* e poder como os senhores da terra e, portanto detentores do poder local estabelecendo uma dependência política e econômica no Maranhão, visando sua

prosperidade ao mesmo tempo em que vivenciavam uma disputa interna para liderar e controlar o capital familiar abrindo mão das relações parentais para alcançar tal fim.

Destacando a atuação da família Belfort, é perceptível como as relações parentais foram se construindo, objetivando o acúmulo do poder por meio da união das famílias elitizadas da região do Itapecuru e posteriormente os conflitos de interesses entre as próprias famílias unificadas, bem como o ganho de cargos que ocorreu por meio das trocas de favores. Quando se pensa nas alianças que culminaram na separação do Maranhão com Portugal é possível inferir que esta ocorreu não como um movimento natural e impulsionada pelo desejo da população, mas como uma maneira de conservar ou adquirir poder por meio do posicionamento político.

Enfim, é interessante pensar que a “independência” do Maranhão não ocorreu de maneira amistosa por parte da elite que se beneficiava da condição de colônia ligada a Portugal, tanto que foi necessária a contratação de um mercenário (Lorde Cochrane) para obrigar a resistência maranhense a aderir a Independência do Brasil. De igual modo, deve-se pensar nas relações que foram estabelecidas entre as famílias principais da região e o governo geral do Brasil para consolidar tanto a adesão do Maranhão quanto o permanência dos privilégios da elite local destacando-se aqui as famílias da região do Itapecuru.

REFERÊNCIAS

- CASTRO, Chico. **A Noite das Garrafadas**. Brasília: Senado Federal, 2013, p. 33 e 34.
- MOTA, Antônia da Silva, **Família e Fortuna no Maranhão Colônia**. São Luís: EDUFMA, 2006.
- BLOG DO ENEM. **1808: a história da chegada da família Real de Portugal no Brasil**. 2018. Disponível em: <https://blogdoenem.com.br/familia-real-historia-enem/>. Acesso em: 10 dez. 2019.
- MORALES, Samuel R. **A Batalha de Trafalgar e a Hegemonia Britânica no Século XIX**. In: Web Artigos. 2012. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/a-batalha-de-trafalgar-e-a-hegemonia-britanica-no-seculo-xix/92075/>. Acesso em: 10 dez. 2019.
- FERREIRA, Anamaria Nunes Vieira. **A Guerra dos Três Bês**. 2008. Disponível em: <https://familiarahistoria.blogspot.com/2008/11/guerra-dos-trs-bs.html>. Acesso em: 10 dez. 2019.
- SOUSA, Rainer Gonçalves. **Guerras de Independência**. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/guerras-independencia.htm>. Acesso em: 11 dez. 2019.
- BLOG DA JUCEY SANTANA. **Laurenço Belfort**. 2016. Disponível em: <http://juceysantana.blogspot.com/2016/07/laurenco-belfort.html?m=1>. Acesso em: 11 dez. 2019.



Publicado em: 12.02.2024

SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS NAS PERSONAGENS VANJU E LOURENÇA EM CAIS DA SAGRAÇÃO DE JOSUÉ MONTELLO

Alberto Pereira Martins Júnior

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro - UTAD, Portugal

E-mail: albertojunior.itapecuru@gmail.com

Samira Diorama da Fonseca

Universidade Federal do Tocantins, Brasil

E-mail: diorama.10@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho visa abordar as semelhanças e as diferenças que existem entre as personagens Vanju e Loureça, no romance Cais da Sagração, do escritor Josué Montello. O breve estudo mostra traços importantes que levam o estudioso a refletir sobre o comportamento da mulher dentro da família patriarcal. O triângulo amoroso de Mestre Severino, Vanju e Loureça traz marcas que ainda existem na sociedade brasileira, a exemplo da submissão da mulher e da misoginia, problemas que são repassados de pai para filho. Na obra Cais da Sagração, as personagens femininas vão se encontrar e se separar pela forma de tratamento que é dispensada pelo barqueiro. Cabe então ao estudioso observar e tirar suas próprias conclusões sobre a sociedade daquele início do século XX até a atualidade. Para saber sobre as semelhanças e as diferenças entre Vanju e Loureça, utilizou-se como fundamentação nomes de importantes teóricos como Mary del Priore, Sueann Caulfield, Todorov, entre outros que serviram de base para este pequeno estudo aqui desenvolvido. O romance Cais da Sagração, publicado no ano de 1971, mas, até os dias atuais, segue sendo uma história atemporal, pois infelizmente, na sociedade brasileira ainda é possível encontrar alguns Mestres Severinos, Vanjus e Lourenças, personagens de muitas tragédias nos lares das chamadas família tradicional.

Palavras-chave: Semelhanças; Diferenças; Sociedade; Cais da Sagração; Vanju; Loureça.

SIMILARITIES AND DIFFERENCES IN THE CHARACTERS VANJU AND LOURENÇA IN CAIS DA SAGRAÇÃO BY JOSUÉ MONTELLO

ABSTRACT

The present work aims to address the similarities and differences that exist between the characters Vanju and Loureça, in the novel Cais da Sagração, by the writer Josué Montello. The brief study shows important traits that lead the scholar to reflect on the behavior of women within the patriarchal family. The love triangle of Mestre

Severino, Vanju and Lourença brings marks that still exist in Brazilian society, such as the submission of women and misogyny, problems that are passed on from father to son. In the work Cais da Sagração, the female characters will meet and separate due to the form of treatment given by the boatman. It is then up to the scholar to observe and draw his own conclusions about society from the beginning of the 20th century to the present day. To find out about the similarities and differences between Vanju and Lourença, the names of important theorists such as Mary del Priore, Sueann Caulfield, Todorov, among others, were used as a basis for this small study developed here. The novel Cais da Sagração, published in 1971, certainly continues to be a timeless story up to the present day, because unfortunately, in Brazilian society it is still possible to find some Mestres Severinos, Vanjus and Lourenças, characters of many tragedies in homes of the so-called traditional family.

Keywords: *Similarities; Differences; Society; Wharf of Sagração; Vanju; Lawrence.*

1. INTRODUÇÃO

É fato que há na literatura de Josué Montello um encanto que convida o leitor a se debruçar sobre suas obras e não as largar enquanto não findar a leitura. Mas não é só isso que ocorre, não é apenas ficção, é também a História da sociedade maranhense servindo de alicerce para seus romances, contos e crônicas. Essa mesclagem de ficção com realidade do tempo-espaço, faz com que a leitura se torne mais atraente, e chegue a confundir o que é ficção e o que é real.

A obra montelliana que será aqui estudada será *Cais da Sagração*, romance mais traduzido para outras línguas, o mais lido também. A história que se passa em uma cidade praiana do interior do Maranhão e traz em seu arcabouço temáticas importantes para se compreender a sociedade do início do século XX, como por exemplo, o patriarcalismo, o adultério, a violência contra a mulher, a homofobia e a prostituição.

O personagem principal da obra é o barqueiro Mestre Severino que entra em uma espécie de desespero por não ter tido um filho com a mulher com quem vivia e acaba indo para São Luís, capital do estado buscar uma mulher, casando-se com ela no civil e no religioso, mesmo vivendo maritalmente com outra. Para piorar a situação, ele leva a mulher para residir na mesma casa em que a outra reside.

Saber o que as uni e o que as separa dentro desse ambiente é necessário para que se consiga compreender o perfil das mulheres tradicionais e das modernas, aquelas que viriam a quebrar tabus ou pelo menos tentavam quebrar os tabus impostos pelos seus maridos. Vanju e Lourença eram o estereótipo dessas mulheres; uma era a mulher tradicional, que se submetia a tudo o que o homem determinava, não falava, não questionava as decisões, apenas cuidava do lar, dos afazeres domésticos. O que o homem da casa decidisse, magoando ou não seus sentimentos, ela não murmurava. A outra era o inverso, além de ter todos os seus caprichos realizados, ela não cuidava

dos deveres do lar, tinha tudo o que queria, roupas, joias, calçados, bolsas, revistas, perfumes; seu trabalho, o único que tinha era ser bonita para seu marido e realizar seus prazeres sexuais quando este chegava das longas viagens.

Mas nem tudo era diferença, e neste trabalho o objetivo é justamente esse, saber onde estava as semelhanças entre elas, porque para além dessas diferenças de tratamento é possível que se encontre afinidades que as levam ao mesmo sofrimento nas mãos de Mestre Severino, como será possível perceber por meio deste trabalho.

2. MONTELLO: O MAGO DO ROMANCE MARANHENSE

O nome de Josué de Sousa Montello é um dos mais aclamados da literatura maranhense, ele figura ao lado de grandes nomes de escritores como: Gonçalves Dias, Aluísio e Arthur Azevedo, Graça Aranha, Ferreira Gullar, entre outros que contribuíram para o enriquecimento da produção literária no Brasil, mas Montello tem um diferencial, ele construiu sua carreira literária exaltando o Maranhão.

Josué Montello nasceu em São Luís em 21 de agosto de 1917. Estudou em escolas renomadas de São Luís, como a Escola Modelo Benedito Leite e no Liceu Maranhense. O escritor fez parte de grupos literários e passou a contribuir com textos para jornais da grande ilha, esses jornais eram: *O Imparcial*, *A Tribuna* e a *Folha do Povo*. Neles estão escritas crônicas, contos e ensaios.

Montello, para além da área das Letras, também construiu uma base sólida na educação, sendo reitor da Universidade Federal do Maranhão, a qual ajudou a fundar, diretor da Biblioteca Nacional e foi fundador do Museu da República. Além de outros cargos que exerceu ao longo de sua vida pública.

Contudo, Josué se destacava mesmo era na área da produção literária, seus romances famosos, a exemplo: *Cais da Sagração*, *Noite sobre Alcântara*, *Largo do Desterro*, *A Coroa de Areia* e o emblemático *Os Tambores de São Luís*, e tantos e tantos outros marcaram a trajetória literária do maranhense e o fizeram ser conhecido como o autor que construiu a Saga do romance Maranhense.

O Imortal da Academia Maranhense de Letras e estudioso da vida e obra do escritor, o professor e escritor José Neres, fala da seguinte forma sobre Josué Montello:

Polígrafo dos mais conceituados das letras nacionais, Josué Montello é o que se pode chamar de escritor completo. Sua produção intelectual está bem próxima de alcançar a marca de uma centena e meia de obras publicadas, e o material disperso em jornais e revistas é suficiente para mais algumas dezenas de livros (NERES, 2008, p.81).

Isso porque Montello não era apenas um exímio romancista, além disso ele também escreveu poemas, diários, literatura infantil e artigos, contos e crônicas como já mencionados aqui. Josué conseguiu conquistar prêmios importante da Academia Brasileira de Letras, como o Prêmio Coelho Neto, Prêmio Artur Azevedo, Prê-

mio Silvio Romero e, depois de tanto ser premiado pela maior instituição literária do país, conseguiu ser eleito aos trinta e sete anos de idade para a Casa de Machado de Assis, onde ocupou a cadeira de número 29, cujo patrono é Martins Pena. Para além disso, Josué Montello também fundou a cadeira de número 31 da Academia Maranhense de Letras, a qual é patroneada por Raimundo Lopes da Cunha, outro polígrafo maranhense que se destacou no cenário nacional com estudos sobre etnologia.

O escritor de *Os Tambores de São Luís*, convida o leitor a viajar pela capital do estado, e ele mesmo faz a seguinte declaração sobre sua forma de escrever:

Tudo quanto escrevo, no âmbito da criação romanesca, viria, sobretudo, de minha vivência maranhense, já que minha província está em mim, com as margens e impressões recolhidas na terra natal. São Luís pulsa e se derrama na essência de meus romances. (MONTELLO, 1991, p.192).

Ao contrário de Aluísio Azevedo, que expunha sua crítica a sociedade maranhense, o Montello sutilmente tece críticas sobre essa mesma sociedade, mas também faz elogios ao lugar onde ele vive. Um saudosismo que remete o leitor a conhecer uma São Luís que já não existe mais, contudo, leva o leitor a refletir sobre a preservação do patrimônio histórico e cultural do Estado.

É um verdadeiro mago das letras maranhenses, ele consegue criar narrativas com personagens ficcionais ao lado de figuras históricas, tudo isso com a História do Maranhão servindo de pano de fundo. A exemplo de *Cais da Sagração*, onde até o próprio título do livro remete ao enorme paredão de pedras que há na Avenida Beira-Mar, na capital do Estado e que era o porto por onde escoava a produção agrícola das cidades do interior para outros Estados. Mostra também o surgimento do novo porto, o Itaqui, que estava sendo construído e que se tornou um dos maiores portos do Brasil.

Em meio a isso tudo, é narrada a história de vida de um simples barqueiro, cidadão comum do litoral maranhense, que só tem um sonho, de ter um filho homem para ser herdeiro da profissão da família e do Bonança, barco que já passara por três gerações. E para isso ele não vai medir esforços e irá ultrapassar todos os limites.

3. SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE VANJU E LOURENÇA

Nas últimas décadas vê-se um crescente número de estudos sobre o gênero feminino, não apenas isso, mas também se depara com uma quantidade significativa de grupos de pesquisas ou núcleos de estudos dentro das universidades, que se debruçam sobre a temática da mulher nas inúmeras obras literárias do Brasil e do Mundo. Nomes como os das escritoras: Rachel de Queiroz, Clarice Lispector, Conceição Evaristo, Paulina Chiziane ou mesmo de Carolina de Jesus, figuram nos simpósios, *workshops* ou congressos das instituições de nível superior. E mesmo com essa crescente quantidade de estudos, ainda sim, percebe-se que há muito o que se estudar.

Quando se foca nas personagens femininas, eis que elas aparecem nos grandes clássicos da literatura, a exemplo de Helena, dos livros *Iliada* e *Odisseia*; Esmeralda, da obra *O Corcunda de Notre Dame*; Maria Moura, do romance *Memorial de Maria Moura*, de Rachel de Queiroz; as famosas, Lucíola, Cecília, Iracema, Emília, as famosas mulheres de José de Alencar; as de Machado de Assis, em especial, a famigerada Capitulina.

Depois de anos da dominação masculina na literatura, eis que se chega ao século em que os pesquisadores da literatura pousam o olhar sobre as personagens femininas, não mais como pecadoras, adúlteras ou quais quer outros adjetivos que as deprecie; agora a visão é sobre a luta das personagens que sobrevivem e se sobressaem em meio a uma sociedade preconceituosa que finge não compactuar com as arbitrariedades diárias que a mulher sofre muitas vezes em silêncio.

O feminismo foi adentrando nos estudos culturais e hoje já não se pode falar sobre literatura sem olhar para esse campo de estudo.

A intervenção do feminismo foi específica e decisiva para os estudos culturais bem como para muitos outros projetos teóricos [...] Sabe-se que aconteceu, mas não se sabe quando nem onde se deu o primeiro arrombamento do feminismo. Uso a metáfora deliberadamente; chegou como um ladrão a noite, invadiu; interrompeu, fez um barulho inconveniente, aproveitou o momento, cagou na mesa dos estudos culturais (HALL 2003, p. 208-209).

Graças a essa intervenção do feminismo hoje é possível se debruçar sobre a literatura com um outro ponto de vista. Ela passa a ser o foco principal, ela passa a ser analisada de acordo com o que a sociedade de determinada época julgava e comparada com a atual sociedade.

Neste sentido, aborda-se aqui o olhar feminino presentes no romance *Cais da Sagração*, de Josué Montello, que é um dos maiores romances do Estado do Maranhão, traçando um comparativo entre Lourença e a meretriz Vanju, uma tentativa de encontrar semelhanças e diferenças entre elas.

As personagens de Cais da Sagração, Lourença e Vanju, são totalmente distintas em alguns pontos, seus comportamentos diante do patriarcado e de uma sociedade intolerante são um pouco semelhantes. Josué Montello posiciona duas mulheres que perpassam por situações de misoginia até serem silenciadas, uma pelo sentimento do medo e a outra pelo silêncio da própria morte.

Lourença, companheira que vivera toda sua vida ao lado de Mestre Severino, culpava-se por ele ter se casado com outra mulher e o “pior”, com uma meretriz.

Mestre Severino dera-lhe casa, dera-lhe comida, dera-lhe roupa, dera-lhe carinho, tirara-a das mãos do pai que lhe batia, e a verdade é que ela não lhe tinha dado, ao fim de tantos anos, o filho que ele sempre deixava dentro dela, à noite, quando voltava das viagens.

— A culpa é minha, de mais ninguém (MONTELLO 1971, p.52).

Como uma escrava, serva fiel ao seu senhor, assim era a vida de Lourença, silenciosa diante de sua triste sina, mesmo com um fado tão pesado, a mulher era incapaz de erguer a voz ou dar sua opinião sobre as decisões do barqueiro, mesmo que tais atitudes fizessem com que ela padecesse, ainda sim, Lourença aceitava sem pestanejar, acatando todos os atos dele, muito embora “quando parava tudo como se não quisesse mais prosseguir, ficava a um canto de braços cruzados olhando a esmo, o coração apertado, com vontade de chorar. Acabava reagindo, e retomava o trabalho suspirando” (MONTELLO 1971, p. 52-53).

As atitudes de Lourença, submissa pelo fato de não ter conseguido ser mãe, é um retrato de muitas mulheres que silenciam diante do adultério do marido vendendo-os construírem prole fora do casamento, conformadas porque a outra poderá dar a felicidade que o esposo tanto sonhou. Antes tê-lo com outra dentro de casa do que viver sem ele, sozinha, sem ninguém para compartilhar um olhar, uma palavra que seja. Foi isso que ela pensou ao aceitar as tomadas de decisões de Mestre Severino.

O narrador posiciona Lourença como a mulher submissa ao patriarcado tão comum nos séculos XIX e XX. No livro, *A Conquista da América*, relata que “em matéria de emancipação feminina, a doutrina cristã estaria mais próxima de Aristóteles: a mulher é tão necessária para o homem quanto um escravo para o seu senhor”. (TODOROV, 2003, p. 94). É o que se percebe em *Cais da Sagração*, mesmo no momento da doença do barqueiro, Lourença estava ali cuidando de seu companheiro, como se nada tivesse acontecido nos anos que se passaram. Ela o esperou o período em que Severino esteve preso e cuidou como se fosse mãe e avó de Mercedes e Pedro, o tão esperado homem que herdaria a profissão de barqueiro.

Nessa perspectiva é importante ressaltar que o estereótipo de Lourença é o de mulher zelosa pela família e atenciosa para com o marido, porém com um detalhe: não havia família, porque ela era estéril. Esse problema para qualquer mulher poderá ser uma das piores pragas que pode haver na face da terra, sem filhos não havia descendência, passagem de ensinamentos adquiridos ao longo de anos, em suma era o fenecimento de qualquer plano familiar, e era exatamente isso que Lourença e Mestre Severino sentiam.

A esterilidade feminina era o pior fim de qualquer casal, de acordo com uma historiadora brasileira “a esterilidade feminina era como uma maldição. *Sem filhos, estas nu*, dizia um antigo provérbio ioruba. Os homens lutavam pela esposa mais fecunda” (PRIORE 2013, p.40-41). Ou seja, o brasileiro herdou dos africanos a necessidade de gerar filhos, de ter descendência e descendência sem controle, a exemplo são as antigas famílias e seus números altos de crianças. A famosa frase escrita no livro bíblico de *Gênesis*: “crescei e multiplicai-vos”, sempre esteve presente na construção das famílias.

Destarte, de acordo com a narrativa montelliana, um filho era a pedra angular para a continuação da história, e tal filho deveria ser homem, mulher não servia. O filho que não veio do relacionamento de Mestre Severino e Lourença e que acabou gerando um adultério, onde ela se considerada a culpada: “ Se eu tivesse um filho, nada disso tinha acontecido...” (MONTELLO 1971, p.53).

Lourença é a mulher fiel, que possui um amor infinito pelo barqueiro, Mestre Severino, independentemente de como ela está sendo tratada, seu excesso de amor idiopático leva-a a conviver com a outra dentro de sua própria residência, criar a filha dela e, posteriormente, o neto, como se fossem seus descendentes direto. A princípio parece um extremo absurdo escrito, mas em uma sociedade patriarcal, onde o medo da mulher para com seu cônjuge reverberava, tal atitude era comum. A máxima, “ruim com ele, pior sem ele”, causava um certo tipo de temor às mulheres que não sabiam viver sem um homem dentro de casa.

A reflexão da personagem que se martiriza pelas atrocidades que o marido lhe comete é deveras triste, isso porque ela dedica toda a vida e companheirismo a alguém que quer dar prosseguimento a dinastia de barqueiros. Sim, Lourença era tida como a mulher ideal para casar-se, segundo Priore (2013, p.69).

A reputação de boa esposa e de mulher ideal [...] a que não criticava, que evitava comentários desfavoráveis, a que se vestisse sobriamente, a que limitasse passeios quando o marido estivesse ausente, a que não fosse muito vaidosa nem provocasse ciúmes do marido.

Todas essas características faziam parte do caráter de Lourença, mas faltava-lhe a fecundidade e aí está sua desgraça total. Crer-se que se Lourença tivesse dado o rebento que era o desejo de Mestre Severino, talvez, não teria acontecido o matrimônio entre o barqueiro e a meretriz Vanju.

O sublime sentimento que a mulher nutria por Mestre Severino, fazia-a compreender essa obsessão do barqueiro por um filho do sexo masculino, porque de acordo com a narrativa, filho do sexo feminino não poderia tomar de conta de uma profissão tão grosseira quanto a de barqueiro. Ao se debruçar atentamente sobre o livro, chega-se a ter a impressão de que não há sentimento por parte do barqueiro e sim a busca constante de alguém de seu sangue que o substitua na profissão, uma vez que a idade avançada e o problema cardíaco o impediam de viver por mais muito tempo.

Para ele, em verdade, a família era uma dinastia de varões, e todos sobre as águas, indômitos, queimados de sol, rompendo as ondas com a quilha de seus barcos. Se pudesse retroceder no tempo, sabia que ia encontrar outros barqueiros como o pai, como o avô, como o bisavô, fiéis ao mar até a morte, numa interminável genealogia de nautas invencíveis (MONTELLO 1971, p.58).

Mas lamentavelmente a meretriz não deu o filho homem que o barqueiro tanto queria e o pior, ela se recusava a ter outra criança de Severino. Passemos então a uma pincelada sobre Vanju e suas diferença para com Lourença.

A personagem Vanju é o estereótipo da meretriz que deseja deixar o fardo de ser mulher da vida e venha a conseguir ter um casamento consolidado, ela queria se casar perante a um padre e a um juiz para causar inveja em suas companheiras. A ideia de sair de um prostíbulo em uma sociedade preconceituosa e extremamente patriarcal era praticamente nula, os homens jamais buscariam casamento com alguém que sobrevivia por meio de relações sexuais com vários homens. Vanju tivera muita sorte.

Comparando Lourença e Vanju logo se percebe a discrepância que há entre as duas. A mulher que fora escolhida por Mestre Severino para ser mãe de seu filho não se dava muito bem com os trabalhos domiciliares, as artes femininas não eram para Vanju. Preocupada apenas com sua beleza física, a meretriz vivia a folhear revistas que o barqueiro trazia das viagens que fazia a São Luís, banhava-se com água de cheiro, penteava-se, andava dentro da residência de um lado para o outro e por fim, ficava esperando o regresso do marido, em resumo a sua vida era basicamente esse tédio, muito diferente da vida que levava na capital São Luís, cheia de movimentação. Observa-se um pouco da vida de casada de Vanju, no fragmento abaixo:

Acordava tarde já com o sol alto, cuidava muito das unhas, levava mais de uma hora no banho cheiroso, perfumava-se com água-de-colônia, esquecia-se das horas a se olhar no espelho grande da penteadeira, todos os dias trocava de vestido. E eram muitos, valha-me Deus! E de todas as cores. Uns finos, que dava gosto afagar com a ponta dos dedos; outros de tecido esponjoso, que a gente embolava na mão e não amarfanhavam. Qualquer que fosse a cor da fazenda mesmo a das quaresmeiras sentava-se com Vanju. E como a moça mudava de penteado, minha Santa Luzia! Ora de cabelos soltos, que se derramavam para as espáduas, apenas com um pente grande no alto servindo de enfeite; ora com uma titã larga, de aço, que os prendia à altura do pescoço; ora topete levantado, com uma porção de grampos por dentro; ora de bombochas, que lhe arredondavam o rosto, sem conseguir enfeia-la (MONTELLO 1971, p.54-55).

O barqueiro Mestre Severino casa-se com uma prostituta, leva para viver na mesma casa em que vive maritalmente há mais de trinta anos e a trata como nunca tratou a sua companheira Lourença. A meretriz levava uma vida de rainha, despreocupada de tudo o que lhe cercava, aliás a sua única preocupação era dar prazer ao barqueiro logo que ele chegasse das viagens. Todos os afazeres eram por conta de Lourença, como se atesta na fala de Mestre Severino em um diálogo com o padre Dourado:

— A casa e a cozinha não lhe dava trabalho: Lourença cuidava de tudo com a bondade que o senhor conhece. As Vanju a bem dizer não tinha com o que se preocupar: vivia como uma rainha servida a tempo e a hora e eu a lhe adivinhar os desejos para fazer o que ela queria (MONTELLO 1971, p.111).

A explicação de Mestre Severino é uma tentativa de justificar o assassinato cometido por ele, muito embora nada justifique um uxoricídio.

Quem ler *Cais da Sagração* observa logo que há uma revisitação ao questionamento mais famoso da Literatura Brasileira, a existência ou não de uma traição. O

crime cometido por Mestre Severino não deixa claro que houve uma traição por parte de Vanju, mas o que é certo é que ela foi assassinada por quebrar algumas regras, entre as quais estava a de ficar debruçada na janela quando da passagem diária do novo promotor da comarca da cidade. O barqueiro vivia atormentado com a suspeita de uma traição, mas não teve a certeza, antes preferiu ceifar a vida de sua esposa numa tentativa de garantir a sua honra de marido. Atenta-se abaixo a confissão de Mestre Severino sobre o assassinato da esposa.

Matei você, Vanju, e tornou a dizer que não estou arrependido. Não havia outra saída. Antes que fosse tarde, cortei o mal pela raiz. Pensei muito, antes de me decidir. Passei muita noite em claro, com você dormindo do meu lado. Eu olhava você, clareada pela luz do candeeiro, e dizia comigo, vendo seu rosto tão bonito: será que vou ter coragem mesmo de acabar com ela? Mas era preciso, Vanju. Era preciso. Deus via bem que eu não podia recuar. Me agarrei com os meus santos para que dessem juízo a você enquanto era tempo. Não foi possível. Você, cada dia que passava, se derretia mais. Eu virando corno manso (MONTELLO, 1971, p. 137).

Vanju se transformou no estereótipo da mulher que não conseguiu se limitar a prisão de um lar sem amor, sem atenção, sem carinho, sem liberdade de ir e vir. Essa temática ainda pouco explorada no romance *Cais da Sagração*, faz com que se venha a refletir sobre a vivência feminina no século passado, onde o medo imperava no matrimônio, ou a mulher seguia os ditames do esposo ou sofria agressões e até mesmo pagava com a própria vida o fato de transgredir esses ditames, que foi o caso de Vanju.

É de suma importância observar que Lourença também sofre, muito embora não seja de maneira física, mas sim psicológica e moral, quando é desprezada pelo companheiro. Talvez o que uni as personagens seja exatamente isso, a falta de companheirismo de Mestre Severino, além da violência que ambas sofriam nas mãos do barqueiro.

Essa literatura que reflete a condição de mulheres em ambientes subdesenvolvidos do interior do Brasil vem sendo revelada mais nitidamente com os estudos femininos, dessa forma se pode observar como o modo de vida das mulheres era tão ligado ao do homem, por ela o ter como um porto seguro, um refúgio para todos os momentos, em especial os mais difíceis. Mesmo recebendo pouco amor e muita violência, ainda sim, muitas mulheres acreditavam que não conseguiam ser independentes e acabavam sendo violentadas dentro do matrimônio. No livro *Em Defesa da Honra*, de Susean Caulfield, encontra-se a seguinte afirmativa:

Durante as três primeiras décadas do século XX [...] incontáveis casos de violência doméstica viraram notícia de primeira página nos jornais populares [...] A opinião popular não interpretava as histórias dos julgamentos que inocentavam os assassinos da esposa como um triunfo da criminologia moderna, mas como uma evidência da sobrevivência de tradições patriarcais segundo as quais a honra masculina era determinada pela fidelidade sexual da mulher e de que a justiça criminal ainda permitia ao homem defender sua honra com violência (CAULFIELD, 2000, p.85).

Conforme a análise aqui apresentada, tanto Vanju quanto Lourença desconheciam o que era o amor de Severino. Se fizer uma comparação das duas, logo se observará que nenhuma se sobrepôs sobre a outra, não havia rivalidade, nenhum tipo de ódio ou sentimento semelhante por parte de ambas. Lourença silenciava a tudo o que via e ouvia sobre Vanju e esta tentou se comunicar, mas infelizmente nunca tivera resposta da outra. Como se atesta pelo fragmento a seguir:

— Por que é que você insiste em não falar comigo? [...] — Somos só nós duas dentro desta casa e eu preciso ter alguém com quem conversar [...]

— O que foi que eu lhe fiz? Não posso passar muda o tempo inteiro, quando Severino está viajando[...] Preciso que alguém me ouça, preciso que alguém me fale (MONTELLO, 1971, p.56).

Como ninguém ouviu a voz de Vanju, a tragédia se consumou e sem ter a quem pedir ajuda, ela teve sua vida ceifada pelo próprio marido que jurou amar e respeitar em todos os momentos. Seu assassinato não teve comprovação de que existiu ou não traição dela para com ele. Talvez tenha sido uma homenagem ao grande escritor Machado de Assis, cuja a infidelidade de Capitu para com Bentinho nunca fora comprovada.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destarte, vale ressaltar que *Cais da Sagração* é um livro com múltiplas temáticas que se apresentam ao estudioso da literatura e da sociedade, tais assuntos ainda são pouco explorados por pesquisadores, talvez seja pelo fato de que Josué Montello seja um autor que continua sendo pouco estudado nos bancos das escolas de ensino médio e também das universidades.

No caso do trabalho aqui apresentado buscou-se entender um pouco mais das diferenças e das semelhanças entre as duas mulheres da obra, ambas sofredoras nas mãos de um homem misógino que só se importava com a sua felicidade. A obra reflete traços de relacionamentos abusivos que trazem como principal problema a violência doméstica e que, possivelmente, terminarão com a morte de alguém ou de ambos, como comumente se observa nas páginas dos obituários eletrônicos.

Vanju e Lourença, diferentes em alguns aspectos, iguais em outros, naquele que tem sido as pragas existentes na maioria das famílias brasileiras: a misoginia e o patriarcalismo, que infelizmente continuam passando de pai para filho nas chamadas famílias tradicionais.

REFERÊNCIAS

CAULFIELD, Sueann. **Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)**

DEL PRIORE, Mary. **Histórias e Conversas de Mulher**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2013.

MONTELLO, Josué. **Cais da Sagração**. 5. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1971.

MONTELLO, Josué. **Diário do entardecer**. Rio de Janeiro. RJ. Nova Fronteira, 1991.

NERES, José. **Montello**: O Benjamim da academia. São Luís. Carajás, 2008.

STUART HALL. **Da diáspora**: Identidades e mediações culturais. Organização Liv So-
vik; Tradução Adelaine La Guardia Resende... et. al. - Belo Horizonte: Editora UFMG;
Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

TODOROV, Tzevetan. **A Conquista da América**: a Questão do Outro. São Paulo, Ed.
Martins Fontes, 1983.





Publicado em: 12.02.2024

AS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA ESCOLA: UTILIZANDO O KAHOOT COMO RECURSO DIDÁTICO

Marco Antonio da Silva de Souza
Universidade Estadual do Maranhão, Brasil
E-mail: marcoantonio08801@gmail.com

RESUMO

As novas tecnologias chegaram no seio da sociedade de modo que as pessoas estão sempre em busca dessas novidades para consumir. Neste percurso, os profissionais da educação buscam trazer para dentro da nossa sala de aula essas novas tendências tecnológicas, como também diversificar os métodos de ensino, contribuindo para o processo de aprendizagem de cada aluno. Este trabalho tem como objetivos mostrar a importância e como é possível utilizar uma plataforma digital para auxiliar o professor no processo de ensino-aprendizagem. Como referências a esta pesquisa, recorreremos a alguns teóricos, dentre eles, Sousa, et al. (2015) que vai tratar da facilidade dos jovens na utilização das TICs e TDICs, Ribeiro (2014) que trará o conceito de tecnologias digitais da informação e Ribeiro e Coscarelli (2005), trazendo as contribuições acerca do letramento digital. Como metodologia, trabalhamos com a ministração de aulas acerca do tema do letramento e posteriormente utilizamos a plataforma digital escolhida para a aplicação de perguntas em formato de *Quiz*. Na coleta de dados, observamos como os alunos conseguem interagir de uma forma bem significativa ao uso dessas tecnologias em sala de aula, bem como conseguem fixar o conteúdo trabalhado através dos jogos produzidos no *Kahoot*. E a partir dessas pesquisas, podemos concluir que a utilização de tecnologias digitais em sala de aula contribui significativamente ao processo de ensino-aprendizagem e possibilita aos alunos e professores a interação com o mundo digital e, também, o desenvolvimento do multiletramento, que contribuirá positivamente com o crescimento intelectual e social de todos.

Palavras-chave: Tecnologia; Digital; Letramento; Educação; Kahoot.

DIGITAL TECHNOLOGIES AT SCHOOL: USING KAHOOT AS A TEACHING RESOURCE

ABSTRACT

New technologies have arrived within society so people are always looking for these novelties to consume. And along this path, we, education professionals, seek to

bring these new technological trends into our classroom, also seeking to diversify teaching methods, contributing to the learning process of each student. This work aims to show the reader the importance and how it is possible to use a digital platform to assist the teacher in the teaching-learning process. And as the basis of our research, we resorted to some theorists, among them, Sousa, et al. (2015) who will deal with the ease of young people in using TICs and TDICs, Ribeiro (2014) who will bring us the concept of digital information technologies and Ribeiro and Coscarelli (2005) bringing us contributions about digital literacy. As a methodology, we work with teaching classes on the topic of literacy and later we use the digital platform chosen for the application of questions in Quiz format. In the data collection, we observed how students were able to interact in a very meaningful way with the use of these technologies in the classroom, as well as how they managed to fix the content worked through the games produced in Kahoot. And from these researches, we can conclude that the use of digital technologies in the classroom contributes significantly to the teaching-learning process, and enables students and teachers to interact with the digital world and also the development of multiliteracy, which will contribute positively to the growth intellectually and socially.

Keywords: *Technology; Digital; Literacy; Education; Kahoot.*

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o advento das grandes tecnologias favoreceu a tentativa de suprir as necessidades dos seres humanos, como também proporcionou formas de interação, possibilitando conforto nas mais variadas esferas sociais. É perceptível que a cada dia as ferramentas, máquinas, internet, jogos, veículos, equipamentos e muitas outras inovações tecnológicas foram ganhando espaço.

As instituições de ensino, partindo da ideia de que a escola precisa caminhar junto com o processo evolutivo da sociedade, trouxe tais inovações tecnológicas para a sala de aula. Com o intuito de trabalhar de forma contextualizada, bem como, contribuir com o processo de ensino e novas formas de interação com os alunos e com o mundo. Paralelo a isso, a escola busca trazer comodidade e facilidade de criar, conduzir, trabalhar e produzir uma de diversidade materiais.

As escolas, juntamente com os professores precisam perscrutar esses novos caminhos visando acompanhar e caminhar junto ao processo evolutivo social e tecnológico, e não fugir do uso das novas tecnologias, observando a importância das mesmas para o processo formativo do indivíduo moderno, dando ênfase no letramento digital, buscando assegurar uma inserção dos educandos nesse novo mundo, a fim de possibilitar a inclusão desses cidadãos e futuros profissionais no mundo digital de uma forma saudável.

Nesse sentido, busca-se nesse trabalho trazer uma visão de como essas tecnologias podem contribuir na prática dentro da sala de aula, tendo em vista que as

TDICs (Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação) estão cada vez mais presentes dentro da esfera educacional, consequentemente abrindo espaço para diversos tipos de letramento. Nesta produção iremos compreender e discutir acerca do letramento digital e como a utilização de *apps* e plataformas digitais podem ajudar no processo de ensino dentro da sala de aula, sendo esses dois fatores bem presentes em diversos cantos da sociedade e, também, na vivência cotidiana dos discentes.

Esses conceitos, talvez um pouco distante do conhecimento de muitos, vêm ganhando espaço nos campos de pesquisas, pois a sociedade passou a ser dependente desses recursos tecnológicos, onde as práticas sociais de leitura, ultrapassam as barreiras dos livros, jornais e materiais impressos, abraçando o universo do letramento digital que, ao longo desta produção, iremos refletir acerca desse conceito tão importante e presente em nossa rotina. Ribeiro e Coscarelli (2005) nos trazem que o letramento digital está relacionado às diversas práticas de leitura e produção de textos nos mais diversos tipos de ambientes e essas práticas podem ser promovidas por computadores ou dispositivos móveis.

Observando esse grande processo de inclusão digital no mundo moderno, buscamos ponderar no campo de pesquisa como os alunos se comportam e se beneficiam com o uso das tecnologias, pois é válido ressaltar que vivemos em um novo cenário onde a comunicação através dos veículos de mídias sociais ganham cada vez mais espaço. Alves (2009) irá nos dizer que com o advento das novas tecnologias, houve uma passagem de uma sociedade industrial para uma sociedade da comunicação marcada pelos meios tecnológicos e veículos de informações. Nesse sentido, procuramos em campo, inserir essa tecnologia e colher resultados acerca da metodologia aplicada, utilizando o *Kahoot*, que de acordo com Lira (2017), temos o *Kahoot* como interativa e completa plataforma, onde pode ser acessada por qualquer dispositivo com acesso à internet.

Sendo uma boa opção de plataforma digital para a aplicação de divertidas atividades com o objetivo de trabalhar com os alunos e colaborar com a fixação do conteúdo apresentado em sala de aula, colaborando com o letramento digital, e implementando as tecnologias como proposta somadora no processo de ensino e aprendizagem da escola.

O Presente trabalho dispõe de resumo, introdução, referencial teórico, percurso metodológico, resultados, discursões, considerações finais, e referências.

2. O MUNDO DIGITAL NA MENTALIDADE DOS JOVENS NOS DIAS ATUAIS

É notório que os jovens nos dias atuais estão cada vez mais inseridos no mundo das tecnologias, sendo elas jogos, aparelhos celulares, televisores, computadores, robôs e vários outros aparelhos eletrônicos que surgem a cada momento e são vendidos em larga escala e consumidos pela sociedade. E qual é a relação desses jovens com essas tecnologias? E a sociedade em geral? Como essas tecnologias es-

tão influenciando a população? Quando vamos analisar esses pontos, temos inúmeros meios de observar como essas pessoas se inserem nesse mundo, pois todos nós temos em nosso cotidiano contato com diversos jogos, meios sociais, nuvens, aparelhos de diversos tipos entre outras realidades tecnológicas digitais. Esse mundo cresce de forma rápida, e a juventude entra e participa dele de tal forma, como se eles fossem nano *chips*, ou dados de uma nuvem, o que vai além de ser somente um personagem de um jogo ou um administrador de um grupo de mensagens.

O jovem, ao lidar com as mídias, tradicionais e digitais, atua como se tivesse um controle absoluto da máquina e dos mundos que elas proporcionam. Ele sabe para onde vai e o que encontrar, mesmo sem ter, uma única vez, estado lá (SOUSA, et al. 2015, p. 27).

Ao entrar em contato com essa esfera tecnológica, o indivíduo consegue integrar facilmente com o aparelho que ele está utilizando, pois a acessibilidade a esses aparelhos são um dos pontos principais a serem observados pelos desenvolvedores, a fim de possibilitar uma maior aceitação pelos consumidores. Sendo assim, esses consumidores conseguem desenvolver grandes habilidades em diversas plataformas.

Navegando por esse mundo digital, compreendemos que pela visão material das coisas, as redes sociais, os jogos, os *sites* e outras plataformas digitais, estão tomando espaço na rotina das pessoas, pois a cada dia que passa, o contato físico está sendo menos frequente. Os consumidores preferem pedir um lanche pelo famoso *delivery*, do que precisar ir até a lanchonete, preferem comprar roupas e produtos pelos *sites* e aplicativos ao invés de ir à loja, ou seja, apesar desse universo digital não possuir um espaço físico propriamente dito. Mas eles vêm oferecendo uma escolha para que as pessoas decidem se preferem ir até esses espaços físicos para adquirir produtos e materiais ou utilize a tecnologia ao seu favor tendo o conforto de conseguir receber esses produtos do sofá de casa.

Quando vemos essa variedade na forma de utilizar as tecnologias, observamos que ela vem também complementando o espaço físico, e se faz necessário entendermos essa diversidade de espaços, o físico, o conceitual e o tecnológico, com diz Coelho e Fialho (2007) “O espaço físico consiste na localização em um espaço geográfico e em um determinado instante de tempo, de agentes, interações e artefatos[...], espaço conceitual que se caracteriza pela possibilidade de novas formas ou mesmo padrões de interações”.

Começamos a pensar nesses conceitos, e compreendemos que o espaço virtual não se distancia muito do espaço físico, pois eles se relacionam, mesmo o digital sendo incapaz de nos entregar objetos concretos como no espaço físico, porém, o digital nos oferece inúmeras opções que não conseguimos obter em outros espaços.

Espaço digital abrange todas as extensões aos espaços físicos e conceituais obtidos pelas possibilidades trazidas pela tecnologia. O espaço digital é a medida de nossa conectividade e sua principal propriedade é a possibilidade de emergências devido a esta conectividade (COELHO e FIALHO, 2007, p.6).

Nessa visão, vemos então que apesar de não existir esse espaço físico de interação e manuseio, o universo digital entrelaçado com o conhecimento humano estão se inserindo no espaço geograficamente falando, e se apropriando e criando novos meios e rumos dentro da sociedade, e esse espaço é onde as pessoas estão constantemente se encontrando, ou seja, a tecnologia sendo relacionada ao conhecimento, inovam e abraçam a sociedade mostrando um novo modo de convivência, e essa ideia é o que Levy (1998) chama de espaço do novo nomadismo.

O espaço do novo nomadismo não é o território geográfico, nem o das instituições ou dos Estado, mas um espaço invisível de conhecimento, saberes, potências de pensamentos em que brotam e se transformam as qualidades do ser, maneiras de construir sociedade. Não os organogramas do poder, nas fronteiras das disciplinas, tampouco as estatísticas dos comerciantes, mas o espaço qualitativo, dinâmico, vivo da humanidade, em vias de se autoinventar, produzindo o seu mundo (LEVY, 1998, p. 15).

E esse novo mundo está cada dia mais aparente dentro das mais várias áreas da sociedade, trazendo novas visões e formas de interação e convivência com o outro e consigo mesmo, mas vale ressaltar que, esse mundo assim como o mundo real, contém uma diversidade de espaços, porém, contém muitos perigos que precisam ser evitados pelos seus habitantes.

3. AS TDICS NA ESFERA EDUCACIONAL E O LETRAMENTO DIGITAL

As tecnologias digitais vêm ganhando protagonismo nas últimas décadas, dando um passo à frente das TICs (tecnologias da informação e comunicação), essa tendência digital vem se apresentando com uma diferenciada roupagem, com uma capacidade de desenvolver um maior trabalho em relação as TICs. As TDICs são caracterizadas principalmente pela forma de processar e transformar os dados e informações em números 0 e 1, como diz Ribeiro (2014)

Tecnologia digital é um conjunto de tecnologias que permite, principalmente, a transformação de qualquer linguagem ou dado em números, isto é, em zeros e uns (0 e 1). Uma imagem, um som, um texto, ou a convergência de todos eles, que aparecem para nós na forma final da tela de um dispositivo digital na linguagem que conhecemos (imagem fixa ou em movimento, som, texto verbal), são traduzidos em números, que são lidos por dispositivos variados, que podemos chamar, genericamente, de computadores. Assim, a estrutura que está dando suporte a esta linguagem está no interior dos aparelhos e é resultado de programações que não vemos. Nesse sentido, tablets e celulares são microcomputadores (RIBEIRO, 2014, p.1).

E interessante apresentar que essa tecnologia digital conta com uma grande capacidade de processar e armazenar dados, contribuindo para uma interligação entre diversos aparelhos por meio de vários tipos de conexões.

Essas tecnologias vieram para revolucionar o modo de vida das pessoas, as formas de produção das indústrias e até mesmo a difusão em massa de informações,

sendo capazes de se comunicar com pessoas do outro lado do mundo em tempo real, e trocar diversos tipos de informações por meio de aplicativos plataformas e sites. Dados de várias formas, podem ser transmitidos de forma prática e rápida, como textos, mídias, e até mesmo transferências bancárias que são feitas de forma instantânea por meio do sistema *Pix*, que segundo o desenvolvedor o Banco Central do Brasil (2020) “*Pix* é o pagamento instantâneo brasileiro. O meio de pagamento criado pelo Banco Central (BC) em que os recursos são transferidos entre contas em poucos segundos, a qualquer hora ou dia. É prático, rápido e seguro.” E assim observamos o grande espaço que as tecnologias digitais estão ocupando na sociedade.

Nas instituições de ensino, essas ferramentas digitais também vêm contribuindo em diversas áreas, e Ribeiro (2014) ressalta que:

na escola, nossos sistemas acadêmicos de frequência e notas já são, em grande medida, digitais, o que alterou nossos tempos e modos de trabalho. Parte dos materiais de que dispomos para planejar e ministrar nossas aulas pode ser de tecnologia digital, assim como muitos dos meios de que dispomos para interagir com nossos alunos (RIBEIRO, 2014, p.1).

Ou seja, a tendência digital vem se implementando na esfera educacional contribuindo com as demais tecnologias, possibilitando uma repaginação e organização de documentos e informações.

E trazendo essas tendências digitais para dentro do contexto de sala de aula, observamos que os alunos a cada dia estão compartilhando dessas informações, tendo em vista que a última geração já nasce na maioria dos casos dentro de uma cultura digital, cercados pelos aparelhos celulares, computadores, consoles de jogos etc. o que os fazem adentrar na escola com essa aculturação e conseqüentemente interagir com esse meio.

E com o advento dessas várias formas de interação por meio das TDICs, podemos inseri-las no contexto sala de aula, com diferentes propostas e meios de buscar fomentar o conhecimento junto com os alunos, mas, é necessário observar a forma com que esses alunos estão inseridos dentro desse mundo digital.

No entanto, considerar a tecnologia digital, desde a alfabetização, exige que incorporemos esta cultura nos materiais e nas práticas cotidianas com as crianças, seja produzindo registros imagéticos e verbais, seja usando jogos para aprender, seja lendo e escrevendo em dispositivos digitais, como teclado de grandes computadores ou de um celular. Implica, além de tudo, saber que crianças que já nasceram inseridas nessa cultura passa a pensar e agir com esses dispositivos, quer a escola queira ou não (RIBEIRO, 2014, p.1).

Portanto, é importante analisar e arquitetar a maneira pela qual irá se dá essa implementação das tecnologias digitais dentro da sala de aula, possibilitando uma maior vantagem do desenvolvimento educacional e no processo de ensino. Acrescentando aos conhecimentos que cada aluno possui em relação a esse mundo tec-

nológico, pois como já abordado anteriormente, cada aluno já chega no contexto escolar com algum conhecimento acerca dessa esfera digital.

Nesse sentido, abrimos o espaço para compreender onde o letramento digital se estabelece nesse contexto escolar, pois com já citamos neste artigo, o letramento digital vem ganhando espaço e está diretamente ligado e associado a essas ferramentas digitais que se fazem presentes na vida das pessoas. Esse elemento possibilita ligar as práticas de leitura e produção de textos desenvolvidas nesses espaços tecnológicos, onde o indivíduo entra em contato com essa diversidade de materiais, dados e informações, absorvendo e compartilhando-os com o mundo. E compreendendo esse conceito, e observando os princípios que devemos partir para inserção dessas tecnologias em sala de aula para variados fins, entramos então no ponto de partida para a utilização desses elementos tecnológicos digitais nas instituições de ensino.

Recorrer a essas novas tendências tecnológicas para o trabalho em sala de aula, vai muito além de simplesmente utilizar essas ferramentas para apresentar aos alunos algo novo ou incentivá-los ao uso correto dessas tecnologias, mas também é buscar em sala de aula um meio de educar e debater acerca de como esses elementos digitais podem contribuir com a vida familiar e em sociedade.

Observando, pois, que a escola também é um espaço de transformação e contribuição, onde os alunos são preparados não só para o vestibular e mercado de trabalho, mas também para a vida em sociedade, o educar deve vir cheio dessas novas realidades como nos traz Martins e Bastos (2007).

Educar significa muito mais do que transmitir conhecimentos, significa formar para a autonomia, isto é, para autogovernar-se. Um processo educacional somente será verdadeiramente autônomo e libertador se for capaz de, tendo o conhecimento científico produzido pela humanidade como instrumento, formar cidadãos críticos, dotados das condições que lhes permitam entender os contextos históricos, sociais e econômicos em que estão inseridos (MARTINS E BASTOS, 2007, p.5).

Depois de ter mergulhado nesses conceitos e propostas apresentadas por diversos autores acerca da educação e das novas tendências tecnológicas digitais, buscamos em campo observar as mais variadas formas de trabalhar com esses materiais e recursos tecnológicos na esfera educacional. Partindo dos pontos essenciais para dar início a um trabalho eficaz no processo de aprendizagem dos alunos, utilizando das ferramentas digitais presentes no contexto de cada um, e apresentando essas novas metodologias.

Vale lembrar, que esses novos meios de contribuição no processo educativo em sala de aula utilizando as TDICs, podem ser aproveitados e aplicados por professores das mais diversas áreas do conhecimento, seja de exatas, humanas ou linguagens. Como já tratado neste artigo, há inúmeras formas de se trabalhar com essas ferramentas digitais, pois hoje dispomos de uma grande variedade de aplicativos,

sites e plataformas das mais diversificadas áreas do conhecimento, favorecendo o profissional docente uma praticidade em trabalhar na sala de aula seus temas de maneira interativa e dinâmica.

Percorrendo pelo mundo digital, buscamos encontrar um mecanismo que nos possibilitasse fazer esse tipo de trabalho, onde pudéssemos inserir os alunos nesse contexto e, buscando organizar e dialogar com eles, uma nova forma de trabalho, observando também o contexto social, cultural e familiar de cada aluno. Esse mecanismo busca construir um espaço onde todos possam participar e desenvolver as atividades propostas de uma maneira bem acessível e didática, contextualizando com autores que nos apresentam esses assuntos de maneira clara e positiva, e ajudando os alunos no aperfeiçoamento das habilidades com esses materiais tecnológicos. Bem como observando o próprio letramento digital que cada aluno possui, sendo positivamente enriquecido com outros temas e novidades que, com certeza, irão contribuir para a vida no contexto familiar, educacional e social de cada um, e para realizar este trabalho, utilizamos da plataforma *Kahoot*, como já citado, é uma plataforma global cheia de utilidades, como reforça Varela (2019).

Trata-se de uma plataforma com a versão gratuita para a Educação que é totalmente funcional. Contudo, as versões *Plus* ou *Pro* trazem bastante vantagens para quem está interessado em aplicar de forma consistente nas suas atividades letivas. O *Kahoot!* permite criar, aplicar e compartilhar os resultados de questionários (*Quiz* ou *Survey*) em sala de aula ou como complemento ao trabalho realizado. A aplicação de questionários pode ter vários objetivos, que poderão, ou não, incluir algum tipo de competição (VARELA, 2019, p.1).

4. PERCURSO METODOLÓGICO

O desenvolvimento do presente trabalho foi realizado com uma pesquisa de campo com os alunos do curso de inicialização musical da escola de música Porta do Céu, localizada na cidade de Itapecuru Mirim, estado do Maranhão. Com a utilização do aplicativo escolhido buscamos observar como anda o conhecimento básico da língua portuguesa no campo da leitura voltada para o letramento digital. Os alunos participaram de um *Quiz*, que a própria plataforma *Kahoot* nos possibilita produzir com um atraente *layout* de uma forma divertida e interativa, com a utilização de vários elementos midiáticos como imagens, músicas, entre outros elementos.

Para dar início ao trabalho de pesquisa, a princípio foi necessário um estudo sobre a plataforma escolhida, com o intuito de observar o funcionamento dela, a fim de facilitar a utilização na aplicação da atividade. Posteriormente foi dado início a produção do método de perguntas e resposta *Quiz* oferecido pelo próprio *Kahoot*, onde foi elaborado um questionário com 10 (dez) perguntas objetivas relacionadas ao tema letramento digital. Com a elaboração do *Quiz*, foi discutido em sala de aula sobre a importância das tecnologias nas mais diversas esferas da sociedade e nas mais diversas situações do nosso cotidiano, e foi abordado o conceito de letramento digital, onde os alunos compreenderam a importância da tecnologia, dando ênfase nas TDICs.

Após a discursão do tema em sala de aula, foi aplicado a atividade, onde os alunos utilizaram aparelhos celulares conectados à *internet* para acessar a plataforma *Kahoot* prosseguindo com a realização da atividade proposta. O contato com a plataforma foi de fácil acesso para todos os alunos, pois os mesmos já contavam com uma grande habilidade na utilização de aparelhos digitais como o celular, bem como a facilidade na compreensão das plataformas digitais que os mesmos adquiriram no seio familiar com o advento dessas ferramentas, o que possibilitou uma praticidade na hora de participar do jogo de perguntas e respostas desenvolvido

Para obter uma melhor observação e análise do trabalho de pesquisa, foi elaborado um ciclo PDCA, a fim de organizar as estratégias e ações desenvolvida para a realização do trabalho e coleta de dados.

Ciclo PDCA

ETAPAS	AÇÕES
P (PLAN)	Planejar o trabalho a ser realizado com a escolha do <i>app</i> e uma plano de ação elaborado, a proposta foi levar em consideração a realidade tecnológica e digital de cada aluno, debater em sala de aula o assunto a ser desenvolvido e posteriormente realizar a atividade pela plataforma escolhida, seguindo de uma análise de resultados.
D (DO)	Foi realizado o trabalho planejado de acordo com o plano de ação estabelecido. A plataforma <i>Kahoot</i> foi a escolhida para o desenvolvimento desse trabalho, elaborando a forma de aplicação do questionário, debatendo em sala de aula a importância do letramento digital seguindo da aplicação do <i>Quiz</i> .
C (CHECK)	Medir ou avaliar. Foi trabalhado de maneira fácil e prática o desenvolvimento da pesquisa, onde consideramos de forma positiva todos os pontos que buscamos avaliar com a pesquisa, e os passos percorridos no processo de elaboração e aplicação do trabalho, bem como a atuação positiva dos alunos em relação ao tema proposto.
A (ACT)	Observando todo os pontos do processo de construção, aplicação e coleta de dados do seguinte trabalho, notamos que sempre é necessário um maior estudo e conhecimento dos meios tecnológicos e digitais a serem utilizados na sala de aula, para possibilitar um maior desenvolvimento dos alunos, bem como uma melhor apresentação dos temas abordados, tendo em vista que as tecnologias digitais estão em constante evoluções nos mais diversos aspectos

5. RESULTADOS

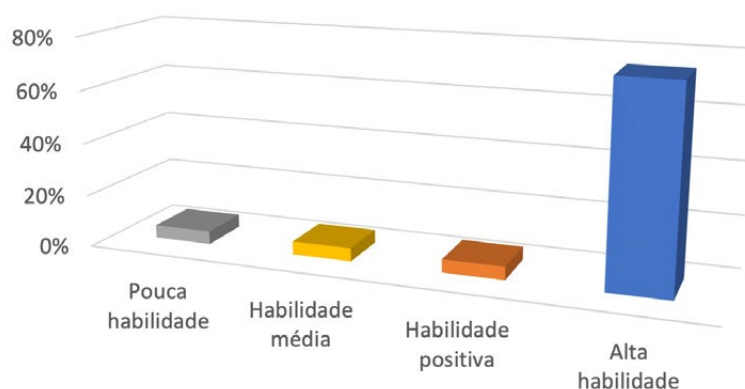
Na realização da pesquisa foram obtidos diversos resultados em quatro principais pontos que buscamos analisar com essa pesquisa de campo.

Os pontos analisados foram:

- Facilidade no uso das tecnologias por parte dos alunos;
- Compreensão da proposta didática aplicada;
- Verificar se houve o entendimento do assunto discutido em sala de aula;
- Examinar o desenvolvimento de cada aluno acerca da atividade proposta.

Após analisar os pontos acima, foram obtidos os seguintes resultados apresentados nos gráficos a seguir:

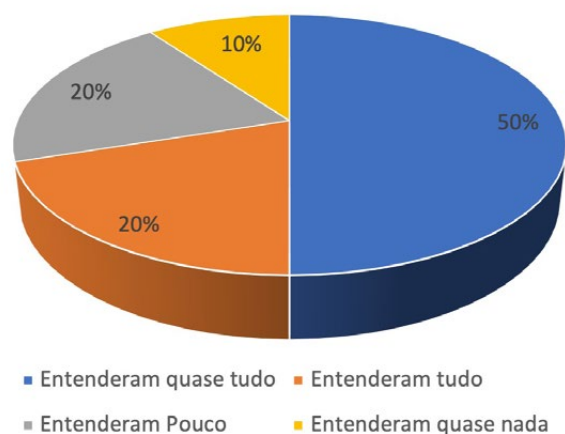
Gráfico 1: Habilidades no uso das tecnologias por parte dos alunos.



Fonte: Autoria Própria (2022).

De acordo com a coleta de dados, concluímos que a maioria dos alunos obtinham altas habilidades com o uso das TDICs, como ilustra o gráfico 1. Esse resultado se dá principalmente pelo contato diário com essas tecnologias, o que foi constatado em uma das alternativas presentes no *Quiz*, como mostra o anexo A. Esse frequente contato com os aparelhos tecnológicos, contribuem para o desenvolvimento dessas habilidades, favorecendo os alunos e os professores na aplicação e desempenho de atividades, utilizando essas ferramentas na sala de aula.

Gráfico 2: Compreensão do assunto abordado em sala.



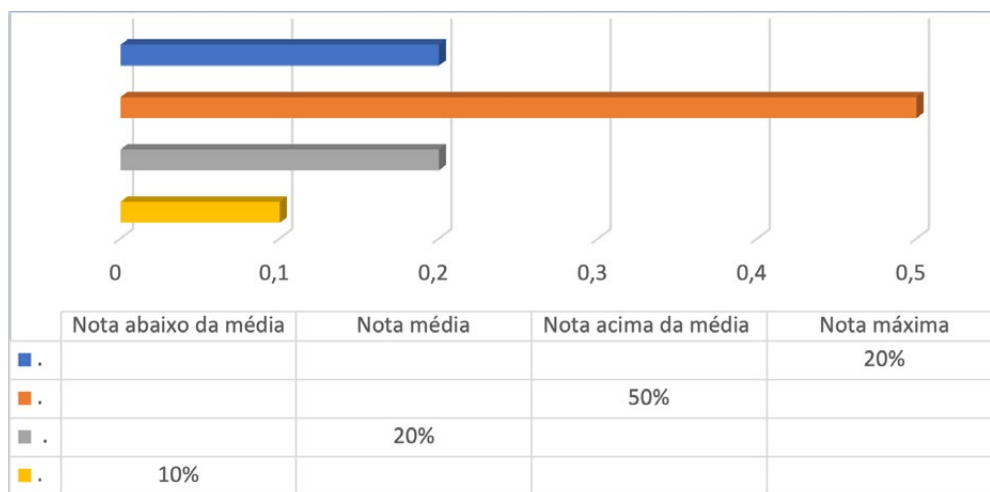
Fonte: Autoria Própria (2022).

Sobre a compreensão dos alunos acerca da proposta didática aplicada, todos os alunos reagiram positivamente à forma de trabalho com a utilização da plataforma *Kahoot* para a elaboração da atividade.

Em relação a compreensão do assunto, obtivemos alguns resultados com a análise da atividade como mostra o gráfico 2. Houve uma grande compreensão do assunto por parte dos alunos, apenas 10% não conseguiram compreender de forma clara o assunto, e 20% entenderam de forma parcial como mostra o gráfico 2.

Vale ressaltar que a faixa etária dos discentes que participaram dessa pesquisa foram alunos com idade entre 9 e 35 anos, o que contribuiu muito para essa variação no entendimento e no rendimento de cada um. É comum observar que, na maioria dos casos, os jovens e adolescentes conseguem obter mais respostas positivas quando relacionados ao uso das tecnologias, isso se dá pelo fato de que as pessoas dessa faixa etária estão com mais frequência ligadas aos jogos, plataformas e aplicativos desenvolvidos nos últimos tempos. Porém, com o detalhamento e a explicação da atividade desenvolvida na plataforma *Kahoot*, a maioria dos alunos que conseguiram compreender o tema debatido em sala de aula, também conseguiram obter boas notas ao resolver o *Quiz*, como veremos no gráfico 3.

Gráfico 3: Notas obtidas pelos alunos.



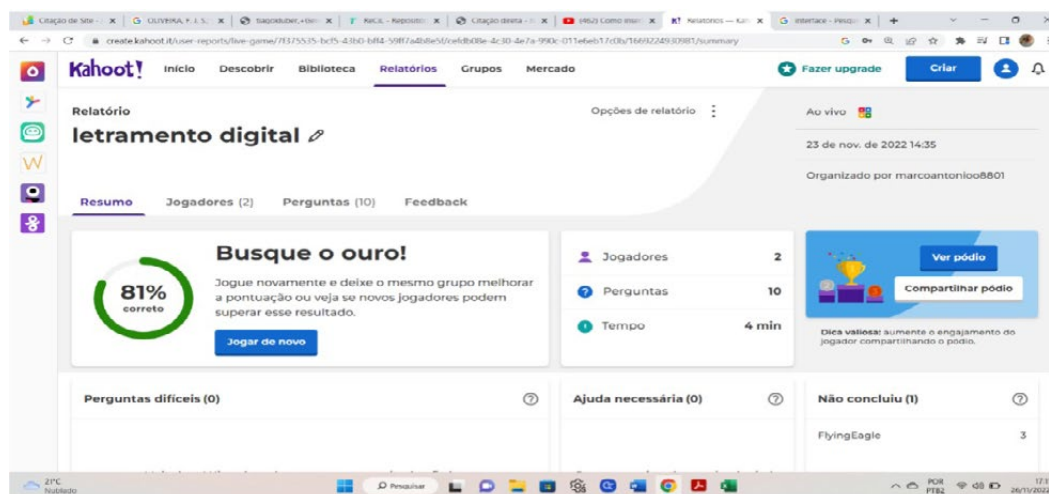
Fonte: Autoria Própria (2022).

Neste quarto ponto, podemos observar que grande parte dos alunos que participaram da atividade obtiveram notas acima da média, e apenas 10% dos alunos não conseguiram alcançar a média de pontos no jogo.

É interessante observar ainda, que o próprio *Kahoot* disponibiliza os resultados no final de cada rodada, trazendo um relatório parcial, como mostra a Figura 1, e, também, emite um relatório completo e detalhado no final de cada partida, como ilustra a Figura 2, apresentando o número exato de acertos e as porcentagens juntamente com a pontuação. Importante frisar, que a plataforma também apresenta a opção de pontuação correspondente ao tempo em que cada jogador demanda para

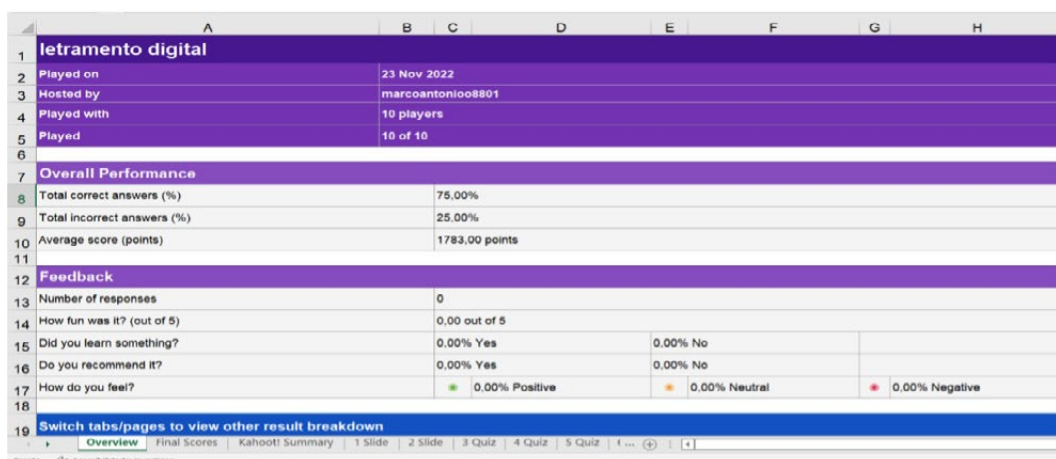
responder as alternativas, consequentemente aquele que responde em um período de tempo menor, consegue pontuar e tentar chegar ao pódio no fim do jogo.

Figura 1: Relatório parcial emitido pelo Kahoot.



Fonte: Kahoot (2022).

Figura 2: Relatório completo emitido pelo Kahoot.



Fonte: Kahoot (2022).

Analisando todos os pontos, vemos que os alunos conseguiram reagir de forma positiva a esse formato de trabalho em sala de aula, fazendo com que o conteúdo discutido pudesse ser fixado de uma maneira mais interativa e divertida, proporcionando um bom rendimento de cada aluno.

6. DISCUSSÕES

Diante de todos esses dados coletados, vemos que a tecnologia que hoje se faz presente dentro de várias esferas da sociedade, contribui em diversas formas para o processo em que ela é recorrida, bem como na sala de aula em vários momentos. No campo de pesquisa, obtivemos resultados e experiências que nos mostraram como essas ferramentas tecnológicas digitais são usadas nesse contexto educacional, e por nossa pesquisa ser realizada em uma sala bem heterogênea em vários aspectos como

a própria diferença de idade entre os alunos, vemos que cada um reagiu de uma forma diferente ao uso das TDICs. Essa questão nos faz observar alguns aspectos relacionados à diferença de idade e como cada um absorve as informações relacionadas a essas ferramentas digitais, o que também concluiu um autor aqui citado:

As pessoas já estão dependentes de toda a tecnologia existente. Hoje é muito comum uma criança já saber utilizar um celular e/ou os programas de computador. Uma realidade muito diferente de anos atrás, já que o acesso a essas tecnologias se dava apenas quando fossem jovens e/ou adultos (GARCIA, 2013, p. 30).

Ou seja, apesar da pouca idade e da baixa experiência, as crianças conseguem desenvolver e reagir de forma positiva com o uso dos aparelhos digitais, plataformas e jogos educacionais dentro da sala de aula.

O uso dessas ferramentas em sala de aula está inserindo paulatinamente, tendo em vista que muitos professores ainda não conseguiram compreender a importância desses recursos tecnológicos na formação dos alunos. Essa falta de compreensão colabora para o enfraquecimento da bagagem de conhecimento de cada aluno e, também, do professor, já que as tecnologias estão ganhando muito espaço no dia a dia das pessoas, e não saber lidar com essa cibercultura, faz com que esses alunos fiquem um passo atrás de outros, o que compartilha também Garcia (2013).

Este é outro ponto importante da utilização das tecnologias no processo de ensino-aprendizagem, já que a escola passa a fazer um trabalho social, inserindo essas pessoas no mundo tecnológico, eliminando assim todas as barreiras que possam existir, sejam elas sociais, culturais ou intelectuais (Id *ibid*, 2013, p. 30).

Vale ressaltar que também devemos analisar a realidade tecnológica de cada aluno, já que o acesso a esse mundo digital ainda é distante para uma grande parte da sociedade, tendo em vista as diferentes realidades culturais e até mesmo financeiras ao adquirir essas ferramentas. Dentro da esfera educacional, existem alunos que se sobressaem no quesito habilidades no uso das TDICs, o que aparece de uma forma involuntária a desigualdade, e o processo de inclusão digital precisa ser trabalhado em sala de aula, de forma teórica e, se possível, também de forma prática, pois cada aluno precisa ser inserido nesse contexto.

A escola e o professor precisam explorar esse conhecimento que já possuem, permitindo assim novas formas de ensinar e aprender e também incluir aqueles que ainda estão nas estatísticas de exclusão digital, pois, apesar das facilidades de acesso às tecnologias, ainda existe desigualdade social nesse âmbito. (GARCIA, 2013, p. 30)

De um modo geral, o contato com esse mundo tecnológico requer uma atenção especial dos professores, pois é um mundo muito vasto, e se não for vivenciado de uma forma sábia e saudável, o conhecimento de cada aluno pode ser comprometido, tendo em vista que o entretenimento se dá de várias formas dentro desse universo.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca diária por um melhor resultado dos alunos em sala de aula é o que muitos professores e pesquisadores vêm fazendo ao longo do tempo, por meio de pesquisas e compartilhamento de experiências com os mais diversos profissionais de diferentes áreas. Este trabalho teve como objetivo mostrar ao leitor a importância da utilização de recursos tecnológicos para a produção do conhecimento, principalmente em sala de aula. Além disso, essa pesquisa mostrou que professores e alunos são beneficiados com a uso dessas tecnologias. A prova disso foi a utilização *Kahoot* na turma de música da escola de iniciação musical Porta do Céu.

Portanto, o *Kahoot* e outras ferramentas digitais podem contribuir para o processo de ensino-aprendizagem. Mas o uso dessas tecnologias deve ser feito com responsabilidade, pois são só ferramentas. Os protagonistas desse processo são o professor e alunos, que juntos, devem buscar se desenvolver e estar inseridos na realidade social.

REFERÊNCIAS

ALVES, Taise Araújo da Silva. **Tecnologia de informação e comunicação (TIC) nas escolas: da idealização à realidade**. Lisboa 2009. Disponível em: <https://recil.ensinlusofona.pt/bitstream/10437/1156/1/Taises%20Araujo%20-%20versao%20final%20da%20dissertacao.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2022.

COELHO, Christianne Coelho de Souza Reinish; FIALHO, Francisco Antonio Pereira. **Espaços digitais para melhor aprendizagem**. Diálogo Educ. v. 7, n. 22, p. 165-174, Curitiba, set./dez. 2007. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/de/v07n22/v07n22a11.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2022.

COSCARELLI, C. V.; RIBEIRO, A. E. **Letramento digital**. Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita. Belo Horizonte: FaE UFMG, 2014. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/letramento-digital>. Acesso em: 22 nov. 2022.

GARCIA, Fernanda Wolf. **A importância do uso das tecnologias no processo de ensino-aprendizagem**. Educação a Distância, Batatais, v. 3, n. 1, p. 25-48, jan./dez. 2013. Disponível em: <https://intranet.redeclaretiano.edu.br/download?caminho=upload/cms/revista/sumarios/177.pdf&arquivo=sumario2.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2022.

Letramento digital. *Kahoot*, 2022. Disponível em: <https://create.kahoot.it/user-reports/live-game/7f375535-bcf5-43b0-bff4-59ff7a4b8e5f/cefdb08e-4c30-4e7a-990c-011e6eb17c0b/1669224930981/summary>. Acesso em: 20 nov. 2022.

LÉVY, P. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

LIRA, Marcia. **Você sabe o que é Kahoot? Entenda aqui como funciona!** B2B Stack. 2021. Disponível em: <https://blog.b2bstack.com.br/kahoot/>. Acesso em: 18 nov. 2022.

MARTINS, Sandra Mara; BASTOS, Carmen Célia. **Função social da escola: premissa para superação.** Paraná 2007. Disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_sandra_mara_martins.pdf. Acesso em: 15 nov. 2022.

O que é pix? Gov.br, Brasil 2020. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/estabilidade/definancial/pix>. Acesso em: nov. 2022.

OLIVEIRA, F. J. S.; REIS, D. A. F. **Uso de tecnologias digitais em pesquisas de opinião: discussões sobre o componente afetivo do letramento estatístico a partir do modelo de Iddo Gal.** Revista Brasileira de Educação em Ciências e Educação Matemática, v. 3, n. 2 p. 199-223. Paraná 2019. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/rebecem/article/download/22449/pdf/84705>. Acesso em: 23 nov. 2022.

RIBEIRO, A. E. **Tecnologia digital e ensino: breve histórico e seis elementos para a ação.** Linguagem & Ensino, Pelotas, v.19, n.2, p. 91-111, CEFET-MG Fapemig jul./dez. 2016. Disponível em: [file:///C:/Users/marco/Downloads/15260-52947-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/marco/Downloads/15260-52947-1-PB%20(1).pdf). Acesso em: nov. 2022.

RIBEIRO, A. E. **Tecnologia digital.** In: FRADE, I. C. A. S.; VAL, M. G. C.; BREGUNCI, M. G. C. Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita. Belo Horizonte: FaE UFMG, 2014. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/tecnologia-digital>. Acesso em: 22 nov. 2022.

SANTOS, Patrícia Basseto; BIZELLI, José Luiz. **O Papel dos Games na Construção de Conteúdos Midiáticos Educativos.** Intercom, Pernambuco, 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-1225-1.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2022.

SILVA, Renildo Franco; CORREA, Emilce Sena. **Novas tecnologias e educação: a evolução do processo de ensino e aprendizagem na sociedade contemporânea.** Educação & Linguagem, ano 1. nº 1. p. 23-35. CEARÁ, 2014. Disponível em: <https://www.fvj.br/revista/wp-content/uploads/2014/12/2Artigo1.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2022.

SOUSA, Carlos Ângelo (Org.), et al. **Juventudes e Tecnologias: Sociabilidades e Aprendizagens**, 1 ed. Liber Livro, Brasília, 2015. Disponível em: <https://socialeducation.files.wordpress.com/2016/03/juventudes-e-tecnologias-site.pdf>. Acesso em: nov. 2022.

VARELA, Luíz. **O Que é o Kahoot?** Educa Tech. 31 de janeiro de 2019. Disponível em: <https://www.educatech.pt/kahoot/>. Acesso em: 20 nov. 2022.





Publicado em: 12.02.2024

POWERPOINT: RECURSO PRESENTE NAS SALAS DE AULA REMOTAS E PRESENCIAIS COMO FERRAMENTA PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Antonia Raiane de Oliveira Silva
Universidade Estadual do Maranhão, Brasil
E-mail: raianeholiveira01@gmail.com

RESUMO

Para o presente artigo, buscou-se compreender como e até que ponto o processo de utilização do *power point* influencia na didática metodológica dos docentes em relação ao ensino presencial e remoto de língua portuguesa. Usou-se da proposição de perguntas aplicadas através de questionários com professores de língua portuguesa da educação básica, atuantes no ensino público e privado na cidade de Itapecuru Mirim/MA. Com o objetivo de ratificar a introdução das Tecnologias e Informação e Comunicação (TICs) ao ensino da língua, mediante a presença dessas ferramentas no cotidiano dos alunos. Uma vez que essas tecnologias não devem ser ignoradas no processo de ensino e aprendizagem, o presente estudo buscou trabalhar essa questão do ponto de vista dos professores. Os questionários foram produzidos e aplicados em uma perspectiva qualitativa, possibilitando que os profissionais expusessem suas percepções individuais sobre o tema, objetivando dentre outros aspectos, saber qual a frequência de utilização dessa ferramenta nas aulas, os critérios de uso, materiais produzidos e até mesmo as dificuldades enfrentadas ao utilizar esses programas. Embasado nas concepções de autores como David (2020), Levy (1999) e Cobucci (2022), é um artigo que expõe de maneira enfática TICs no ambiente escolar, destacando de que forma essas novas tecnologias atuam na disseminação dos principais eixos da linguagem.

Palavras-chave: TIC; Power Point; Língua Portuguesa; Ensino-Aprendizagem.

POWERPOINT: RESOURCE PRESENT IN REMOTE AND IN-PERSON CLASSROOMS AS A TOOL FOR TEACHING THE PORTUGUESE LANGUAGE

ABSTRACT

For this article, we sought to understand how and to what extent the process of using power point influences the methodological teaching of teachers in relation to face-to-face and remote teaching of the Portuguese language. It used the proposition of

questions applied through questionnaires with Portuguese language teachers in basic education, working in public and private education in the city of Itapecuru Mirim/MA. With the aim of ratifying the introduction of Information and Communication Technologies (ICTs) to language teaching, through the presence of these tools in students' daily lives. Since these technologies should not be ignored in the teaching and learning process, the present study sought to work on this issue from the teachers' point of view. The questionnaires were produced and applied from a qualitative perspective, enabling professionals to express their individual perceptions on the topic, aiming, among other aspects, to know the frequency of use of this tool in classes, the criteria for use, materials produced and even the difficulties faced when using these programs. Based on the concepts of authors such as David (2020), Levy (1999) and Cobucci (2022), it is an article that emphatically exposes ICTs in the school environment, highlighting how these new technologies act in the dissemination of the main axes of language.

Keywords: *ICT; Power point; Portuguese language; Teaching-Learning.*

1 INTRODUÇÃO

Em razão dos avanços tecnológicos que vem sendo incorporados ao contexto das pessoas nos últimos anos, o presente artigo abrange questões voltadas às influências que essas modificações exercem sobre os múltiplos âmbitos da sociedade. Além de tratar de aspectos ligados ao âmbito educacional da atualidade da disciplina Língua Portuguesa.

Serão apresentadas concepções de alguns autores que retrataram o tema de forma pertinente aos estudos propostos. Sobre qual é a real atuação das tecnologias de informação e comunicação (TICs) no processo de ensino e aprendizagem.

Trataremos, então, sobre a necessidade de os profissionais envolvidos na educação fazerem uso das tecnologias a fim de proporcionar aos discentes um desenvolvimento no processo de aprendizagem.

Além de aprofundar conceitos ligados à disseminação do ensino da língua, em relação ao ensino tradicional, também serão abordados aspectos do ensino remoto, tanto como um viés emergencial, como enquanto uma modalidade de ensino que persiste até os dias de hoje.

Em relação ao ensino de língua portuguesa, será destacada a importância de ter a escola como ambiente norteador para a preparação dos alunos para atuarem com competência nos denominados eixos da linguagem. Sendo eles, a leitura, a produção dos textos, a oralidade e, por fim, a análise linguística, para que assim, o presente estudo explicita como e até que ponto as TICs, especificamente o *power point* age nesse processo, considerando o momento de expansão da cultura digital vigente.

Dessa forma, este artigo tem como objetivo, além de levantar discussões pertinentes à referida temática, também busca compreender as múltiplas funções linguísticas dentro do ensino de língua portuguesa que usa essas ferramentas tecnológicas. Assim, despertar um senso crítico nos educadores e alunos que tiverem acesso ao material recorrido, para que dessa forma, possa ser assegurada a participação das tecnologias de informação e comunicação (TICs) no aperfeiçoamento das práticas pedagógicas dos professores.

Este artigo é composto por seções. A primeira é intitulada “As TICs e seu uso no ambiente escolar presencial”, onde será abordada a relevância das tecnologias para o cotidiano dos indivíduos e, junto a isso, também fará um paralelo entre a ocorrência do uso dessa ferramenta nas salas de aula presenciais e remotas. No segundo tópico, com o título de “As hipermídias no processo de ensino de língua portuguesa”, buscamos de maneira mais incisiva o contexto variado de formas de ensinar língua portuguesa. Contextos que foram fomentados pela realidade remota emergencial enfrentada pelos professores nos últimos anos (que está atrelado ao cenário da pandemia de COVID 19). O tópico aborda, portanto, o incentivo em rever as metodologias da sala de aula tradicional, buscando adaptar-se às novas formas de ensinar e aprender língua portuguesa e isso vem através dos recursos tecnológicos e as hipermídias.

Apresentaremos também a metodologia utilizada na investigação do objeto de estudo quanto a sua natureza, sua abordagem e seus objetivos. E as considerações finais, que exploram os resultados obtidos com as etapas de elaboração e aplicação da pesquisa, ratificando a relação de proximidade entre ferramentas como o *powerpoint* e o ensino da língua no cenário atual, além de aprimorar o saber sobre as questões relativas às tecnologias de informação e comunicação (TICs).

2 AS TICS E SEU USO NO AMBIENTE ESCOLAR PRESENCIAL E REMOTO

As tecnologias de informação e comunicação (TICs) nascem de uma necessidade constante das sociedades em se habituarem às contínuas evoluções que vieram acontecendo no cotidiano de cada indivíduo ao longo do tempo. Com isso, transformaram e vêm transformando de maneira recorrente o cenário das relações individuais e coletivas do homem.

Segundo David (2020), as inspirações humanas, ao longo dos anos foram associadas às inovações constantes. Desse modo, visando praticidade e bem-estar no contexto de vida cotidiana, o ser humano consolidou esta necessidade por meio de investimento físico e financeiro em novos projetos de criação, invenção e reinvenção.

Observe o trecho abaixo:

Juntamente com as modificações sociais decorrentes da inserção das tecnologias nos mais diferentes contextos e espaços, observa-se o surgimento da cibercultura, isto é, uma cultura contemporânea promovida pelos novos

ciberavanços, intimamente ligados às tecnologias digitais. Entre as áreas da cibercultura que recebem destaque nos ciberespaços (LÉVY, 1999) aponta a comunicação e a informação com rapidez, constituídas principalmente pela ausência de necessidade física do homem na instituição de diálogos comunicacionais e relacionamentos (DAVID, 2020, p. 2).

Verificamos, portanto, que o papel dessas TICs está ligado a uma adaptação necessária para a denominada cultura contemporânea. Que, assim como a citação discorre, foi instaurada através das novas tecnologias que abraçam os mais diversos meios sociais.

Partindo do pressuposto de ver as TICs como algo recorrente na realidade humana, pontuamos a presença desses mecanismos nos âmbitos educacionais da atualidade. Uma vez que, essas mesmas tecnologias antes citadas, são mais que uma realidade no contexto de vida de cada criança e jovem das escolas nos dias de hoje. Fato este que torna ainda mais complexo o processo de ensino e aprendizagem executado entre alunos e professores.

Em uma perspectiva de ensino presencial, temos a noção dos novos métodos que impulsionam novas formas de letramento, assim como destaca (BRASIL, 2018). O documento ratifica em sua legitimidade, que as práticas voltadas para a nova cultura digital no currículo dos alunos não contribuem somente para que haja uma participação mais efetiva e crítica nas práticas contemporâneas de linguagem, mas também permite que esses discentes possam ter uma noção de que são mais do que somente usuários de língua e de linguagens, mas sim que eles podem criar, modificar e mesclar. Produzindo sentidos, o que dentre outras coisas, está atrelado ao desenvolvimento da criatividade do indivíduo.

A esse respeito, David (2020) destaca que:

Nos últimos anos as tecnologias têm se inserido, também, nos espaços escolares e se destacado como relevantes ferramentas no processo de organização e aplicação metodológica representadas pelas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC). Em razão disso, os autores afirmam que os profissionais envolvidos na educação, devem fazer uso das tecnologias a fim de proporcionar aos alunos uma amplitude no processo de aprendizagem, por meio do estabelecimento de conexões entre as informações e a diversidade dos conteúdos trabalhados e aprendidos em sala de aula (LÉVY, 1999; CRUZ, 2008 *apud* DAVID, 2020, p. 2).

O trecho acima ratifica a importância de inserir as novas formas de letramento no ensino tradicional não apenas em um ponto de vista alternativo, mas também em um sentido necessário aos vários contextos que podem surgir dentro e fora da sala de aula. E esse chamado multiletramento é propiciado justamente através dos muitos mecanismos presentes no contexto de exposição metodológica, aos quais o docente utilizará como estratégias de ensino. Desse modo, conferindo ao professor de língua portuguesa a oportunidade de instituir qual modelo de hipermídia utilizará para a disseminação dos conteúdos trabalhados.

É preciso considerar também que o período pandêmico com a disseminação do vírus da covid19 instalou desorganização e caos nos mais diversos setores da sociedade. Algo, que direta e indiretamente afetou de maneira considerável a educação em uma perspectiva mundial. E para mitigar os impactos causados por essa adversidade foi proposto o ensino remoto, que foi idealizado em um primeiro momento apenas como método emergencial, mas que perdurou e segue fazendo parte da realidade de ensino dos professores até o momento presente.

Muitos recursos tecnológicos contribuíram com para o êxito e a continuidade dessa modalidade de ensino, dentre eles (SOUSA *et al*, 2022) lista o *google*, o *kahoot*, o *google meet*, o *microsoft teams*, o *canva*, o próprio *power point* etc. Ferramentas que reforçaram um bom desempenho dos professores em executar as suas aulas e propiciar interação didática nos estudos diversos das linguagens.

Nesta perspectiva, é pertinente pontuar sobre o uso dessas ferramentas no ensino remoto em um contexto pandêmico, anterior ao cenário atual. Sobre isso, Sousa *et al* (2022) comenta que essas questões sobre as ferramentas digitais se intensificaram desde o início da pandemia e seguem sendo uma forma de disseminação de ensino por vários lugares. Neste caso, ainda segundo Sousa *et al* (2022), as escolas e os professores se adaptaram a essa nova realidade, deixando de lado o quadro e as ferramentas de escrita convencionais e aderiram à projeção de *slides* em uma classe virtual proporcionada pela tecnologia como suporte educacional.

É importante ressaltar, em um ponto de vista geral do ensino, a legitimidade em promover a comunicação entre os participantes desse processo. E para consolidar essa ideia, verificamos que:

O atual contexto de crise de saúde pública instalada pela COVID-19 torna [...] vista a necessidade de o professor rever as metodologias e as ferramentas pedagógicas contemplando o uso das TDIC como aliadas nos processos de ensino e aprendizagem nas áreas de leitura e de comunicação[...] (DAVID, 2020, p. 2).

Assim, a revisão de novas práticas metodológicas é vigente em relação ao ensino presencial, sendo também essencial à perspectiva do ensino remoto em momentos outrora emergenciais e, também, no momento presente, porque é imprescindível estabelecer comunicação das mais diversas formas entre professor e aluno.

3 AS HIPERMÍDIAS NO PROCESSO DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Hoje são muitas as alternativas resultantes do ensino remoto utilizado como método emergencial, uma delas é o ensino híbrido que consistiu na junção das modalidades presencial e remota.

Uma junção que resultou em muitos desafios para os professores. Algo que os induziu a rever suas metodologias e os incentivou a propagar o ensino da língua

através das diversas linguagens possíveis, estritamente contemplando todas as ferramentas tecnológicas vigentes em suas aulas.

A questão da exploração desses recursos tecnológicos leva a contribuições valiosas de outros autores que foram primordiais para o desenvolvimento da presente pesquisa. Ao adentrar no enfoque das hipermídias, verificamos a definição que é apontada por Rezende e Cola (2004) destacando que a hipermídia permite que um conceito seja apresentado não priorizando os métodos tradicionais de leitura, mas sim por meio de som, imagens e vídeos, isso associado aos recursos que o texto confere.

O que se pode perceber, é que frente ao que está sendo analisado na presente pesquisa, ferramentas como o *power point* estão dentro deste grupo de elementos que permitem com que a tal cultura digital seja propagada por meio de novos tipos de letramento implementados nas salas de aula e que, de fato, se fazem possíveis através de ferramentas como essa.

Associando isto à questão do uso do *power point* enquanto excelente alternativa metodológica no ensino de língua portuguesa, vejamos o que a Base Nacional Comum Curricular – BNCC salienta em sua legitimidade sobre o assunto:

[...] Parte do sentido de criatividade em circulação nos dias atuais (“economias criativas”, “cidades criativas” etc.) tem algum tipo de relação com esses fenômenos de reciclagem, mistura, apropriação e redistribuição. Dessa forma, a BNCC procura contemplar a cultura digital, diferentes linguagens e diferentes letramentos, desde aqueles basicamente lineares, com baixo nível de hipertextualidade, até aqueles que envolvem a hipermídia (BRASIL, 2018, p. 72).

O trecho ratifica, portanto, a importância das hipermídias em equilibrar a transmissão de conhecimento desde as formas mais simples até as mais complexas.

4 METODOLOGIA

Quanto a sua abordagem, utilizamos a pesquisa qualitativa como uma das referências metodológicas. Ela caracteriza-se, no que diz respeito a sua natureza, como uma pesquisa básica levando em consideração a forma mais adequada para explorar a temática e os objetivos a serem alcançados. Em se tratando dos seus objetivos, tal pesquisa é descritiva, explicativa e, também, exploratória. Somada a isso, temos a junção de procedimentos de coleta de dados, através de pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. Para esse motivo, realizamos levantamento bibliográfico baseado em materiais diretamente ligados ao tema central pesquisado, revisões direcionadas à melhor compreensão e embasamento sobre o assunto e, posteriormente, questionários com docentes da educação básica de escolas públicas e privadas, delimitando os principais objetivos a serem alcançados através dos dados coletados.

Em se tratando do teor da temática estudada, é valioso ressaltar a relevância da bibliografia utilizada para sua conclusão, uma vez que, o viés qualitativo direciona o

trabalho científico em seu estudo e análise feitas pelo pesquisador, ratificando ideias de demais autores para fundamentar o que se propõe (SOUSA, OLIVEIRA e ALVES, 2021).

Na perspectiva da pesquisa qualitativa, é importante lembrar que esse tipo de pesquisa não prioriza a quantificação de dados, nem busca mensurar de forma exata as informações adquiridas após a sua utilização. Ao contrário, segundo Paulilo (1999) essa referência metodológica de pesquisa traz consigo uma esfera de subjetividade e, através dela, consegue-se penetrar nas intenções e motivações a partir das quais ações são geradas. Dessa forma, usá-la é indispensável quando os temas pesquisados demandam um estudo fundamentalmente interpretativo. Assim, com a intenção de reflexão e discussão sobre o tema, buscamos compreender a concepção de cada professor participante da pesquisa.

O método de aplicar questionários semiestruturados é uma ferramenta característica dos estudos qualitativos, dentre outras coisas, para construir um diálogo de interação entre o pesquisador e os pesquisados. Vale lembrar que a fase de elaboração junto ao momento de aplicação do questionário criou uma divisão da pesquisa em dois momentos: Um primeiro direcionado à construção de ideais bibliográficas da pesquisa, e um segundo voltado para adquirir os dados que foram analisados.

Foram utilizados, portanto, questionários com o objetivo de coletar informações abertas sobre a percepção individual de professores do ensino básico a respeito da utilização do *power point* no processo de formulação e transmissão de conteúdos de língua portuguesa para os alunos, na perspectiva do ensino presencial e remoto. De forma, buscamos identificar até que ponto o material visual apresentado através dessa ferramenta auxiliava na dinâmica das aulas desse componente curricular.

Os dados foram adquiridos a partir da participação de três docentes de língua portuguesa, que lecionam na educação básica em escolas públicas e privadas da cidade de Itapecuru Mirim, Maranhão. As perguntas elaboradas deixaram cada professor livre para expor sua opinião de acordo com suas metodologias e experiências professorais, o que validou o aspecto subjetivo desse tipo de questionário. Também foi válido averiguar se havia, ou não, em seus trabalhos, um ensino que contemplava a cultura digital, as diferentes linguagens e diferentes letramentos, desde os que possuem um baixo nível de hipertextualidades, até os que envolvem a hipermídia (BRASIL, 2018), como é o caso do *power point*.

5 RESULTADOS OBTIDOS

A pesquisa, além de aflorar o saber sobre as questões ligadas às tecnologias de informação e comunicação (TICs), também possibilitou novas percepções a respeito dessas tecnologias e sua aplicabilidade nas salas de aula. Por conseguinte, fomentou compreender também a relação de proximidade entre essas ferramentas e o ensino de língua portuguesa em relação a essas duas modalidades de ensino destacadas

(presencial e remota), percepção defendida por Cobucci (2022). O estudo também se estreitou em torno da utilização de uma tecnologia específica, o *power point*. Neste caso, foi trabalhada a perspectiva do seu uso nas aulas da disciplina Língua Portuguesa, assim também como o contexto que relacionava esta ferramenta aos novos tipos de letramento inseridos nos âmbitos educacionais, que levanta as diversas formas de linguagem que podem ser utilizadas para o ensino da língua e fomenta competências nos eixos relativos à linguagem. Isso, para preparar os discentes em um caráter acadêmico e social (COBUCCI, 2022).

Para adquirir as informações necessárias foram promovidos estudos precípuos e diálogos entre o pesquisador e o público-alvo, além de uma minuciosa revisão bibliográfica para melhor embasamento com professores inseridos no ensino privado e público, para abranger as mais diversas realidades de ensino na cidade de Itapecuru Mirim, Maranhão.

A partir disso, dividimos a pesquisa em dois blocos que buscavam coletar as percepções individuais dos docentes participantes da pesquisa em duas perspectivas. Por um lado, o ensino presencial tradicional e a incorporação do *power point* como estratégia de ensino, e por outro, esse mesmo viés, porém, em relação ao ensino remoto.

Nesse sentido, com a aplicação dos questionários foi possível identificar e explicar a realidade multidimensional das tecnologias dentro das escolas. Também foi possível verificar como os professores vêm estabelecendo uma relação estável com essas TIC em sua docência, como salienta David (2020).

Para uma melhor análise dos dados coletados através das entrevistas com os professores, fizemos uma triagem de informações mediante aos setores de ensino (presencial e remoto) e mediante as percepções mais eficazes de cada docente envolvido.

Setor 1 –Perguntas direcionadas ao ensino presencial: Nesse momento do questionário, os três entrevistados destacaram a importância de inserir as TIC nas aulas e lembraram de como devemos levar em consideração o momento de ampliação tecnológica que as sociedades vivem no cenário atual, como disse o docente 3:

[...] com novas expectativas, a sociedade vive um novo tempo. [...] As tecnologias, então, possibilitam mais recursos e meios de aprendizagem aos educandos, através da comunicação visual, além de oferecer uma interação entre ambos (escola e aluno) - Professora do 4º ano no ensino privado e de reforço escolar.

Ao destacar este comentário, que resume as concepções gerais dos entrevistados, é testificada a questão de a escola aderir a um planejamento de trabalho direcionado a apresentar textos e enunciados com intenções claras, isso a partir da realidade dos estudantes ao qual a linguagem deve ser direcionada e cuidada. Ou seja, as várias faces dos gêneros textuais presentes nessas tecnologias, engajarão o aluno no processo de aprendizagem, uma vez que se trata de um mecanismo que, de fato, circulará na sociedade e na realidade pessoal de cada um (COBUCCI, 2022).

Seguindo este pressuposto, o docente 2 respondeu complementando:

[...] a evolução tecnológica [...] molda cada vez mais os gêneros textuais que produzimos quando nos comunicamos. [...] se a era é o celular, a internet, por que não utilizar? Isso é contextualidade, evolução linguística, eu diria. [...] – Professor do 6º ao 9º ano atuante no ensino público e privado.

Nesta perspectiva, é reforçado o papel dessas tecnologias na propagação dos vários gêneros textuais que permitem a criação de novos meios de comunicação entre os que se beneficiam dos estudos da língua.

Em relação à aplicabilidade da tecnologia em destaque neste estudo, o docente 1 fez considerações, antes de tudo, relacionadas à disponibilização dos recursos necessários para utilizar algum material produzido no *power point*. O que em relação ao ensino presencial, por vezes, impossibilita essa alternativa de implementar novas práticas de reprodução de linguagem através de mecanismos ligados ao conceito hipermediático por trás do uso desse tipo de programa.

Presencialmente faço uso com pouca frequência do *power point*, [...] logo, há poucos aparelhos, data-show para cinco turmas, para o seu uso devemos fazer agendamento.” – Professora do 5º ano no ensino privado.

No tocante a isto, vê-se uma das múltiplas adversidades enfrentadas pelos docentes nas escolas onde trabalham em relação às tecnologias de informação e comunicação (TICs). Seguindo esta linha de raciocínio, ainda segundo o docente 1, há necessidade de que:

A inserção das novas tecnologias em sala de aula para o ensino de língua portuguesa [...] não é muito utilizada por alguns professores devido a alguns fatores como: a falta de conhecimento do manuseio dos aparelhos por preguiça de aprender ou, ainda, por medo de serem trocados pelas TICs. Logo, o mundo contemporâneo é um espaço de reformas, de implementações, recriações e tecnologias. Como o papiro na antiguidade em relação aos Tablets e Notebooks na modernidade.” - Professora do 5º ano no ensino privado.

Primeiro, em detrimento à familiaridade em se relacionar com os novos avanços tecnológicos, o docente entrevistado ratifica a insegurança de alguns profissionais em adaptar-se a essas práticas em suas aulas (PIMENTEL *et al*, 2021). Por conseguinte, associa essa insegurança às mesmas ocorridas em outros âmbitos da sociedade, de acordo com avanços na modernização advindos da antiguidade.

A priori, os professores expuseram suas considerações individuais a respeito do uso específico do *power point* como uma tecnologia bastante vigente nas salas de aula tradicionais, e por consequência, muito pertinente ao ensino de língua portuguesa em suas múltiplas vertentes de propagação de competências linguísticas.

Setor 2 – Perguntas direcionadas ao ensino remoto: Em detrimento ao ensino remoto, foram expostas questões restritas à realidade do ensino a distância, as adversidades e potencialidades vivenciadas pelos professores, tanto no período emer-

gencial quanto nos momentos posteriores ao caos precípua da pandemia. O docente 2 começa salientando que:

No contexto remoto, o *power point* é o quadro branco que o professor utiliza. Portanto, é um importante recurso visual nessa situação. Por meio desse programa, é possível preparar um material bastante semiótico a fim de tornar a exposição do conteúdo mais atrativa.” - Professor do 6º ao 9º ano atuante no ensino público e privado.

Entre outras coisas, coloca em evidência a alternância de metodologias e materiais usados por ele no momento de troca de uma modalidade de ensino tradicional aos costumes advindos dos primórdios das práticas educacionais, por um ensino estritamente voltado para a ausência de um aspecto de contato presencial (LÉVY, 1999).

Dessa forma, o profissional da educação de língua portuguesa teve que se habituar em adaptar a sua forma de se comunicar com suas turmas, de maneira a engajá-las aos conteúdos de forma didática, considerando dentre outros aspectos, a individualidade de cada discente (uma vez que, nesta modalidade de ensino, é bastante complicado estabelecer uma proximidade relacional entre professor e aluno). Veja o que destacou o docente 3:

Os professores devem conseguir transmitir os conteúdos em tempo hábil e com clareza, levando em consideração o processo de aprendizagem de cada educando - Professora do 4º ano no ensino privado e de reforço escolar.

Sobre as práticas de ensino voltadas à modalidade *on-line*, o docente reforça a importância de equilibrar as práticas educativas às práticas pedagógicas de interação e mediação do professor. Uma vez que destaca o ensino eficaz, apesar das adversidades por trás de uma sala de aula construída por uma plataforma de ensino *on-line*.

Muitos são os desafios para compreender e ensinar o aluno, no entanto, o profissional deve, com insistência, buscar promover as melhores estratégias para disseminar os estudos da linguagem. E o *power point* é uma alternativa mais que pertinente neste caso.

Assim, como na situação do ensino presencial, no ensino a distância os docentes também enfrentam os desafios em relacionar-se com essas ferramentas (desafios em relação à infraestrutura e até mesmo de letramento digital por parte dos professores), como fundamenta Pimentel *et al* (2021).

Na perspectiva de seus estudos, coloca que essa é uma realidade imersa em descasos, negligências e carências, por vezes, o que não impede novos meios e novas práticas didático-pedagógicas. Isso, porque as novas formas de fazer educação, especialmente no que diz respeito às tecnologias, transcendem o espaço escolar presencial (PIMENTEL *et al*, 2021).

Setores 1 e 2 – Concepções em comum ao uso da tecnologia sob o olhar dos três entrevistados: É primordial estabelecer uma opinião em comum sob o olhar de

todos os participantes da pesquisa. Isso, porque se trata de um tema que abraça a nova realidade cultural de ensino no momento presente, a inserção das TICs no ensino de língua portuguesa, de forma específica e a aplicabilidade de programas como *power point* sendo estratégia de reprodução de conteúdo.

Pode-se observar a resposta abaixo, retirada dos dados coletados com abrangência por cada um dos professores entrevistados:

os documentos que orientam o ensino de língua portuguesa apontam os gêneros textuais como objeto de ensino. E levando em consideração o cenário não só moderno, mas, hipermoderno, ele tem proporcionado cada vez mais produções de textos semióticos. Diante disso, é essencial que o ensino, a partir dos gêneros textuais, contemplem o aspecto multimodal. - Contexto de resposta unânime entre os entrevistados.

Portanto, consolidando as teses levantadas desde a idealização desta pesquisa, é evidente as múltiplas justificativas por trás do uso das tecnologias de informação e comunicação nos vários ambientes onde ocorre a dinâmica de ensino e aprendizagem entre professores e alunos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, em detrimento às questões educacionais, o presente estudo objetivou promover uma discussão construtiva a respeito do ensino de língua portuguesa. Isso, em uma perspectiva remota e presencial, destacando as tecnologias de informação e comunicação (TIC) como ferramenta de trabalho dos docentes em suas práticas professorais.

Destacou-se a presença dessas tecnologias de forma efetiva no ensino, desde o momento emergencial da pandemia (COVID-19), até os dias atuais. Em uma perspectiva outrora ampla e posteriormente delimitada, apresentamos a tecnologia em destaque neste estudo, o *power point*, e foi salientada sua aplicabilidade nas aulas, como ferramenta de produção de material didático para os alunos.

Exploramos aspectos do multiletramento que deve estar inserido nas **práticas de ensino da língua**, justamente para potencializar o aprendizado em relação às muitas formas de linguagem as quais estão presentes na realidade dos discentes, podendo ser utilizadas no fazer professoral de cada docente.

Evidenciamos a necessidade de contemplar as novas tecnologias nas escolas. Isso, segundo as próprias leis e documentos que regem a execução do trabalho dos professores na educação básica. Foi considerada a amplitude das vertentes de estudo da língua portuguesa, estando entre elas o desenvolvimento do saber acadêmico em relação aos eixos da linguagem, além do desenvolvimento de compreensão de mundo e as questões sociais. Ou seja, um trabalho de construção para criar indivíduos letrados e capazes de estabelecer relações coletivas entre si e as adversidades

presentes nas sociedades atuais. O letramento digital através das hipermídias, nesse contexto, é um dos fatores que possibilitam isso.

Desse modo, é notória a importância desse estudo, uma vez que, justifica **o quão essencial é a inserção dessas práticas metodológicas no dia a dia dos alunos**, pois dessa forma, vigora uma lapidação dos saberes tecnológicos para uma geração que se faz cada vez mais direcionada às novas culturas digitais.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
- COBUCCI, Paula. Novas práticas de ensino de língua portuguesa em ambientes virtuais multifacetados de aprendizagem, *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, SC, v. 22, n. 1, p. 105-124, jan./abr. 2022.
- DAVID, Ricardo Santos. Tecnologias digitais de informação e comunicação no ensino da língua portuguesa, *Revista de Letras JUÇARA*, Caxias – Maranhão, v. 04, n. 02, p.35 - 53, dez. 2020.
- LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999. Disponível em: <https://www.giulianobici.com/>. Acesso em: 27 nov. 2022.
- PAULILO, Maria Angela Silveira. A pesquisa qualitativa e a história de vida. In: Serviços social em revista / *publicação do Departamento de Serviço Social*, Centro de Estudos Sociais Aplicados, Universidade Estadual de Londrina. Vol. 1, n. 1, Jul./Dez. 1998.
- PIMENTEL, Lisandra Amparo Ribeiro et al. In: SILVA, Emmanuelle Ferreira Requião; OLIVEIRA, Verônica da Cruz (Organizadoras. Multiletramentos para uma prática inovadora na escola contemporânea. Ed. Quirinópolis, GO: Editora IGM, 2021.
- REZENDE, Flavia; COLA, Cláudio dos Santos Dias. Hipermídia na educação: Flexibilidade cognitiva, interdisciplinaridade e complexidade, *Rev. Ensaio*, Belo Horizonte, v.06, n.02, p.94-104, jul-dez, 2004.
- SOUSA, Angélica Silva; OLIVEIRA, Guilherme Saramago; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos, *Cadernos da Fucamp*, v.20, n.43, p.64-83/2021.
- SOUSA, Socorro de Maria Rodrigues et al. Estratégias tecnológicas utilizadas no ensino durante a pandemia. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 1, p.1-10, 04/01/2022.



Publicado em: 12.02.2024

O IMPACTO DO WHATSAPP NA ESCRITA FORMAL DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO: UM ESTUDO DE CASO

Elandia Albuquerque

Universidade Estadual do Maranhão, Brasil

E-mail: elandiasilva671@gmail.com

RESUMO

O presente artigo visa abordar os impactos ocasionado pelo constante acesso a aplicativos de mensagens na escrita padrão dos alunos do Ensino Médio. Neste âmbito, apresenta o *WhatsApp* como veículo que interfere diretamente para o crescimento dos desvios da escrita formal dos alunos supracitados. A fundamentação teórica utilizada nesta pesquisa adota os pressupostos de Antunes (2003), Barbeiro e Pereira (2017), como também a BNCC (2018). Para a construção do trabalho, foi utilizada a pesquisa qualitativa, apoiada em questionários e observação do grupo focal. A pesquisa mostrou que a escrita padrão foi impactada de forma negativa pelo uso de aplicativos de mensagens, tais como, o *WhatsApp*, uma vez que os alunos não diferenciam as situações de uso da linguagem forma e da não formal.

Palavras-chave: Whatsapp; Escrita padrão; Ensino médio; Tecnologia.

THE IMPACT OF WHATSAPP ON THE FORMAL WRITING OF HIGH SCHOOL STUDENTS: A CASE STUDY

ABSTRACT

This article aims to address the impacts caused by the constant access to messaging applications on the standard writing of high school students. In this context, it presents WhatsApp as a vehicle that directly interferes with the growth of formal writing deviations of the aforementioned students. The theoretical framework used in this research adopts the assumptions of Antunes (2003), Barbeiro and Pereira (2017), as well as the BNCC (2018). For the construction of the work, qualitative research was used, supported by questionnaires and observation of the focus group. The research showed that standard writing was negatively impacted by the use of messaging applications, such as WhatsApp, since students do not differentiate between formal and non-formal language use situations.

Keywords: WhatsApp; Standard writing; High school; Technology.

1 INTRODUÇÃO

O uso das ferramentas tecnológicas em sala de aulas tem sido bastante eficiente, pois vem ajudando no desempenho dos alunos, deixa as aulas mais dinâmicas e promove a interação professor-aluno. No entanto, é sabido que as produções dos alunos vêm sendo insuficiente no que diz respeito ao domínio da norma culta, pois o uso de palavras abreviadas, falta de acentuação e pontuação têm feito parte da rotina de estudantes e professores. Dessa forma, o presente trabalho investiga a relação entre o uso da tecnologia com a escrita dos discentes. Tendo em vista a amplitude desse tema, este estudo tem o objetivo de mensurar os impactos do *WhatsApp* na escrita formal dos alunos. A pergunta que pode ser levantada é: mas por que o *WhatsApp*?

Devido a sua grande popularidade, o *WhatsApp* virou popular entre os brasileiros, especialmente, entre os jovens que o usam para tudo. Com a chegada da Pandemia da covid19, essa ferramenta passou a ser usada como recurso educacional, possibilitando a comunicação entre alunos e professores. Aparentemente inofensivo, esse aplicativo impactou a escrita durante o isolamento social, por ser um dos meios educacionais utilizados naquele período e, ao mesmo tempo, consistir em uma forma de lazer e interação dos usuários. Logo, os alunos utilizavam a linguagem virtual, sem seguir a norma culta, em todas as interações, fossem elas educacionais ou não.

Pesando nisso, esta pesquisa tem por objetivo apresentar os impactos do *WhatsApp* na qualidade da escrita padrão. Para entender o objetivo supra posto, foi realizada uma pesquisa com alunos de escola pública da cidade de Itapecuru Mirim, Maranhão.

Este artigo é composto por cinco seções. A primeira é a fundamentação teórica que foi utilizada na construção deste trabalho. Nela, apresentamos as observações de Antunes (2003), da BNCC (2018), como também a Cartilha de redações do ENEM (2019). A segunda seção é a metodologia, que vem mostrando como ocorreu a pesquisa e quais meios usados para o referente trabalho. A terceira seção é a análise dos dados obtidos durante a pesquisa. A quarta seção é composta pelas considerações finais, seguida das referências usadas no trabalho.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A tecnologia como ferramenta de aprendizagem nas escolas vem crescendo rapidamente e contribuindo bastante com o ensino. Segundo os autores Mattar; Czeszak; Díaz; Moser; Silva e Silva (2021), a introdução de novas tecnologias associadas às diferentes metodologias ativas tem sido um diferencial importante para o desenvolvimento de novas formas de facilitar a construção de posturas mais proativas. A Base Nacional Comum Curricular também declara a importância do uso das tecnologias para uma aprendizagem significativa, com demonstra o excerto a seguir:

Propostas de trabalho que possibilitem aos estudantes o acesso a saberes sobre o mundo digital e a práticas da cultura digital devem também ser priorizadas, já que impactam seu dia a dia nos vários campos de atuação social.

Sua utilização na escola não só possibilita maior apropriação técnica e crítica desses recursos, como também é determinante para uma aprendizagem significativa e autônoma pelos estudantes (BNCC, 2018, p. 478).

Em razão da pandemia do Novo Corona Vírus em 2019, as aulas presenciais tiveram que ser suspensas e a interação professor-aluno teve que ser reinventada, passando a ser totalmente a distância. Isso dificultou o processo de ensino-aprendizagem, mesmo com a tecnologia a favor, ambos reclamaram bastante das dificuldades encontradas.

Não obstante, descobriu-se que a comunicação virtual ter sido a única alternativa nesse período tão difícil. Muitas das palavras usadas nos aplicativos de mensagens, como o *WhatsApp*, passaram a fazer parte do vocabulário cotidiano desses alunos, comprometendo a sua escrita e o seu desempenho escolar. Conforme, explica Antunes (2003), isso “nos leva a admitir que somente uma concepção interacionista da linguagem, altamente funcional e contextualizada, pode de forma ampla e legítima, fundamentar um ensino da língua que seja, individual e socialmente, produtivo e relevante”.

Diante disso, professores vêm observando que os erros de pontuação e ortografia estão atrelados ao uso exacerbado e ao contato desenfreado com as linguagens virtuais. Percebe-se que os jovens não sabem como escrever determinadas palavras ou como usar uma vírgula que, aliás, para eles têm a função de pausa respiratória. A situação fica mais precária quando analisada suas produções textuais, a exemplo, a redação. Segundo Cordeiro (2012), escrever e falar conforme preceitua a gramática não é fácil. Porém, escrever sem o Norte dela é muito pior.

Nesse contexto, o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), avalia a redação através de 5 competências, a primeira delas, é a mais preocupante entre estudantes, pois, avalia o domínio da escrita na forma padrão. Erros que passam despercebidos no cotidiano tornam-se cruciais nesse exame. Segundo a cartilha de Redações do ENEM, lançada pelo INEP, em 2019:

Uma das primeiras questões que devem ser consideradas na avaliação da Competência I é que a escrita formal da Língua Portuguesa pressupõe um conjunto de regras e convenções estabelecidas ao longo do tempo. É importante enfatizar que aqui estamos tratando da escrita formal, uma vez que é a escrita mais adequada a textos dissertativo-argumentativos, e que a exigência de utilizar essa escrita fica explícita para os participantes já na proposta de redação: (ENEM REDAÇÕES, 2019, p. 5).

Prensyk (2001), diz que os estudantes atuais são “nativos digitais”, pois fazem parte da geração que nasceu com a tecnologia. Ensinar alunos dessa geração não é tarefa fácil, já que os professores não conhecem o perfil dos estudantes e, além disso, precisam se fazer presentes na realidade deles, compartilhando informações para só então, conseguir orientá-los de maneira ativa e dinâmica. Quanto a isso, Bacich e Moran (2018), diz que:

Tanto na escola como fora dela, é muito importante a comunicação entre pares, entre iguais, dos estudantes entre si, trocando informações, participando de atividades em conjunto, resolvendo desafios, realizando projetos,

avaliando-se mutuamente. É na comunicação entre grupos, nas redes sociais, que compartilham interesses, vivências, pesquisas, aprendizagens. A educação se horizontaliza e se expressa em múltiplas interações grupais e personalizada (BACICH; MORAN, 2018, p. 52).

Segundo a BNCC (2018), mesmo considerando a cultura digital, os multiletramentos e os novos letramentos a “cultura do impresso (ou da palavra escrita) continuam sendo centralidade na educação”. Vale ressaltar, que mesmo com o aluno sendo sujeito ativo na produção do próprio conhecimento, é preciso direcioná-lo quanto ao uso excessivo da linguagem virtual e ao vício e seus efeitos negativos, pois a escrita padrão é dotada de regras, diferentes da informal. Além disso, ela advém de séries de combinações para serem seguidas.

A escrita exige a capacidade de selecionar e combinar as expressões linguísticas, organizando-as numa unidade de nível superior, para construir uma representação do conhecimento, correspondente aos conteúdos que se quer expressar. A escrita encontra no texto a forma mais relevante de representação do conhecimento. Escrever é, em grande parte das situações, escrever um texto (BARBEIRO e PEREIRA, 2007, p.17).

Dessa forma, é evidente que o vício de linguagem é o maior vilão na escrita padrão. A escrita informal como nos grupos de amigos pelo *WhatsApp*, tem contribuído muito para tal efeito, nesses últimos anos. Buscando ficar atualizados sobre tudo e todos, os jovens vêm aderindo às novas formas de comunicação muito rápidas.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa foi realizada na escola Centro de Ensino Médio Professor Newton Neves, povoado Leite, município de Itapecuru Mirim, no Estado do Maranhão, entre o período de agosto a novembro de 2022, com uma turma de vinte alunos do Ensino Médio. Todas as etapas os alunos estavam presentes e seus relatos orais entraram na pesquisa, não contam como uma etapa, mas, como valores a serem agregados.

A coleta de dados aconteceu por meio de observação da escrita, tanto na escola quanto nas conversas do *WhatsApp*, seguido de um questionário simples e individual composto por seis perguntas objetivas e uma subjetiva, às quais foram atribuídas aos alunos.

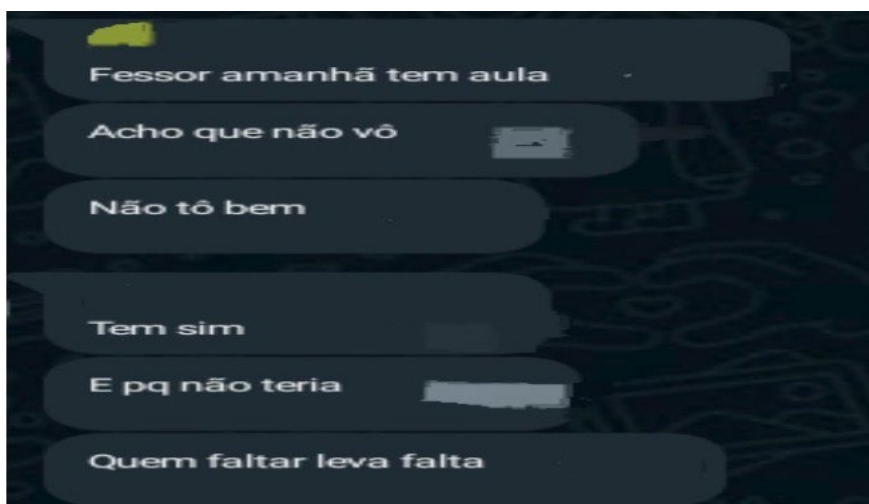
4 ANÁLISE DE DADOS

Como foi dito, essa pesquisa dividiu-se em três etapas, e, a análise de dados se deu em três etapas. Primeiramente, foram observadas as mensagens entre alunos e seus professores, de qualquer área, em conversas do *WhatsApp* e constatou-se que os desvios não eram relevantes e que só importava a comunicação. Oriundos dos dois lados, os desacertos passam despercebidos ou inequivocadamente não são corrigidos porque fazem parte apenas de uma conversa informal, o que se torna fator determinante para falhas na escrita padrão.

Observou-se, que os alunos não tinham seus cadernos revisados pelos professores e, que quando acontecia era só o famoso “visto” sem nenhuma leitura do que estava escrito e até mesmo, o “muito bom” no canto do caderno, indicando que tinham olhado o texto ou atividade e que, não continha nenhum “erro” ou que estava dentro do exigido. Analisando as atividades referentes a alguma nota, foram encontrados pequenos traços de caneta vermelha que, sinalizavam algum tipo de correção por parte dos professores, mas as palavras marcadas como erradas não apareciam de forma correta na maioria dos cadernos revisados.

Partindo para a segunda fase, foram analisados os cadernos escolares dos alunos que estavam no grupo para saber se a escrita digital estava de fato influenciando na escrita padrão. Obteve-se o resultado positivo para a hipótese dessa etapa. Foram encontrados todos os desvios presentes nas conversas do *WhatsApp*. Tais como: ausência de pontuação, escrita abreviada. Conforme mostra essa conversa entre um aluno e seu professor.

Figura 1: Conversa do grupo de WhatsApp entre professor e aluno.



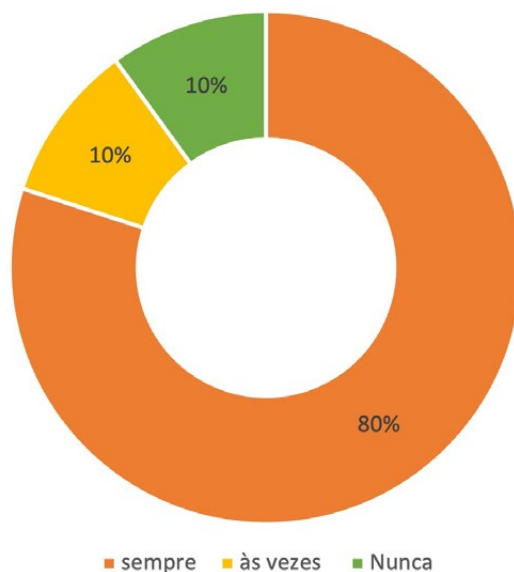
Fonte: *Print* coletado pela pesquisadora no grupo de trabalho da escola pesquisada.

Segundo os próprios estudantes, os professores só olhavam os cadernos para saber se as atividades estavam todas respondidas, se a aula estava transcrita, nunca era uma leitura de fato. Os alunos ainda relatam que muitas vezes se sentem aliviados, porque sabem dos erros que os professores podem encontrar, pois escrevem abreviados quando estão com preguiça ou quando não gostam das aulas e que só tentam escrever corretamente quando vale nota.

A última etapa contou com um pequeno questionário, passamos aos resultados obtidos. Questionados se usavam palavras abreviadas no *WhatsApp*, todos responderam que sim. Oralmente acrescentaram que, é normal, mais rápido e até mesmo mais fácil e, já que não vale nota não tem por que escrever “certo”, ninguém se importa. Vale ressaltar, que houve dificuldade de compreender a pergunta, pois a

maioria não sabia o que significa a palavra abreviação. A segunda pergunta tratava sobre o uso do *WhatsApp*, com qual frequência eles usavam o aplicativo.

Gráfico 1: Frequência de utilização do WhatsApp.

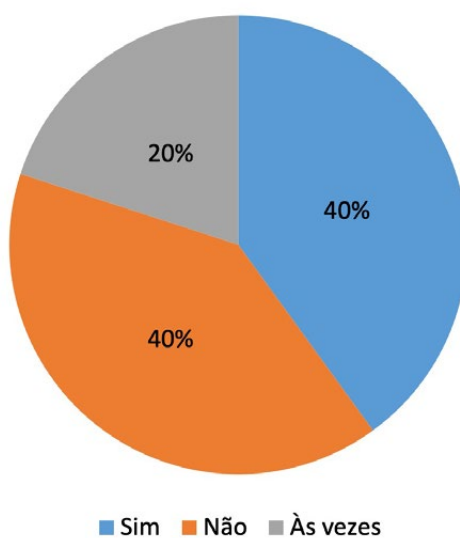


Fonte: Dados da pesquisa.

Como o gráfico mostra, 80% (oitenta por cento) dos alunos responderam que o usam sempre, 10% (dez por cento) às vezes, e 10% (dez por cento) responderam que quase nunca ousava o aplicativo.

Na terceira, foi perguntado se havia erros ortográficos nas mensagens e, novamente, todos disseram que sim e, ainda, afirmaram que é o que mais tem e, às vezes, dizem: “eu nem entendo o que está escrito, mas mudo de assunto e continuo a conversa”. A quarta pergunta, refere-se à escrita abreviada nas aulas de língua portuguesa.

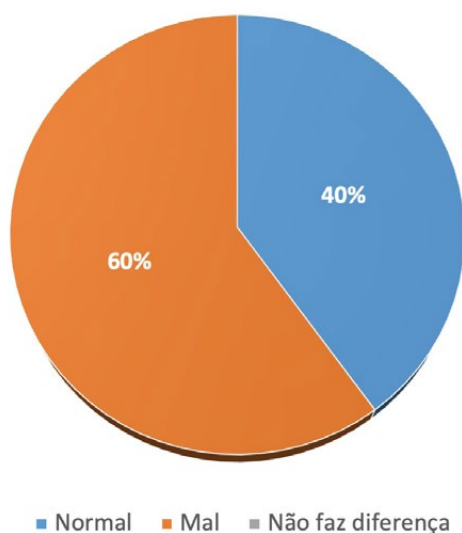
Gráfico 2: Você escreve abreviado nas aulas de português?



Fonte: Dados da pesquisa.

Vimos que 40% (quarenta por cento) dos alunos disseram que escrevem abreviado, 20% (vinte por cento) relatou que não e, 40% (quarenta por cento) responderam que às vezes. Diante disso, notamos que o uso do *WhatsApp* pode influenciar na escrita dos alunos, mesmo sem perceber esses estudantes internalizam a linguagem que usam nesse aplicativo para a sua vivência escolar.

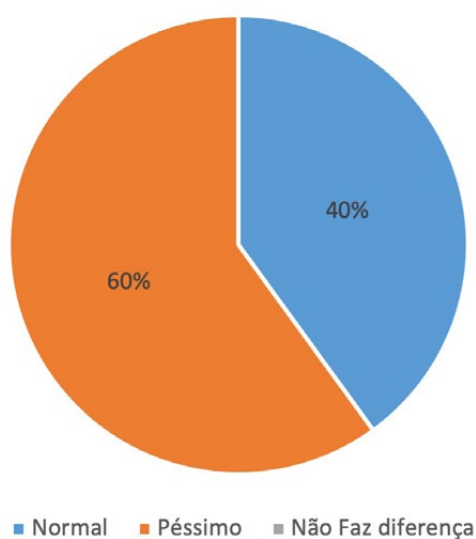
Gráfico 3: Como você se sente quando erra algumas palavras?



Fonte: Autoria Própria.

Em relação ao desvio da escrita no *WhatsApp*, foram questionados com se sentiam e, 40% (quarenta por cento) disseram se sentir mal enquanto, 60% (sessenta por cento) relataram que não fazia diferença. A última pergunta objetiva era voltada para a escrita “errada” na escola e qual a sensação em relação a isso.

Gráfico 4: Como você se sente ao escrever errado na escola?



Fonte: Dados da pesquisa.

Conforme o gráfico acima, 40% (quarenta por cento) disseram sentir normal, enquanto 60% (sessenta por cento) responderam que se sentem péssimos. A sétima questão, totalmente subjetiva, os alunos tiveram que relatar se o *WhatsApp* influenciou na escrita padrão, deixando-a melhor ou pior e, logo depois justificar a resposta. A intenção era descobrir como estava a escrita e saber qual a opinião crítica dos estudantes a respeito da linguagem digital. Sem citar nomes, traremos as respostas obtidas, chamando-os de A1, A2 e, assim, por diante.

Quadro 1: O *WhatsApp* influenciou a sua escrita padrão? Justifique a sua resposta.

A1	Melhor e pior	Ao mesmo tempo pq tem hora que eu penso que tô escrevendo no WhatsApp aí por isso minha escrita ficou diferente.
A2	Melhor	Porque a minha escrita era muito ruia depois do WhatsApp melhorou cem pusento agora posso dizer que eu sou das melhores.

Fonte: Dados da pesquisa.

No quadro acima, estão os dados dos alunos A1, e A2, as respostas foram transcritas da mesma forma que eles responderam. Como observado, o aluno A1 utilizou a linguagem virtual, mesmo sem perceber; diferente do A2 que, escreveu do jeito que fala no dia a dia, sem se preocupar com a grafia correta. Ambos os estudantes apresentaram erros na escrita padrão, mas só o A1, usou os clichês dos aplicativos de mensagens os (pq e tô).

Quadro 2: O *WhatsApp* influenciou na sua escrita padrão, deixando-a melhor ou pior? Justifique sua resposta.

A3	Pior	Quando comecei a usar o WhatsApp, comecei também a abreviar as palavras, o WhatsApp deixou minha escrita bagunçada.
A4	Pior	Pois à alguma costumes do WhatsApp que acabam ficando na escrita.
A5	Pior	Pois esse APP influenciou o uso abreviações com maior frequência e, isso tem sido prejudicial em minha escrita de redação, respostas de atividades na escola.
A6	Pior	Pois me deixou preguiçosa. Às vezes eu escrevo abreviado por mera preguiça.
A7	Pior	Porque às vezes eu escrevo errado na escola. Não por querer, mas por pegar certo costume. Ou seja, erro sem perceber que estou errando.

Fonte: Dados da pesquisa.

Os estudantes A3, A4, A5, A6 e A7 relataram que sua escrita piorou, pois às vezes escrevem abreviado na escola por mera preguiça, e que os costumes do *WhatsApp* acabam ficando na escrita e, por isso, estão sempre abreviando. Apenas o aluno A8 relatou que não fez diferença o uso do *WhatsApp* na sua escrita formal.

É importante ressaltar que os dados estão de acordo com a escrita dos estudantes que se submeteram ao questionário, nada foi alterado. Pois na última pergunta estava sendo avaliado também a escrita formal deles.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao apresentar os impactos causados pelo *WhatsApp* na escrita padrão, constatamos que a linguagem utilizada nesse e em outros aplicativos de mensagens afetam os jovens em suas produções escolares. O imenso contato e o uso exagerado das mídias digitais e das linguagens que ali circulam são fatores determinantes nos desvios da escrita formal.

Vale ressaltar que, mesmo em ambientes informais, especialmente, àqueles que envolvem a escrita, como os aplicativos de mensagens, é sempre bom ter em mente como é a grafia corretas das palavras e não as esquecer, justamente por causa do vício de linguagem. É importante alertar os alunos para os efeitos das linguagens que circulam no meio digital, pois naquele meio a informalidade prevalece diferente de ambientes sociais, como a sala de aula.

Portanto, faz-se necessário o acompanhamento da linguagem virtual como instrumento a ser estudado na sala de aula, junto com os alunos. É preciso refletir sobre os impactos que essa linguagem traz para os mesmos e, torná-los cientes dos limites da linguagem formal e informal.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro & interação**. São Paulo: editora, Parábola, 2003.

BACICH, Lilian; MORAN, José. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso 2018.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), **A Redação no ENEM**, Cartilha do participante, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**, Brasília, 2018.

BARBEIRO, Luís Felipe; PEREIRA, Luísa Álvares. **O ensino da escrita: a dimensão textual**. Ministério da Educação: Direção Geral de inovação e de Desenvolvimento Curricular Lisboa, 2007.

CORDEIRO, Pedro. **Linguagem padrão: o que é e sua importância.** Recanto das Letras, 2012. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/gramatica/3859269/> acesso em: 29 de abril de 2023.

MATTAR, João; CZESZAK, Wanderlucy; DÍAZ, J.G.; MOSER, C.A.; SILVA, J.E; SILVA, M.A. **Educação na contemporaneidade: Aprendizagem, uso da tecnologia e metodologias ativas no ambiente escolar;** – Palmas: EDUFT, 2021, p. 255.

MARTINSS, Rita Maria Pires. **Metodologias ativas e Tecnologias Digitais nas Aulas de Produção Escrita em Língua Portuguesa: Uma sugestão de Aplicabilidade.** 59 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Pampa, LETRAS, PORTUGUÊS, 2022.

Poema de
Luís Augusto Cassas

SETE CHACRAS

1

No 1º Dia criou-se o Alimento

Os raios de sol precipitaram-se na árvore da vida
y nasceram a coca-cola y o hamburguer da Mcdonald's

a banana-da-terra os rest. franceses

o tahine a soc. por ações

o spaghetti à bolonhesa o boi no pasto

a fábula da raposa y as uvas

os institutos de beleza o suco de maçã

as academias de ginástica

o óleo de fígado de bacalhau o caviar c/ torradas

y o chá de boldo

(o chocolate suíço o marshmellow y o ketchup

foram saudados em rituais iniciáticos

y estocados como alimentos da nova era)

E ele sentiu-se satisfeito

com o que havia colhido

2

No 2º Dia criaram-se as ideologias

Os raios de sol voltaram a precipitar-se na árvore da vida
y nasceram os profetas da ordem econômica y social:

a Organização das Nações Unidas o arame farpado
a Fiesp a prop. priv.
as tábuas de Moisés a escada de Jacó
os mísseis scud o dólar paralelo
Jacques Derrida a bolsa de valores
a pomba da paz y o tigre da Esso
as escadas rolantes y o Banco de Tokio
nasceram de outra costela

(Foi no 2º Dia da Criação
que o homem em sua Epístola aos Surdos e
Apoquentados
tentou criar Deus à sua imagem y semelhança)

E ele concluiu que estava satisfeito
com o que havia recebido

3

No 3º Dia criou-se o sexo
Y foi feita a revelação de que teria o primeiro samadhi
usando a vestimenta do corpo físico
O prana y o kamasutra o triângulo de Keops
y as lentes de contato
a minissaia y o retrato partido de Freud o prazer y a culpa
O calor de 40 graus y os pés descalços de Santa Maria Egípcíaca
a escalada do Himalaia y a descarga de consciência

as ilhas de nudismo y as virgindades das ninfas
o cetro do papa o surrealismo de Breton y as usinas nucleares
foram conquistas
do 3º dia

E concluiu que estava satisfeito

E disse: Good!

Publicado em: 12.02.2024

ARK: <https://n2t.net/ark:/35231/pergaminho.v3n1.72>



Luís Augusto Cassas

O AUTOR E SUA OBRA

Luís Augusto Cassas nasceu em 1953, em São Luís do Maranhão e reside em São Paulo.

Buscador e não-buscador, sua jornada lírica tem sido progressivamente restaurar com os materiais da vida, trazidos à poesia, a circulação do bem, do belo, da verdade, da justiça, construindo de maneira integradora a essência do nome de Deus, Iod+ He+ Vav + He, na travessia da consciência do humano.

Aos trinta anos, travou conhecimento com a obra de Carl Jung, I Ching, taoísmo, que lhe ampliaram a compreensão da vida e do mundo. À busca do transcendente, desenvolveu uma ampla experimentação, assim como a incorporação e a dissolução de códigos, com os quais vestiu seu azul.

A partir de 1981, data de sua estreia, publicou vinte e sete livros de poemas. A saber: República dos Becos; A Paixão Segundo Alcântara e novos Poemas; Rosebud; O Retorno da Aura; Liturgia da Paixão, Ópera Barroca; O Shopping de Deus & a Alma do Negócio; Titanic – Boulogne: A Canção de Ana e Antônio; Bhagavad-Brita: A Canção do Beco; Deus Mix: Salmos Energético de Açai c/ Guaraná e Cassis; O Vampiro da Praia Grande; Em Nome do Filho: Advento de Aquário; Tao à Milanese; Evangelho dos Peixes para a Ceia de Aquário; Poemas para Iluminar o Trópico de Câncer; A Mulher que Matou Ana Paula Usher; O Filho Pródigo ; Bacuri-Sushi: A Estética do Calor; A Ceia Sagrada de Míriam; O Livro, compreendendo: Livro I – O Sentido (Relatos da Fumaça do Incenso), Livro II – O Paraíso Reencontrado; enfeixados em A Poesia Sou Eu; Poesia Reunida, dois volumes encadernados (Imago Editora, RJ, 2012).

São obras mais recentes A Pequena Voz Interior & Outros Comícios do Vento; Maria, a Fortaleza Sutil que Vence toda Força; Paralelo 17; Quatrocentona: Código de Posturas e Imposturas Líricas de São Luis do Maranhão; Uma Bota para Netuno; Cotidiano, o Sagrado; República dos Becos e Novos Poemas.

A poesia tem sido o seu bunker, templo, cinema, psicoterapia.





Rua Paulo Bogéa, s/nº - Centro
Itapecuru Mirim - Maranhão